

O PRINCIPIO
DE
NACIONALIDADE

Ensaio de analyse conceitual

POR

JOÃO PERESTRELLO

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE A. M. TEIXEIRA

1917



*Lucio ~~cauê~~
Pereira*

ERRATA

Paginas	Linhas	Onde se lê	Leia-se
13	25	visão	vizão
14	4	visão	vizão
18	25	Bacon, o chanceler no sentido	Bacon o chanceler, no sentido
31	15	ideia	idea
31	18	ideias,	ideas,
37	3	especial	espacial
37	26	trabalhe	trabalho
40	9	stractos	estratos
43	3	veses	vezes
43	15	intelecto-	intellecto-
43	18	agregado	aggregado
158	10	varicar	verificar
164	27	do	ao



O PRINCIPIO DE NACIONALIDADE

Ensaio de analyse conceitual

POR

JOÃO PERESTRELLO

ENG. E PROP.



LISBOA

Comp. e imp. na Typographia do Annuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

1917

N.º 94

Aos estudiosos
e
aos defensores
DA
NACIONALIDADE PORTUGUEZA

MAIO DE 1917.

Dedica o auctor.

THE UNIVERSITY

OF CALIFORNIA

LIBRARY

MAY 1972

LIBRARY

Indice

Prologo.....	pag.	IX a XIV
Introdução	»	1 » 22
Capitulo I.....	»	23 » 45
» II	»	47 » 58
» III	»	59 » 88
» IV	»	89 » 99
» V.....	»	101 » 111
» VI	»	113 » 133
» VII	»	135 » 139
Notas	»	143 » 167

Index

1	1
2	2
3	3
4	4
5	5
6	6
7	7
8	8
9	9
10	10
11	11
12	12
13	13
14	14
15	15
16	16
17	17
18	18
19	19
20	20
21	21
22	22
23	23
24	24
25	25
26	26
27	27
28	28
29	29
30	30
31	31
32	32
33	33
34	34
35	35
36	36
37	37
38	38
39	39
40	40
41	41
42	42
43	43
44	44
45	45
46	46
47	47
48	48
49	49
50	50
51	51
52	52
53	53
54	54
55	55
56	56
57	57
58	58
59	59
60	60
61	61
62	62
63	63
64	64
65	65
66	66
67	67
68	68
69	69
70	70
71	71
72	72
73	73
74	74
75	75
76	76
77	77
78	78
79	79
80	80
81	81
82	82
83	83
84	84
85	85
86	86
87	87
88	88
89	89
90	90
91	91
92	92
93	93
94	94
95	95
96	96
97	97
98	98
99	99
100	100

PROLOGO

Origem d'este trabalho — Definições basilares — O conceitualismo affirmativo — O problema philosophico da totalidade e o problema sociologico da communitade — Os limites que se impozeram ao presente estudo.

I — A origem do presente ensaio provem da necessidade, que sentimos, de encontrar uma base, induzida da realidade da experiencia historico-social, que podesse servir de appoio a um estudo relacionado com o problema da nacionalidade, no qual a nossa attenção é forçosamente solicitada pela frequencia com que se nos depara o termo «fronteira», indistinctamente applicado em mais de uma accepção.

A noção imprecisa d'esse termo permite que certos auctores sigam, irreflectidamente, ao correr da pena, em confundir o significado de «fronteira» historico-politica, com certa successão de accidentes de natureza topographica, a que chamaram insensatamente «fronteira natural», á falta de outra palavra, recusada pela deficiencia do vocabulario ao predominio de uma ideia inconsistente.

A' identidade da terminologia seguiu-se, invo-

PROLOGO

luntario ou propositado, o equivoco das idéas, talvez por certa confusão mental, derivada de um phenomeno de debilidade reactiva do espirito contra a conhecida influencia das «phrases feitas», que na sua propaganda segue a esteira de todas as sugestões, tão conhecidas n'este caso com o nome de psytatismo.

2 — Cada povo possui o seu «habitat» historico e ethnologico que se chama Paiz, e este apresenta uma linha peripherica, um limite marcado na historia politica e no territorio, dentro de cujo ambito a totalidade, que n'elle se encerra, se chama Nação.

Sobre esta realidade objectiva e positiva de Nação se fundamenta a origem e o conceito philosophico e juridico de Nacionalidade. Bem longe nos encontramos, pois, logo desde o começo, da consideração de accidentes topographicos e da idea absolutamente secundaria de «fronteira natural».

A existencia de uma supposta correlação entre a idea de Nacionalidade, erigida sobre os dados positivos da differenciação historica, e a noção das difficuldades, hoje bem removidas, de transpor linhas d'agua e de cumiadas, é pois fundamentalmente futil na sua origem, e inepta como argumento na dialectica internacional e em todo o commercio das ideas, sendo pois certo, que uma especie de fraqueza da mentalidade critica tem permitido tal erro

PROLOGO

e que elle não seja repellido com aquelle justificado desdem, que é natural sentir-se pela obtusidade na auctoria dos argumentos.

Fóra do campo conceitual (a que restringimos o presente trabalho) a attenção sobre a ficção da existencia de uma relação logica, entre accidente topographico e limite politico positivo, é solicitada pelos conflictos marcados na historia do latrocinio internacional, na qual se repete-sempre o mesmo ou parecido caso: a falta dos taes accidentes na fronteira politica é argumento para se tentar aniquilar completamente a alheia independencia e dominio, e, no caso de existirem taes accidentes dentro da area cubiçada, elles constituem elemento basilar no projecto de invadir o territorio até encontrar esses accidentes, conformemente com a capacidade do desejo e da realisação. Differem apenas os casos, no gráo em que o latrocinio se pode realisar, não por limitações da «consciencia internacional», mas sim da força bruta e do theor da brutalidade disponivel.

Senão, veja-se a presente licção de factos da invasão teutonica, isto é racial, contra a França, a Belgica e os paizes Balkanicos.

3 — O orbe da terra e os povos, que o habitam, isto é, o mundo politico-social, acha-se praticamente dividido em Nações, dotadas, cada dia, com

PROLOGO

mais affervorado sentimento de nacionalidade. E' pois natural, que o principio de Nacionalidade seja determinavel por uma serie de inducções, marcando um caminho a travez da observação universal. E' n'este campo que tentamos a nossa analyse, e por meio d'ella tratamos os problemas, cujas soluções apresentamos sob a forma conceitual de conclusões affirmativas.

O conceitualismo, que caracteriza o presente trabalho, approxima-se assim, d'aquella feição, com que se limita o dominio onde o optimismo encontra a sua propria razão de ser no mundo das ideas, obtendo a confirmação da sua fecundidade na experiencia historica e na observação contemporanea.

*
* *

4 — O assumpto, que tomámos para objecto do nosso estudo, apresenta-se-nos em primeiro logar na ordem de apprehensão, como pertencente á nossa esphera da mentalidade affectiva e volitiva e exigindo, portanto, uma analyse de introspecção. Reduzimol-a a um minimo sufficiente para o nosso intuito, pois que este se abrange no sentido de podermos considerar o sentimento patrio, não no individuo isolado, mas principalmente nas suas relações perante a sociedade, que constitue o seu meio.

D'este simples aspecto da questão conclue-se que

PROLOGO

nos encontramos perante um problema, podendo comportar para a sua solução uma analyse psychologica do ser, e da communidade.

Todavia, d'esta analyse tomamos apenas as indispensaveis conclusões, sobre cujo appoio possamos seguir no estudo que emprehendemos, e, no tocante ao problema propriamente da communidade, não nos podemos abster de tocar, ainda que muito ao de leve, n'esta «cognitio ex datis» que é propriamente o objecto da philologia, segundo um celebre pensador, quando a considera «sensu lato». Sem essas referencias teriamos de edificar uma doutrina de attributos sem substancia, ao percorrermos o caminho induccional guiados pelo aspecto da questão, que é propriamente de investigação da verdade no campo conceitual e de passagem deductiva para o dominio da realidade.

Escolhido este aspecto e esta direcção para o assumpto, vemos que ficará mais precisamente considerado na sua significação, como um problema de totalidade, por se dar na collectividade, e como um problema de unidade por se apresentar com a tendencia externa de um ser colectivo, quando se manifesta como vontade determinada e orientada d'essa mesma communidade.

Temos a prevenir o leitor, que o presente ensaio de analyse conceitual do sentimento patrio ficou bem longe de ter exgotado a questão, a qual foi apenas profundada na sufficiente medida, para que a veracidade dos dados e das conclusões fosse attingida

PROLOGO

sem difficuldade. Não se desceu a pormenores, pou-
pando-se assim ao leitor o tempo e a fadiga.

Na verdade, cada um dos cinco capitulos, em que
o ensaio teve de desenvolver-se, exigiria um volume
para se exgotar, e a introdução, que julgámos in-
dispensavel como preparação, exigiria um outro.
O nosso ensaio deve, pois, ser considerado como um
esboço da questão, ou antes, um epitome e bem sum-
marizado, do que a magnitude e a complexidade do
assumpto encerra de realidade e de interesse posi-
tivo e especulativo.

O principio de Nacionalidade

INTRODUÇÃO

O sentimento patriótico, o conceito de nacionalidade e a personalidade nacional — O respeito pela vida das nacionalidades é, perante a justiça universal, independente do numeral do povo e da extensão do paiz — Limitação do assumpto á sua parte conceitual — O sentimento relacionado com a idéa de nacionalidade — O campo da affectividade exige, pela collateridade com outros dominios, certas incursões analyticas. Razão de ordem e de processos — O assumpto encerra um problema de unidade e exige uma ampla definição de realidade, como totalidade a performar — A importância da categoria de existencialidade e as inferencias, que a ella se referem — A par do problema de unidade, o assumpto encerra um problema de totalidade, com os seus caracteres de divisão de energias e de influencias de origem — Os enigmas envolvidos na prospecção — A implicação do conceito de causalidade e os seus limites de significação para o assumpto — Como dentro do problema de causação surge um conceito de invariância — Origem e confirmação do conceito de racialidade — A grandeza do proposito perante os acanhados meios do auctor.

5 — De toda a affectividade humana, o sentimento que lateja mais constante e geral, desde o desabrochar para a vida consciente, palpitando sempre pelo decurso da existencia até ao regresso do espirito libertado do «pó que o veste», entre a fôrma ingenua de um terno amor ao torrão natal, até ao mais elevado, heroico e excelso sentimento na culminancia

INTRODUÇÃO

do proprio e consciente sacrificio pelo bem da comunidade, — o sentimento patriotico é o mais natural, grandioso e nobre, na sua significação e na sua universalidade.

Sobre elle se fundamentou e erigio o conceito de Nacionalidade, e em volta d'elle se agitou o pensamento, que conduzio á definição juridica da Personalidade Nacional. Toda a mole da humana mentalidade tem trabalhado, concorrendo para affirmar o direito das Nacionalidades á vida mundial, tanto mais robustecido, perante a universal Justiça, quanto mais fraco de defesa e quanto mais victimado pelo alheio ciume, ou mais brutalizado pela oppressão externa.

Por estas divinizadas ideias de Patria e Nacionalidade, cada soldado da luta ingente dos nossos dias transfigura-se n'uma lição historica e immortal de sacrificio e de não ultrapassado heroismo, na defesa dos territorios infiltrados e invadidos pela tenacidade rancorosa dos inimigos.

Por isso a vida das mais pequenas e humilhadas Nações tem que ser, mais que todas as outras, uma realidade defensavel pela sua simples existencia. Livre, na sua acção, das penetrações deleterias e dessorantes, e das asphixias circumvisinhas, para sempre liberta, emfim, do pé da tyrania que sem piedade julga, na sua barbara insanias, que são pequenas as Patrias e as Nacionalidades dos povos, que occupam pequenos paizes, — a hypocrita confusão da categoria qualitativa de Nacionalidade, com

INTRODUÇÃO

o computo da extensão territorial ou do numeral da população, ficará para sempre aniquilada.



6 — Não nos occupamos, porém, n'este trabalho da personalidade politico-social das Nações. O nosso assumpto versa sobre a parte conceitual do estudo das nacionalidades, e, principalmente, sobre o sentimento, que, servindo-lhe de fundamento psychologico, se analysa.

São, sem duvida, innumerous os exemplos, e sem limites os materiaes, com os quaes se pode trabalhar no estudo do sentimento da nacionalidade, e da mesma profusão se dispõe para investigar, mais propriamente, o campo da psychologia patriologica, posta em parallelo, por mais de um justificado motivo, com a psychologia religiosa. Ainda no caminho de certas deducções, sômos logicamente condusidos a notar os multiplos pontos de contacto com ess'outra divisão da psychologia, a dos conjunctos, cujo conteudo é formado por todos os dados sociaes e se enriquece com as doutrinas respectivas. Contradictorias, como estas o são, não obstaríam á organização de uma psychologia sociologica, que englobaria, como caso particular, o estudo do sentimento patrio.

Para nós, é, no entanto, sufficientemente valioso o sentimento da Patria, pelo seu conteudo, e pelo

INTRODUÇÃO

seu alcance, como sentimento de Nacionalidade, para constituir, só por si perante a analyse, um assumpto de exame, cujas consequencias decisivas e luminosas padecem apenas, no caso presente, dos apoucados meios, com que a avara natureza dotou o auctor d'esta tentativa de ensaio, e que, só ao seu forte sentimento patrio, deveu a coragem de vencer a repugnancia pelo proprio atrevimento.

A natureza do problema, que nos occupa, é pois bem mais vasta, que a parte que constitue o objecto do nosso estudo. Reduzimol-o, ao que elle pode comportar sob a incidencia d'uma simples analyse conceitual. Abstivemo-nos de o tratar no campo propriamente psychologico, ao qual não julgámos poder ascender para tomar o ponto de vista, que só a outros competiria, auctorizados.

Mas a analyse dos casos tem de preceder, forçosamente, a dos conceitos, e assim as observações, colligidas sobre a experiencia de origem externa, foram os primeiros passos, pelos quaes enveredámos no campo da analyse que tentamos.

*
* * *

7 — Summariamente, como quasi sempre, analysamos o sentimento nativo de Patria, no seu natural campo da affectividade, e no dominio da mentalidade na sua forma synthetica: a intuição. Posto n'este caminho, o nosso esforço demandava, para se

INTRODUÇÃO

completar, um limite proximo, e no entanto, por força de consciencia, não limitámos a nossa analyse, tão sómente a esse summario, mas extendemol-a a mais alguma cousa, que interessasse ao problema geral do conhecimento.

Na realidade, descobre-se no nosso problema particular, desde a primeira tentativa que se faça para o desvendar, um character absolutamente compativel com a vida do pensamento, e que se define como interesse ou valor. E não poderia deixar de assim succeder, pois que a acção tem no sentimento de Patria o seu logar primario, o seu dominio colligado com o de outros poderes. Por pouco que se agite o pensamento da vida collectiva, o sentimento e a vontade da nacionalidade tomam a sua posição dominante e directora.

A essencia do conceito de acção consiste na existencia reconhecida da necessidade do acto, exigindo o esforço da sua performance, reagindo contra o acto antagonico. E, relativamente a essa ideia, o conceito do sentimento patrio pode formular-se, como sendo uma especie de sensação superior, como que ultra-subjectivada; e esta espiritualização deve attribuir-se ao conhecimento, que toma a communiidade com o seu proprio esforço, perante as necessidades da vida collectiva.

O sentimento patrio sobrevalece no conflicto de valores, de qualquer natureza que sejam, quando o problema de nacionalidade em crise se apresenta, como meta a attingir. Então, de todas as energias,

INTRODUÇÃO

possivelmente em conflicto, que visam á supremacia, uma quota parte é applicada na acção destinada a attingir o fim da collectividade, e esta colligação de tantas energias disseminadas entre esforços dispersos, e muitas veses antagonicos, constitue, pelo menos, um symptoma de unidade na vida espiritual e volitiva da communidade.

E sobre esta rasão de ordem, logica, concatenámos todos os argumentos que, na estreiteza do nosso trabalho, poderiam classificar-se do lado objectivo do problema, fazendo eliminar, quanto possivel, o sentimentalismo e os factores pessoaes. Contudo a integridade do sentimento proprio do auctor não poderia nunca separar-se do pensamento, que sobre elle se gerou expontaneo e intenso, nem tal sacrificio, de uma completa autotomia da sensibilidade, seria exigido ou acreditado.

Com este empenho de erigir edificio de solida defensão dentro dos modestos recursos do nosso poder, fomos levados a buscar, nos *similes* de varia comparação, os objectos e os argumentos, para formular esta tentatativa de uma theoria conceitual do patriotismo, sendo facil constatar, que esses materiaes nos serviram para um trabalho de reflexão, que nos dispensasse laborar na região mais vazia do pensamento subjectivo.

E' sem duvida legitimo o uso de comparações, com outros casos de materia mais conhecida, quando, n'uma questão desejamos tornar mais perceptivel o nosso pensamento, ou esclarecer os pontos de mais

INTRODUÇÃO

difficil interpretação: estabelecendo analogias de origem, materiaes, e processos de parallelismo entre o aspecto e a marcha da questão, e as de outras, de estudo mais profundo e analysado. Todavia, longe de mais iriamos, se, entrando nos mais cerrados caminhos, indo dar a errôneas conclusões, abusando dos dados ou do poder imaginativo, concentrassemos toda a exclusiva attenção sobre o aspecto mecanista do assumpto, amplificando as semelhanças fóra de toda a proporção das dissemilhanças e differenças. E' assim que, por insanidade e ausencia de disciplina logica, qualquer espirito, que se permite appellar de scientifico, se resolve, sem receio de naufragio, a embarcar no batel das comparações, no qual troca a bel praser do seu desejo a analogia em identificações. E' assim que, o insolito Monismo, concentrando a attenção sobre a actividade mecanica da vida, e sem olhar a mais nada que se lhe depara (senão como provas do que se quer provar á força), perdendo de vista as differenças, que a analyse aponta inegaveis, define o animal tão sómente como um simples mecanismo, capaz de transformar a energia chimica da alimentação metabolizada, em calor. Reduzir a nulidades as diversidades entre o homem e os restantes animaes, equivale a desconhecer as differenças entre massas protoplasmicas, e outras entidades de diversa e mais superior natureza, cujo valor não se pesa nas balanças, nem se examina no ultramicroscopio, senão no campo intellectivo, que é o proprio para conhecer aquelles fa-

INTRODUÇÃO

ctores do espirital, que para muitos seres são desconhecidos.

Tratámos sempre de fazer corresponder os grupos de analogias aos grupos de phenomenos, e, d'este modo, apresentam-se relacionados com imagens genericas de realidades. Os diversos tons e graduações das analogias permitem a essas imagens, assim menos discontinuas e mais approximadas, constituir-se n'um todo mais harmonioso, e, em disciplinada ligação, podem ser elevadas á categoria de conceitos.

Foi pois assim no campo objectivo, e por meio de seguro processo, que procurámos encontrar os materiaes, com que se podessem formular certas leis, que julgamos inegaveis. Sobre estas assentam as bases, com que se pode ascender aos limites da racionalidade do sentimento patrio, sem termos de investigar, alheios d'esse campo objectivo, n'esse outro talvez mais intellectual, mas menos intelligivel, onde os argumentos seriam mais faceis de encontrar.

•
• •

8 — Assim accentuada, toda a actividade logica e todo o poder da objectivação na analyse dos factos, fise-mol-a tender para a realização de unidades.

O pensamento, na sua incessante actividade, é particularmente attrahido para a investigação do que persiste da massa dos phenomenos mutaveis,

INTRODUÇÃO

e compraz-se em satisfazer as exigencias, que postulam a racionalidade de uma persistencia ou de uma invariancia, por entre o conjuncto das variações successivas ou coexistentes. Esta invariancia pode ser representada por um grupo de qualidades, de variações menos rapidas ou minimas, em relação a outras, ou sejam ellas proprias do phenomeno ou do ambiente.

Não teem, pois, como limite unidades perfeitamente absolutas, apresentando-se com os caracteres de um relativismo, dentro da sua propria tendencia para um dominio no absoluto.

A realidade alastra-se n'uma riqueza progressiva de conhecimento. Caracterisa-se por uma progressividade de conteudo, que lhe dá uma apparencia de dynamismo, resultante da accumulção dos dados para as conclusões se perfazerem no tempo. O que verdadeiramente accentua a realidade é o alargamento do ambito, da capacidade de comportar conhecimento conclusivo para o seu proprio dominio da verdade.

E' n'esta expansibilidade do ambito das permissas, que a historia se funda para substituir, fecundar, condensar e robustecer o conhecimento, isto é, os dados já laborados para a realidade.

A realidade constitue-se, pois, como objecto, e o processo pelo qual chegamos a construir a realidade dos conceitos phenomenaes, está intimamente ligado á propria estrutura d'elles. A realidade constitue-se sobre os dados da objectividade sensivel, na

INTRODUÇÃO

sua capacidade maxima, transportados e tratados no racional, em ordem a darem a sua expressão ultima sob a forma de conceitos.

D'este modo a realidade apresenta-se, em intima connexão, com uma categoria—a da existencialidade.

*
* *

9 — A categoria de existencialidade corresponde naturalmente a um caracter, attribuiavel a uma realidade primitiva submissivel á observação, ou criticavel. A sua origem encontra-se no instincto geral de conservação, que se transfere da intuição individual ao campo externo e reciprocamente, resultando d'este intercambio a sua organização no conceitual. Existencialidade postula, pois, permanencia ou antes, preferencia de uma evolução progressiva, a uma marcha regressiva de dissolução e aniquilamento.

Se a simples existencia do espirito singular conduz a essa conclusão, com mais razão se conclue das existencias dotadas de caracter de totalidade; d'aqui resulta, que o principio de conservação do sentimento patrio, ligado ao da existencia da nacionalidade, representa sempre um principio necessario no conceitual. E' a esta necessidade primitiva do principio de conservação que devemos chegar.

Sobre este principio varias deduições dão outros tantos subprincipios. Taes são: o que refere á necessidade primitiva de agregação (principio de asso-

INTRODUÇÃO

ciação nacionativa), á necessidade continuada da conservação de agregado (principio de conservação racial), ao psychismo correspondente (principio de conservação do amor patrio), ou á essencia especifica de nacionalidade, emanencia de todos os outros) e de todas estas partições filiadas. O mesmo substractum aflora sempre—o mesmo character existencial postulado pela razão.

As affirmações conclusivas do estudo das classes phenomenaes, a que nos entregámos, podem ser assim, sobre tal fundamento geral, expressas sob as rubricas de principios reaes, de «*principia essendi.*»

Não é difficil estabelecer relações d'essas classes, ou dos principios que a ellas presidem, com os principios formaes do racional, com os «*principia cognoscendi*», dentro do relativismo da totalidade objectiva, a que se referem. Effectivamente a identidade especifica, reconhecida e affirmada a respeito de um grupo de elementos (de individuos do mesmo paiz, isotopicos e isoraciaes), a respeito d'esse «*totum objectivum*», permite formar d'esse grupo uma classe logica.

Os principios phenomenaes, a cuja constituição fomos levados pela analyse, attendem á primeira das condições impostas pela logica, ao preceito da não contradicção. Não contradicção significa harmonia entre os actos simultaneos ou successivos da vida consciencional, e esta especie de harmonica continuidade implica, que os principios, que com tal character de mutua reciprocidade se devem apresen-

INTRODUÇÃO

tar, tenham entre si uma função de correlação. A este condicionamento não se faltou, e por elle reiteramos certas affirmativas e conclusões.

Esses principios phenomenaes, assim evocados para uma unidade de consciencia e para a sua synthese, apresentam-se para nós com um duplo valor: a motivação que os fez inspirar, e as consequencias praticas a que aspiram. Elles accentuam, pois, mais alguma cousa de que a simples constatação da espontaneidade creadora e synthetica do instincto.



10 — No dominio do real as variações dos seres, acompanhadas de caracter de progressividade, são admissiveis, quando tenham adaptabilidade ao meio, ou este não lhe seja antagonico, de origem ou occasionalmente. De entre todas as existencias, aquellas que se apresentam com um caracter de totalidade possuem uma evolução progressiva, que a experiencia prova mais energica ou rapida, e que a razão apresenta com um postulado, mais defensavel, do que no caso das existencias singulares.

Na verdade, nas existencias collectivas dotadas de unidade, a divisão de trabalho intervem de um modo decisivo, e a efficiencia propria d'este processo natural é, por si mesmo, sufficiente razão para a segura defeza do postulado no racional.

Conjugadamente com este dado, não indica a ex-

INTRODUÇÃO

periencia, nem a razão exige, que o progresso seja constituido por addicções de tal modo performadas, que impliquem o aniquilamento, a destruição completa dos termos, das consequencias e residuos de trabalho anterior, pois que tal exigencia equivaleria ao postulado de creações successivas e de tal modo orientadas, que as suas manifestações condissem com uma lei de progresso absolutamente exterior.

D'aqui se infere que, nas phases successivas da sua marcha de aperfeiçoamento, alguma cousa de anterior deve permanecer nas existencias da totalidade, que assegure no caminho do porvir certas ligações com o passado, dotadas de maior significação, do que se possa attribuir á sua repetição occasional. E, na verdade, a repetição é dotada de um rithmo (o estudo dos phenomenos historicos bem o comprova) que indica a influencia ancestral.

Temos, pois, perante nós, os elementos da hereditariedade, tal é o conceito pelo qual os dados se representam n'esse termo. Sem ella e sem novos elementos, as totalidades permaneceriam não inalteraveis, mas inintelligiveis, a nosso ver. A coexistencia dos elementos ancestraes com os evolucionados, dá á visão dos phenomenos os dois lados da realidade: a possibilidade do progresso no caminho da perfectibilidade, ou o retrocesso no caminho da decadencia, ou da stase dissolvente.

O estudo dos valores e da acção mutua dos ele-

INTRODUÇÃO

mentos hereditarios, e dos neoformados ou evolucionados é de natureza propriamente psychologica, razão porque não o abordamos.

II — A impressão, a visão intellectiva, que, por entre a fluencia condensada e heterogenea dos successos, se resume e extrae dos factos, consiste, sem duvida, em que uma vontade subconsciente da raça quer a sua invariancia.

Mas a que impulso podemos attribuir o movimento da sua massa global que parece inerte? Que pensamento elementar do infra-psychico a dirige, desejosa e volitiva, ou que soberana lei a conduz, prescriptiva? Que pode representar objectivamente esse «quid», e porque motivo essa vontade quer assim? Ou em obediencia a que principio mais universal, a raça assim porfia, na invariancia da sua vida, cheia de esperanza e sempre renovada?

Perante a grandeza portentosa d'estes enigmas, mal poderá responder a sciencia humana, affirmando que o valor prospectivo das raças é um dado, cuja probabilidade, em casos particulares, é calculavel no dominio da estatistica biometrica, provando-se assim em singularidades, certo caracter de inevitabilidade. Mas a sua filiação n'uma origem determinada permanece desconhecida, e o prestigio da grandeza, que a essa lei de invariancia

INTRODUÇÃO

lhe dá a sua propria universalidade, augmenta o seu inextrincavel mysterio. Sómente fica de pé a interpretação no dominio teleologico.

Ao deixar-se o campo objectivo externo, surge naturalmente a introspecção, do que se nos depara no limiar da propria consciencia, que ora nos solicita imperiosa, ora se nos offerece passiva á actividade do pensamento reflexivo. Ella nos leva a inquirir se haverá alguma necessidade de ordem interna, propria da nossa mentalidade funccional, no sentido de prever ou de exigir que as series de causação postulem a sua existencia futura. O que se nos depara de apparencia teleologica, como systema e como processo de ultimo recurso á racionalidade, ser-nos-ha por ventura revelado como necessidade logica, a que conduzissem as proprias leis, que representam a permanente actividade da esphera especulativa? Como todas as categorias, a de causação constituirá um conceito limite, util á validade das representações da racionalidade? E representará o que de conceitual se possa exaurir do real, sem implicar a propria realidade?

Eis ahi um outro conjuncto de problemas, e se de entre elles alguns se poderão abordar no campo bio-psychologico, outros ultrapassam estes limites e expandem-se, livremente patenteados, á justificada curiosidade d'aquelles pensadores, que no dominio metaphisico julgam encontrar os «porquês» que fóra d'elle não se lhes deparam, anciados na sede do saber, sequiosos e para sempre insatisfeitos.

INTRODUÇÃO

12 — Os inveterados habitos da mentalidade mal dirigida exigem, para sua propria satisfacção, assegurar-se da existencia effectiva d'uma causa e de uma só, como se fosse um dado observavel da realidade. Sem essa percepção, imaginada e desejada, a angustia do incompleto não se annulla. A uniformidade do trabalho intellectual anterior, e uma notavel falta de adaptabilidade a novos casos, exige peremptoriamente, que se preencha essa lacuna na vida subjectiva, que se apresente um «quid» figurando e ostentando-se, como causa immediata e correlativa de toda a classe ou variação temporo-spacial. Esta exigencia representa uma especie de hypertrophia da applicabilidade da noção de causa, e constitue um absurdo logico.

A causa (á parte a que constitue o conteudo do conceito geral da «causa causarum») não tem outro significado, que não seja o de um phenomeno associado a um outro, denominado effeito, e de tal modo colligados que, se o primeiro variar, o segundo varie, só elle e completamente no limite de variação do primeiro. E' este o significado vulgar e o que vulgarmente se exige, mas d'esta estreiteza de concepções, a applicar a todos os casos, não curamos.

Atribuir ao apparecimento ou á permanencia de um phenomeno uma origem unica, e dar, a essa

INTRODUÇÃO

supposta unica concorrente o nome de causa, exigir a sua unica existencia colligada ao effeito, no dominio do conceito, constitue um profundo erro mental. O habito da analogia mecanista, applicada ás outras sciencias, é responsavel por este erro. Realmente, em mecanica racional, quando se trata de substituir um campo de forças pela sua resultante, admite-se, tacita mas necessariamente, a homogeneidade entre ellas. Ou sejam de natureza electricas, graviticas, etc., etc., cada grupo de homogeneidade tem o seu valor exclusivo no campo respectivo.

A mecanica racional é conceitual. Tudo que é real é perceptual. A mecanica applicada comporta e exige mais investigações e a mecanica social (continuando n'uma sã analogia mecanista) ainda exige muitas mais.

O conceito de causa no dominio social, como «vis a tergo», como causa unica, dando impulsos ou actuando continuamente sobre uma collecção de massas, a que se attribue inercia, é de um ridiculo absurdo. Os actos sociaes dão-se em complicados campos, onde coexistem acções heterogeneas.

A producção e variação dos phenomenos sociaes constitue um grave problema de correlação e covariação, com um complexo de outros phenomenos concomitantes despertados no proprio campo phenomenal, e de nenhum modo originados exclusivamente por forças exteriores á substancia social. Se a palavra «vis» tivesse de ser fatalmente appli-

INTRODUÇÃO

cada, o termo composto de «vis interna» seria admissível. Em todo o caso, o ambiente não lhe é também externo, no sentido de uma limitação de funções, pois existe sempre uma mutua compenetração de todas as partes, e de todos os seus actos.

*
* *
*

13 — Sobre esta significação, que é das mais amplas, podemos admittir sem receio de ultrajar a observação e a razão, que todos os caracteres sociaes derivam de origens ou conhecidas e a investigar, ou ainda de outras por descobrir. O acaso é um termo que exprime a covardia de confessar a ignorancia.

Admitte-se pois a existencia de dados estabeccidos, e reconhece-se a necessidade de razões scientificas.

Alguns dados, representam uma successão de factos, repetidos desde um passado longinquo. São estes os que se poderão investigar no largo sentido de causação, que adoptámos. Poderemos estabelecer, que o character de uma raça deriva, como resultante, da interacção, entre as potencialidades da herança ancestral e a *peristase* (1), com as suas resistencias, estímulos e depredações.

(1) Empregamos este termo inventado por Bacon, o chanceller no sentido de meio.

INTRODUÇÃO

Será para examinar se os dados somaticos foram ou não modificados, e, tendo-o sido, se as modificações proveem de qualquer alteração das funções, ou do meio global, se são ou não transmissíveis por hereditariedade, e se as variações proveem da inconsistencia do substractum original d'onde derivaram essas variações. Tal é, a nosso ver, o fundo do problema.

Reduzido, porém, aos limites de uma filiação em serie causal, o problema pode ser interpretado como um phenomeno de certa existencia objectiva, que se afirma dizendo: que, dos elementos de successão uns permanecem, e outros variam de forma tal, que, apesar de certas oscilações, a possivel variabilidade patenteia, ao observador consciencioso, um determinado character de invariância, e a investigação teria de redusir-se á avaliação d'esta invariância nos seus termos de realidade objectiva.

Outros grupos de phenomenos solicitarão a nossa curiosidade, no sentido de prescrutar se, dentro da significação mais lata da «vis interna», a constancia de caracteres, a porfiada invariância sempre novamente affirmada, impregnada, e envolvida pelas variações compativeis com essa invariância, que oscilam em torno do seu valor medio, pode ser attribuida a algum «quid», especie de «vis a fronte», que represente o valor prospectivo de uma especie, ou de uma raça.

Alem do funcionamento singular de cada individuo, observa-se a raça globalmente funcçãoando

INTRODUÇÃO

como um todo, querendo como que cumprir um destino, mas esta admissível interpretação finalista pode, em parte, attribuir-se á permanencia dos caracteres ou residuos ancestraes, dando logar, n'este caso, á intervenção do significado subjectivo de hereditariedade. Entre os flancos d'este dilema collocámos a noção de invariância, mais positivamente defensavel na razão, mais energicamente ligada aos factos, fazendo vida mental independente do flanqueamento das interpretações. E' fóra de duvida, que esta noção, encerrando um caracter prescriptivo, como uma lei, mostra a coordenação dos dados, permittindo expressar sobre elles a probabilidade dos futuros.

Deixando essa noção ou lei de invariância, confirmar-se na perpetua fluencia dos factos, cuja investigação, verificação e critica se chama historia, é permittido admittir, que os successos seriados em causação (para satisfazer a insofrida rotina do «post hoc, ergo propter hoc») sejam tomados como marcões miliarios, que a raça marca no seu caminho, para a meta desconhecida do seu prospectivo destino.



14 — O conceito de racialidade constitue uma consequencia logica a que chegamos, um «terminus ad quem» e não é de modo algum alvitre expontaneo e intuitivo; representa emfim uma ideia constructiva e terminal.

INTRODUÇÃO

Essa representação, bem como outras que expomos, baseadas, emanadas d'um «terminus a quo» da experiencia, e formuladas sobre uma serie de reflexões, tem o valor logico de verdades formaes. A verdade formal é legitima e immediata consequencia da concatenação logica, a que já nos referimos, e que lhe assegura assim o criterio da realidade. A realidade não se pode definir por um ou mais termos simples anteriores, tendo de intervir n'ella, como criterios, todas as representações possiveis, e com ellas, todas as contribuições concordes, depois de discutidas. Todas as multiplicidades e complexidades connexas, nas quaes não se apresente contradicção, e que possam concorrer para a unidade final, constituem, emfim, a realidade. Tal é o seu criterio.

Este conceito da realidade, constituido, sobre os dados objectivos a que somos sensiveis, abrange as consequencias, que d'essas observações se harmonizam progressivamente, na communidade de um fim. Esta massa de dados, que a observação da experiencia universal offerece ao trabalho da reflexão, não se constitue subitamente, addiciona-se successivamente, enriquecendo-se no proprio caminho, com as proprias conclusões e com as da critica historica, que preenche o universal saber passando-o engrandecido de geração em geração. Assim o expansivel conteudo do conhecimento desafia o dogmatismo racionalista e intellectualista, que pelo orgulho procura disfarçar a sua esterilidade.

INTRODUÇÃO

15 — A posição, que tomámos na realisação d'este trabalho, foi a de um simples investigador, sem pretensões a exaurir os problemas, e tanto mais, que o campo, em que elles se encontram, é tão vasto, que a simples escolha de direcções a tomar, é, de per si, o primeiro arduo trabalho a performar. Fizemol-o no proposito de melhor cumprir a obrigação que nos imposemos, e na esperança de que, obtendo alguma benevolencia da parte do leitor, raro ou descuidoso d'este estudo, os problemas em que a collectividade tem todo o seu interesse, fossem, pelo menos, reconhecidos como existentes.

A coragem, que contra a nossa propria insuficiencia tivémos de arrostar, foi o arrimo com o qual, o forte sentimento, que nos une á Terra Mãe, se mantem e nunca desfalecerá. Devemos acrescentar, que a tendencia do nosso espirito veio sempre, pelo caminho da vida, a definir-se no sentido de procurar expandir-se n'uma totalidade mais ampla, em que elle, fóra da attenção do meio, se podesse fundir, como a parte no todo.

Podémos assim harmonizar, sem grande esforço, as exigencias da analyse, que tentámos realizar com as tendencias do proprio pensamento, no desejo de fazer trabalho de melhor valia, para bem servir Aquella, que sendo a nossa Patria, é o nosso melhor Amôr.

CAPITULO I

ANALYSE SUMMARIA DO SENTIMENTO PATRIO

Razão de ordem — O campo de observação da psychologia patrio social — A simplicidade de certos meos sociaes, em coexistencia com a complexidade de tres grupos de phenomenos — A sua não irreductibilidade reciproca — Variabilidade do emocionismo geral e persistencia da affectividade patriotica — O sentimento patrio individual perante o meio — Os casos de athymia do sentimento — O grupo de phenomenos intellectivos — Possibilidade de divergencia entre emotividade e mentalidade — Os casos extremos de degenerescencia e a força reconfortante da cultura — Acção mutua entre o campo intellectivo e emotivo — Acção mutua entre o campo emotivo e volitivo — Influencia da cultura sobre a elevação do sentimento patrio — Emotividade volitiva — A affectividade como dynamismo reactivo no sentimento patrio — Unificação da consciencia e liberdade de volição — Attracção patriocentrica — A intensidade do seu campo de acção sobre a mentalidade.

16 — A analyse do sentimento patriotico obriga-nos a dividir o conteúdo, que lhe attribuímos, em tres grupos de phenomenos, dos quaes o primeiro comprehende as manifestações, que se classificam em toda a escala do psycho-physiologismo, o segundo forma-se com os elementos, mais propriamente,

CAPITULO I

psycho-intellectualistas e o terceiro constitue-se com as manifestações de natureza mais exteriorizada, ou que resultam dos factores accentuadamente intellecto-volitivos.

Muito ha a distinguir na multiplicidade das observações, no phenomenalismo das differentes camadas sociaes. D'elle escolheremos todavia um ou outro exemplo typico, e aquelle pelo qual começaremos (por nos poder servir como razão de ordem) resultará da investigação nos meios sociaes, onde a humildade da vida e do logar seja mais commum. Procuraremos ahi conhecer se, á simplicidade aparente do meio, corresponderá a simplicidade dos phenomenos individuaes, classificaveis no primeiro dos grupos distribuidos, que acima admitimos em primeira observação.

*
*
*

17 — Nos mais primitivos dos meios sociaes, de entre os de tão diversa categoria, que em todos os agregados nacionais se observam, n'esses meios em que se labora a vida mais perto da natureza, e nos quaes, por isso mesmo, toda a escala dos sentimentos naturaes é mais vivamente produzida, mantida e sentida, o campo de observação, que offerecem do sentimento e da idea de Patria, é o mais curioso e rico para a reflexão.

N'esses meios, os elementos sensoriaes entram por grande parte no sentimento, que se constitue

differentemente nas grandes aglomerações, no urbanismo. Nos meios mais segregados o «habitat», a localidade nunca abandonada, a constancia da circumvisinhança, o reconhecimento, que a terra lhe tem fornecido o pão material, alimentando, como Mãe comum, o grupo, a família e o individuo; tudo isto, e aquella especie de amizade, que em geral existe entre todos nos mais humildes meios, faz sugerir um sentimento de comunidade, pela semelhança de condições da vida somatica e social. Este psychismo éthnico, que, ainda nos habitos, se mantem pittorescamente inveterado, n'estes meios de conservação caracteristicamente regional, a comunidade da linguagem e dos dizeres, pela qual nas canções do campo e das aldeias se afirmam as convicções da amizade local, da poesia da vida popular, do amor á sua terra, e do amor que condicciona a perpetuação da família e da raça, todo este admiravel «Ethnos» concorre para a manutenção de um espirito reactivo contra qualquer signal de immisção extranha, contra qualquer possivel passagem, para mãos extranhas, da Terra Mãe que lhes servio de berço, de ubere e que só com aquella saudade, (morbida que ella seja), mas tão propria do sentimento nacional, não lhe servirá de estancia deradeira.

Mostra-nos este vulgar exemplo a existencia de uma relação da affectividade com o instincto volitivo, o mais prompto de todos no movimento de reacção, contra o estímulo de origem externa. So-

bre esta coexistencia que a observação nos revela, podemos concluir que a simplicidade do meio social não implica a dos phenomenos psychophisiologicos, que n'elle se produzem, e se manifestam.

O phenomeno puramente affectivo ou emotivo é difficil de surprehender. Do facto, elle anda naturalmente ligado aos dos dois outros grupos, pelos quaes dividimos o conteúdo do sentimento. A passagem do primeiro, para o segundo grupo de phenomenos pode indicar-se como a entrada da sensação no limiar da consciencia, que permite, ainda á mais simples, reconhecer a sua propria existencia. Desde que este reconhecimento seja possivel, a parte intellectual do ser sensivel trabalha, e pode dar acuidade á sensação recebida, ao sentimento desenvolvido pela repetição dos actos da consciencia memorativa.

A sensibilidade, qualquer que seja a interpretação adoptada sobre a sua mais intima e recondita origem, provém do infra-psychico ou do organico. D'elle se transmite pelo mysterioso funcionamento da estrutura neurotica ao campo de subconsciente. Nesta confluencia funccional de entre espirito e materia, o limite é mal definido, assemelhando-se a uma zona esbatida, que se interpõe entre o racional e o dominio sensivel, por onde se ascende para a racionalidade.

Os factores, mais propriamente pertinentes áquella categoria infrapsychologica, podem classifi-

car-se como constituindo a massa reactiva do inconsciente extreme.

Possiveis são de constatar e avaliar na technica scientifica os factos d'essa classe, e a explicação interpretativa pode constituir uma theoria, que siga, com certo parallelismo, a que preside actualmente á interpretação geral de factos, propriamente biologicos. A analyse, que tentamos, não é porém prejudicada pela insufficiencia da informação e das conclusões das doutrinas. Não as acompanhamos nos ultimos recessos, onde as duvidas exigem novas investigações e as conclusões novos aspectos.

Não tratamos aqui da avaliação psychologica de certos effectos, mas tão sómente de constatar os primeiros elementos da sensibilidade dos «recepta», como base do processo de ideação no conceito de Patria.

A transição do primeiro ao terceiro grupo phenomenol é, por outro lado, immediata, quasi instantanea, como se provou no exemplo com que abrimos este capitulo.

. . .

18 — E' da mais facil constatação, que a emotividade ou affectividade geral não é a mesma, num dado momento, para todos os objectos da affeição, e que, além d'isso, o valor para cada um d'elles varia mais ou menos rapidamente, podendo annullar-se, mudar de signal e suspender-se definitivamente, segundo

CAPITULO I

a maior ou menor resistencia á pressão externa, segundo o valor da constancia do character e d'outros factores, que não analysamos. Não é menos certo tambem, que a annullação simultanea, ou a suspensão de conjuncto de toda a emotividade, só em casos extremos de pathologia psychica podem observar-se.

A insensibilidade a certo objecto, ou á sua imagem memorativa, que numa época passada profundamente nos emocionou, essa actual suspensão da affectividade applicada, é commum nos casos de amor, menos vulgar nos casos de amizade. A propria consciencia nos interroga, se é possivel que a paixão no amor, subindo n'um crescendo, que parecia ilimitado, poude depois cahir, como se as raizes, que julgavamos inabalavelmente presas do objecto ao coração, fossem cortadas, rentes, e friamente, ou arrancadas do terreno da vida, sem que uma só fibra ficasse a attestar, sequiosa, a memoria de uma ventura passada.

Não obstante o subconsciente vive, e portanto trabalha sempre. Uma emoção, que se gera, sobrepõe-se aos restos ainda vivos de outras, que vão descendo na profundidade mais ou menos nebulosa do esquecimento. E' no fatal declinar das primeiras, que se geram as seguintes, e n'esta serie ondulosa, que caminha com a vida, e a attesta na sua memoria, a consciencia conhece dos seus valores por comparação, em termos de sensibilidade e de instincto volitivo.

ANALYSE SUMMARIA DO SENTIMENTO PATRIO

Todavia, se passarmos do amor individual, nem sempre sujeito á fatalidade de qualquer lei, que lhe marque inexoravel um «terminus», ou uma decadencia, se passarmos do amôr do individuo ao amôr do grupo, da classe, da Patria, a differença é enorme, em intensidade e em caracter. Ella consiste essencialmente no caracter de persistencia. Na realidade o amôr patrio distingue-se de todas as outras modalidades do amôr, pela qualidade como que préviamente assegurada, de uma perpetuidade resistente ás provas mais adversas, ás desilusões e aos reveses materiaes, que conduzem ás mais cruciantes agonias do consciante. Resistente á aniquilação revivesce nas almas dos que ficam remanescendo vigilantes.

19 — No grupo de phenomenos observaveis no sentimento individual, em relação ao meio que o cerca, limitemo-nos a imaginar qualquer ente sensivel, n'aquella situação sempre relativa ao seu meio social, em que a procura do equilibrio com esse ambiente constitue a sua tendencia constante. Do meio, que o cerca, partem os actos que, sendo-lhe externos, constituem os agentes perturbadores, não só dos sentimentos permanentes, como d'aquelles que as circunstancias permitem classificar-se como occasionaes. As condições da vida social permitem

e exigem, para cada signal mais accentuado das perturbações de equilibrio, que novas situações ou novos trabalhos de adaptação defensiva do meio se produzam. Englobado como está o individuo na structura social, a sua vida influe no funcionamento geral, e a quasi continuidade d'estas alterações de equilibrio representa a vida da consciencia organica do individuo, em incessante movimento.

E' fora de duvida, que os actos da consciencia, no que ella tenha de mais sensorial, devem depender, na sua intensidade e constancia, de todas as causas capazes de influir no regime da energia, que os condicciona. A repetição d'esses actos pode ocasionar uma especie de fadiga da attenção, uma senescencia do vigor nas determinações, donde resulte uma diminuição da capacidade dos valores, com que o corpo social deve contar entre os seus meios de defesa.

Por outro lado, na categoria de phenomenos que nos occupa presentemente a attenção, o dado primitivo que não devemos esquecer, é o facto da origem infrapsychologica da sensibilidade. Quando esta se apresenta hypersthesiada, significa a existencia de uma elevação selectiva do organico. As suas falhas, os symptomas mais graves de ausencia indicam da parte do sensorial um estado doentio, pela quasi permanencia da analgesia, da indiferença ás dores, que affligem normalmente, pela patria, o individuo. A indiferença ás glorias e ás

vantagens que advenham á Patria, especie de dysphoria pelo seu bem estar, é mais rara, porque o egoismo sugere a partilha dos lucros, que da comunidade pode compettir ao individuo.

Este estado de indifferença do particular pelo geral, doença do organismo social, constitue uma apathia, uma athymia, symptoma de degenerescencia da affectividade.

Este stygma sensorial é, comtudo, compativel com a permanencia da actividade mental, o que prova a heterogeneidade de dois dos grupos constituintes do sentimento patriotico.



20—No grupo phenomenal em que o intellectualismo predomina, na emotividade intellectual, a sensibilidade ou capacidade de emoção á ideia de patria vem acompanhada d'aquella feição, que a cultura imprime, e que se manifesta pela abundancia das ideias, com que o espirito se enriquece, e que o dispõe a inclinar-se a mais de uma tendencia. Conforme esta se manifesta no sentido de auxiliar a affectividade nativa do sentimento de nacionalidade, ou de espargir-se em morbidas imaginações sobre a fraternidade universal ou outros sentimentalismos verbaes, assim o sentimento nacional se robustece, ou toma d'esse sentimentalismo o que elle tem geralmente de mais nocivo para a communidade.

CAPITULO I

Formas mais ou menos serias e intensas de cultura scientifica ou mundana dão resultados necessariamente diversos, conformemente, tambem, com o meio e o caracter individual.

Entre todos os casos observaveis, escolhemos um dos mais vulgares, porque se presta a mostrar tendencias, que conduzem a caminhos de resultados bem diversos. E' o caso do pseudo patriotismo, como sensibilidade intellectual á memoria do passado, com exclusão de outro sentimento mais forte.

Limitando aqui a significação de «memoria do passado» á da historia nacional, que não envolve necessariamente a epocha da nossa propria vida, é facil analysar o valor do pseudo patriotismo, quando redusido assim a essa esphera de passividade mnesica. A intuição do passado pode, então, revestir a forma e a intensidade de uma crença. Constitue a maneira mais elementar de todo o conhecimento, que affirma assim a realidade de uma visão subjectiva, com a qual o individuo se põe em relação. Todavia os elementos d'essa crença, como objectos de representação, só deverão provir da experiencia historica, para que possam constituir um objecto serio de pensamento.

Em uns casos, a influencia emocinante do folklore historico, e a leitura dos velhos documentos, dos quaes se envolve pela mente imaginosa o aspecto das passadas grandezas, bastam para dar uma noção exacta do valor do passado ligando-se ao presente por um traço de esperança. N'ou-

tros formam-se associações psychologicas, que se conjugam na admiração dos monumentos architecturaes com o goso artistico da contemplação das imorredouras formas de arte antiga, nos restos, que o desleixo ou a desgraça d'esses passados tempos deixaram, como contraste, á crassa vulgaridade do industrialismo constructivo, que os artistas não podem impedir. E por entre esta vegetação do sentimento rastejam certos caules de desoladora morbidéz, em que um suave mas improdutivo e desorganizado sentimento de saudade, impera sómente como um sonho, e assim a imperfeição do organico communica á ideia de Patria, em certas mentalidades, uma inibição volitiva, que a deixa incompleta, inactiva e esteril, passando esta feição a limites que apparentam de criminosos.

A extremos inqualificaveis desce a sociedade ou o grupo decadente, quando insinua em termos de fatalidade, o desespero do exito n'uma luta continua pela liberdade, a incerteza do esforço, e mais que tudo, n'um vergonhoso desalento, a avaliação por vil e baixo preço das vantagens da independencia e da honra e gloria da liberdade patria. Quando esta baixa de valores sociaes se coteja com as grandezas da historia, que só para estimulo devem servir, então poder-se-ha dizer que a sensibilidade ás memorias do passado constitue muitas vezes, uma vesania moral nas suas miseraveis consequencias.

Mas se o espirito tende a conservar as representações, sadías e fortes, que a imaginação crea-

CAPITULO I

dora ou os dados resultantes da evocação lhe sugere, o sentimento patriótico alimentando-se com o conhecimento dos factos, assimilados por via da tradição popular, enriquece no sentido do valor do meio que habita. Não é este o caso de menor intensificação do sentimento, germinando no concurso de uma sadia mesologia histórica e actual.

A actividade, a constancia, o stoicismo que constituem a essência das memórias viris do passado, nunca em espíritos sãos podem produzir sugestões de inércia. O estímulo da história só aproveita em favor da collectividade ao valor dos homens livres, que por toda a espécie de actividade a defendem, e não aos escravos e aos despresadores da liberdade Patria.

Alguma coisa de mais sadio pode accudir, como antidoto ou como substituinte, a esta tendência degenerativa.

Na verdade o grupo de factores intellectuaes do sentimento patrio, que cabem mais em partilha ás mais altas categorias sociaes dos agregados, pode despertar no subconsciente, que subsiste como infra-estrutura da energia da raça, o apoio natural de uma intuição. Esta intuição pode offerecer á reflexão culta o estímulo para a defesa da sanidade do espirito e da consciencia ethnico-social, factores estes, que a própria educação desenvolve.

Por outro lado, a base do sentimento do amor patrio, nos meios de mais elevada cultura, não exclue de facto (nem logicamente se admitem como

exclusivos), todas as outras raizes mais communs, e, por isso, mais universaes d'esse sentimento. Mesmo nos homens verdadeiramente superiores, inacessiveis á degenerescencia patriologica, a espontaneidade da fé patriotica liga-se em continuidade, á reflexão sobre as necessidades nacionaes, e á systematização dos actos, que conduzem á sua defesa e que exigem, na constancia da acção, a constancia do sacrificio.

Assim, em contrario do affectivo, o grupo dos elementos psycho-intellectualistas intensifica-se quasi sempre pelo uso, apurando-se e espiritualizando-se crescentemente. Ao contrario do sentimento, para cuja conservação, emquanto não vem a possivel fadiga, contribuem os factores externos exclusivamente, o estimulo funciona aqui por actividade mental consciente, que na angustia da solução dos problemas (que a ella propria se propõe) se hypersthesia e se aperfeiçoa. Assim se formam essas entidades superiores nas quaes a realidade, com o character teleologico, procura ultrapassar, em perpetuidade, os dados e as exigencias do presente.

O grupo dos elementos intellectivos interpõe-se entre os que constituem o «receptum» da emotividade e os de natureza volitiva. A interposição significa coexistencia e implicação mutua de funcionamento. Tentemos dar por agora uma imagem do que se pode conceber d'essa implicação, sem tentarmos nem de leve dissecar o phenomeno, pene-

CAPITULO I

trando no trama psychologico, no qual a implicação se opera. Limitemo-nos a indicar as syntheses parciaes combinatorias, que resultam d'essa implicação: tal é o emocionismo intellectivo, e a volição, que perdendo da expontaneidade, se intellectualisa exercendo se na opção perante um caminho que se bifurca. Tanto os estadios intermedios das alterações dos estados dos grupos, com as phases finaes marcadas pela invasão do intellectualismo, chamam realmente a attenção pelos resultados que d'ahi se inferem, como causas de certos desequilibrios sociaes.

*
* *

21 — O assumpto, que nos chama assim a attenção, pode ser estudado mais intelligivelmente se, em vez de o restringirmos, o ampliarmos a limites, que comportam todos os casos mais singulares, e entre elles, o que nos occupa: o do sentimento propriamente patriotico. D'esta maneira de o admittir á analyse resulta toda a facilidade de interpretação, que provem de se integrarem as particularidades na generalidade, e da facilidade do processo de ideação, a que essa integração conduz. Assim orientados podemos admittir a questão com a aspecto seguinte.

Seja cada grupo de phenomenos representado pela imagem correspondente, que vamos indicar:

o grupo de phenomenos da sensibilidade emotiva, por uma capacidade receptora, a que podemos attribuir um dominio especial, dotado de um poder transmissor para o campo intellectivo; o grupo de phenomenos intellectivos, representado por um campo, onde os elementos de fluxo da emotividade são laborados pelas operações no trabalho do intellecto; finalmente o dos phenomenos da volição, é representado por uma energia de posição, disponível para a acção externa ou de actualisação.

Podemos considerar, que a capacidade sensível se possa classificar em tantos generos. quantos os motivos excitadores da emoção. Podemos attribuir ao campo, em que se labora o fluxo da sensibilidade emotiva, com o qual se alimenta o intellecto, accessos diversos, que abram do limiar geral da consciencia para os dominios ou departamentos especializados do trabalho intellectual. Em cada um d'estes dominios do intellecto podemos considerar a existencia de certos poderes, no sentido de transformar, elevando ou deprimindo os actos de volição correspondente, em maior ou menor gráo de potencialidade. Não entramos na especialização dos actos externos porque ella não influe na interacção dos tres grupos de representação.

Cada dominio do trabalho mental labora os elementos, que a sensibilidade lhe offerece á sua actividade. A energia intellectual assim especializada funciona, como sempre, como excitadora dos campos colateraes: no da emotividade e no da vontade,

e em cada um consoante o seu character. No da emotividade augmenta a accuidade sensível, a capacidade para a grandeza e intensidade dos «recepta»; e no da vontade, approximando os momentos da actualisação, e desferindo os actos em ser, que ella resume. E porque a observação a isso nos induz e a experiencia o confirma, devemos ainda admittir, em legitima conclusão, que cada departamento de laboração intellectual produz, simultaneamente, o augmento de capacidade ao grupo receptor e a alteração de potencial, ao grupo tensivo ou volitivo.

22 — Duas observações de natureza mais particular tem agora cabimento, para sobre ellas se reflectir e precisar as outras. Consistem em que, cada uma das actividades mentaes, especializada pelo seu respectivo dominio altera em gráo muito diverso a potencialidade volitiva, ou para mais, ou no caminho morbido da depressão. Por outro lado, temos a considerar o facto, de que certos dominios da actividade intellectiva exercem, sobre outros, acções inhibitorias que os excluem do exercicio sobre os elementos emanados da sensibilidade. O estado atrophico d'esses dominio reduz, por uma especie de sympathia, não só a capacidade sensível do campo correspondente da emotividade, como a tensão respectiva da disponibilidade da volição.

Estas duas observações accentuam o ponto culminante das representações que temos vindo expondo. As actividades dos dominios mentaes, elaborando os elementos do fluxo da emotividade, não induzem effeitos parallelos na vontade. A alteração do potencial volitivo tem um sentimento de elevação ou de depressão, que depende de um factor, marcado com uma anterioridade psychologica. Podemos dizer que, em geral, a actividade do dominio mental em acção só figura como excitadora da volição, quando os elementos do fluxo que labora provém do genero de sensibilidade que se conjuga normalmente com o instincto volitivo. Este instincto, esta synthese primaria, que define certos generos de sensibilidade alliados ao instincto da volição, resiste aos elementos das outras origens ou accessos da sensibilidade, que lhe possam ser adversos, ou que sejam de natureza tal, que elaborados no campo intellectivo venham a dar um abaixamento, na tensão volitiva. Neste dado conceitual encontra-se um parallelismo, uma harmonia com o principio da conservação do sentimento patrio, uma especie de finalidade em que entra por grande parte a acção sempre vívida do instincto patriotico. E' o caso, que analisamos, da imisção dos elementos da sensibilidade ao passado simplesmente historico, produzindo effeitos inhibidores, não só na sensibilidade aos males presentes, como na vontade de natureza collectiva, e o caso contrario dá-se quando um forte instincto patriotico, preexistente, resiste.

às acções inibidoras. E' fora de duvida que o que fica dito, sendo apenas o esboço de uma analyse, é sufficiente para se proseguir.

. . .

23 — Sobre as reflexões, que os dados precedentes solicitaram, poderemos agora avançar para uma conclusão. Nas classes de maior cultura, o sentimento patrio não é tão sómente intuitivo e instinctivo. De origens psychicas diversas se pode constituir o sentimento patrio e de differentes stractos sociaes pode absorver a riqueza da seiva espiritual, espessada pelos recursos conscientes e esclarecidos das origens historicas. Esses grupos de cultura desenvolvem-se e fecundam a efflorescencia da alma nacional. O nivel da sua situação e a elevação da sua mentalidade permittem-lhes influir nas demais camadas, ficando adstrictas por essa mesma supremacia á clara e insophismavel obrigação de deramarem determinadamente o fluido animador do pensamento colectivo. A superioridade da sua acção apparece em todas as epocas, para imprimir a cada ser a particula da vida consciente da communidade, tentando faser de todos um só ente, constante no desejo volitivo e pertinaz da acção, generoso na dadiva da vida, pela vida mais ampla e dilatada da Mãe Patria, que tudo alcança, que tudo domina para um futuro que queremos sempiterno.

24 — O terceiro grupo de phenomenos pertence ao dominio da emotividade volitiva, e, para os estudar, temos de nos referir como caso médio, a classes sociaes, que possam ser consideradas, como não superiores nem inferiores á de uma classe normal. Como taes podem ser definidas figurando pelas impressões que nos offerecem os seus proprios caracteres.

Um d'elles, de origem mais primitiva na ordem das representações, consiste na emotividade, no sentir, na reacção emocional a uma causa externa. O outro define-se no agir immediato ou concomitante, na reacção instinctiva da volição. Emoção e instincto apresentam-se em estados de mutua e variavel relação, conformemente com os valores dos determinantes d'essas reacções.

Os determinantes são os que se figuram originar nos resultados da percepção directa, e aquelles que, n'outro dominio, são attribuiveis á imaginação memorativa, á acção das lembranças.

A affectividade não representa, pois, neste caso, uma qualidade ou um conjuncto de qualidades estaticas. Constitue, bem pelo contrario, uma aspiração a realisar alguma cousa. Define-se como uma potencialidade e como uma tendencia destinada a produzir effeitos de reacção, provocados pela acção centripeta do meio exterior, para o «receptum».

Figura pois a affectividade como um cinetismo reactivo, e entrevêem-se nêlle phenomenos de natureza tão diversa conforme são os das acções exteriores, que os provocam, e que vem a representar como se fossem os proprios factores da affectividade.

Qualquer signal de menospreso. que se sinta ou se adivinhe, contra a noção de honra, por mais elemtar conhecimento que se tenha da historia patria, qualquer desprimorosa referencia contra a nossa terra ou publico costume, qualquer forma de inatenção ou de publico desdem pela commumidade, é sentida como ferida aberta no bem individual, pela participação sentida naturalmente e sem esforço, no bem collectivo. Então, na imaginação creadora, surge a imagem do possivel ou desejado conflito. Criam-se as hypotheses ambicionadas pela força volitiva, e o pensamento tornado em acção admite que, se a desorganisação social não permitir uma rapida determinação na defesa territorial, em certas regiões, n'outras em que as circumstancias locaes convidam ao ensejo da defesa, como a fera se defende pelo instincto assim a guerrilha montanhesa se prepara e o espirito guerreiro se pode apurar nos recursos, que o proprio isolamento sugere procurar na aspereza do sitio. O repetido ensino da historia fornece-nos innumerous factos confirmativos, deste elevado estado de espirito, e a tradicção distribue localmente o exemplo dos que foram independentes e bravos para ensino dos que reagem, e

dos que querem repetir, pelo proprio esforço, os actos de dedicação pela Mãe Patria, que gloriosos mortos, por veses desconhecidos, lhes memorisam.

N'esta categoria de phenomenos, que esboçamos, a affectividade encontra-se intimamente ligada á volição rapida do instincto. O sentimento patrio localiza-se justaposto ou confundido ao sentimento mais lato e mais reflectido da nacionalidade. Os elementos psychicos, que vão do subconsciente physiologico, percorrem rapidamente a escala ascensional do sentimento humano, e integram-se n'um todo, que se affirma como vontade collectiva. A affectividade, assim accrescentada com os sentimentos intellecto-volitivos que a completam, representa um determinismo provocado.

Este phenomeno não é o menos portentoso entre os que se observam, como agregado de outros, cujas raizes se perdem na profundidade do mysterioso e poetico sentimento da Patria e no campo em que os elementos ethnicos concorrem para a synthese volitiva.

Esta synthese tem, como precedente intellectual, um poderoso, mas insensivel esforço de intuição. A intuição é phenomeno mais lato e mais proficuo que geralmente se pensa.

A intuição figura como uma reserva, um occulto trama que permanece no subsolo da mentalidade sempre prompto a accudir na sua defesa quando a acuidade de outras faculdades não prevalece.



25 — O problema que nos occupa ficaria indeciso, se não mostrassemos, o significado e o alcance que n'elle tem a intervenção mais consciente da vontade.

Para a reduzida analyse, a que nos limitámos, partimos de uma convicção, que, como conteúdo, encerra uma evidencia. Esta convicção consiste, em que os actos são tanto mais livres, quanto mais unificado fôr o dynamismo da consciencia. Das suas intimas cohesões apparece, como resultante, uma ampla liberdade da volição no sentido do bem, uma resistencia ás sollicitações possivelmente depressmentes do meio.

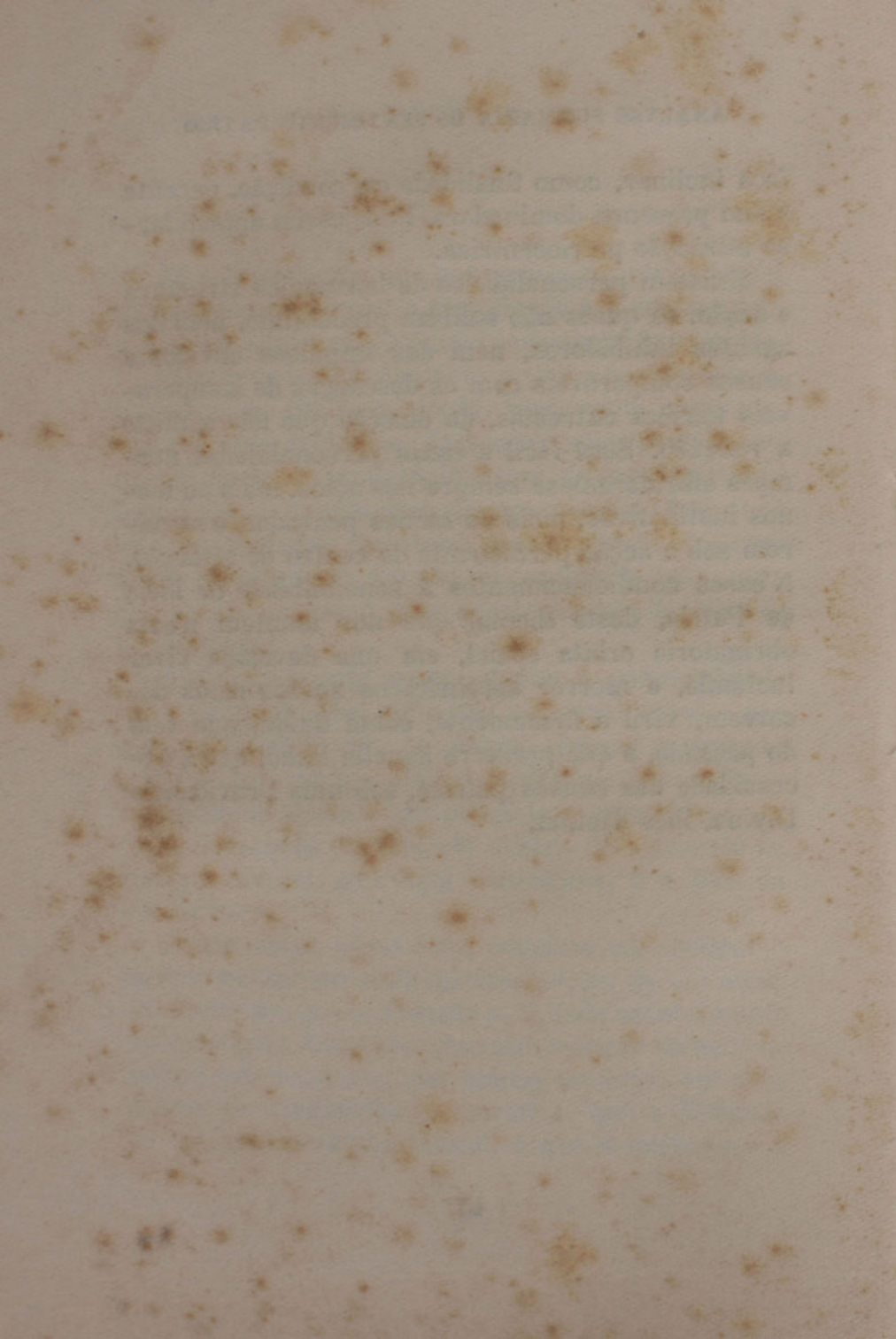
Esta resistencia global define a personalidade ou a harmonia das multiplas personalidades e das suas tendencias, que se podem adensar e concentrar em volta de um nucleo espirital, pelo esforço commum da attenção permanente a uma idea.

A influencia da idéa, do centro de attracção da energia mental, que aqui estudamos, é a idea da Patria Livre.

O seu valor, como idéa, consiste em occupar o campo mental tão sufficientemente, ou de um modo tão uniforme, que a attenção solicitada naturalmente em multiplas direcções, encontre sempre no seu caminho um accidente, um marco miliario, um momento na imaginação memorativa, que a dissuada de qualquer caminho lateral, e que a desperte e a

faça inclinar, como finalidade ou condição, perante a sua presença dominadora. Pode assim appellidar-se attracção patriocentrica.

Existem personalidades de harmonica structura e acção, as quaes não soffrem predominio, nem dos agentes inhibidores, nem dos impulsos devidos a causas comparaveis com as descargas de insuperaveis tensões extremas, da emoção que não admitte a reflexão. Será facil a essas personalidades normaes affirmarem-se sempre nos actos. mais ou menos instinctivos, mais ou menos pensados, e seguirão sob a acção permanente do centro de attenção. N'esses condicionamentos á sensibilidade de ideia de Patria, deste thema, que nos mantém n'esta obrigatoria orbita social, em que devemos viver lutando, e morrer sorrindo, os nossos actos decorrem, viril e firmemente, como fluido, que vem do passado, e que percorre aquella linha, que a necessidade das cousas patrias, sob uma Providencia Divina, lhes destina.



CAPITULO II

A INTUIÇÃO DE PATRIA

Os elementos sensoriaes da intuição em contradicção com o aspecto de «apriorismo» d'esse conhecimento — Sufficiencia subjectiva na noção intuitiva — Evidencia consciencional e pontos de semelhança com a natureza da crença — Modalidades da intuição patriotica — Influencia do confinamento particular — Meio ecologico — Amplidão e elevação successiva, do campo de visão intuitivo, com a riqueza cultural do espirito — Evocação historica e crença da perpetuidade patria — O conhecimento do problema da collectividade perante a intuição prospectiva — A vitalidade da fé nacional e a energia disponivel — A acuidade da visão intuitiva e da energia directora nos espiritos, que se classificam de eleitos — O poder da imaginação creadora e da confiante sapiencia na alma dos eleitos — Synthese da acção na finalidade collectiva.

26 — Da summaria analyse, que tentámos, sobre a vida do sentimento patrio, passemos a definir a idea intuitiva, que lhe vem a corresponder em expontaneidade de origem. Sendo o meio ou a «peristase» que fornece os dados para o conhecimento de origem empirica, as intuições dos objectos do mundo exterior laboram-se, em intima connexão e synergia, no amago da vida espiritual. E' no sensa-

CAPÍTULO II

cionismo, que a apreensão encontra os materiaes, que, entretecidos com reminiscencias de origem diversa, permitem transformar-se e reconhecer-se finalmente na consciencia, com o caracter de um conhecimento intuitivo.

A intuição apresenta-se com um caracter, que nos sugere a ideia de ser pertinente a uma vida anterior, a uma existencia primitiva, e que determina o seu estado, com uma forma de convicção de tal maneira forte, que nos prova não poder ser o «contentum», o conteúdo de qualquer predicado. D'esse mesmo caracter se reveste a intuição de Patria.

A intuição de Patria basta-se a si mesma, dá-se plena satisfação perante a consciencia, não inquirendo sobre a sua origem, nem sobre o seu gráo de acuidade ou de justeza, sob o ponto de vista objectivo. Pela espontaneidade da sua origem, figura a intuição como uma apreensão, dotada de uma modalidade, como que visual, ou mais particularmente pessoal, do objecto, apresentando por isso de commun com a apercepção, um factor subjectivo.

Concebe-se a intuição, adquirindo com a sua genese, o seu proprio cunho de evidencia. O seu criterio não se postula a qualquer origem de conhecimento, nem ás leis, que presidem á acção das faculdades se pode ir procurar a legitimação da sua origem, ou a justificação da sua vida espiritual, synthetica e independente.

Sobre esta interpretação, concebe-se e explica-se a intuição como germinada com a consciencia sub-

A INTUIÇÃO DE PATRIA

jectiva, sem prévio acto de subordinação ou successão; e por tal via se repete, sempre que a sensação venha novamente a despertar-se. Offerece assim ao eu, ao espirito activo, uma especie de convicção permanente, e, por outro lado, não espera a confirmação do seu conteúdo, fóra da sua constatação intrinseca, e resume-se em si propria como condição absoluta da sua total existencia.

A synthese expontanea, que constitue a intuição, antecede pois o conhecimento das leis do facto apprehendido, e portanto aproxima-se da categoria mental da crença. D'ahi se comprehende e explica o symbolismo, que muitas vezes a acompanha, e d'ahi se infere a sua transformação progressiva em representações mais completas, sem perda do character de visão synthetica.

Com as suas três modalidades: sensação, memoria e imaginação, connexamente a intuição constroe uma especie de evidencia, que aprecia como certesa. Manifesta-se assim uma tendencia á economia da mentalidade, o que constitue um caso particular da lei da economia do esforço, a qual conduz o pensamento a estacionar na intuição, em vez de seguir na marcha da analyse. Assim se poderá explicar a tendencia a preferir o existente invariavel do pensamento synthetico á variabilidade, isto é ao porvir, ao imprevisto, que se accentua á medida que se destrinça a experiencia, que se analisa o conjuncto dos dados e que sobre elles se aprecia a probabilidade dos acontecimentos.

27 — A cada gráo de cultura, de consciencia do individuo e do meio correspondem intensidades e modalidades do sentimento patrio. Ellas não podem ser evidentemente seriadas com a absurda e vulgar presumpção de as graduar n'uma interpretação evolutiva, pois cada uma se gera e desenvolve, sem que, na sua vida, o antecedente de uma interfira sobre outra, senão por possiveis exemplos ou suggestões.

A percepção, que sugere a invocação mais elemental á idea de Patria, é de natureza mais simplesmente biologica, provindo da sensibilidade organica. Podemos conceber e verificar os phenomenos deste sentimento elemental pela sua simplicidade nas localisações, no «habitat» das populações onde o confinamento, imposto pelas circunstancias topograficas e pelo mais rudimentar estado de relações para a periphéria, diminue a troca das ideas.

Um vasto e diffuso material de sociologia está ao dispôr de quem tenha de exhibir, para convencer, aquella especie de erudição, proveniente principalmente do alheio estudo. A natureza d'este trabalho exige que nos restrinjamos. Lembremos o que ainda se encontra em algumas regiões de Portugal, e os factos não menos curiosos e dignos de menção de confinamento nas populações de certas aldeias dos

A INTUIÇÃO DE PATRIA

vales secundarios do Rhodano Suisso, onde a limitação do uso territorial não diminue aquele profundo, mas silencioso e pratico patriotismo do povo helvetico.

O confinamento não implica o character autochthono do grupo segregado, mas permite que as acções do meio sempre identico ou semelhante, que a influencia ecologica se repita, aproximando (para o trabalho logico da analogia) este caso sociologico com o caso conjugado da fauna e da flora local. A repetição dá o facies da fauna e da flora localisada, e dá, correspondentemente, para a colonia humana uma semelhança. Mas, sobre estas consequencias de character somatico, ha ainda a constatar a influencia que exerce, sobre o espirito, o reconhecimento daquelle gráo de felicidade, que, compativel com os factores do meio, se constitue na gratidão ao «locum», n'uma commun e relativa harmonia, na affeição aos elementos materiaes da região, nas virtudes attribuiveis aos ares, aguas e outras cousas do «habitat» particular. O espirito enriquece-se pela imaginação, e avigorado pelos elementos da crença, adquire uma visão superior e luminosa do sentimento da nossa terra mãe, na genese e na vigencia de englobar consigo outros espiritos, attribuindo-se a realidade de uma alma collectiva, pelo constante intercambio dos sentimentos expandidos e pela attenção continuamente chamada para o «locum» pelo seu forçado confinamento que um destino ignorado lhe marcou.

CAPITULO II

28 — Lembremos alguns dos separados estadios da intuição patriotica, que se observam, e que, postos em serie, dão como a visão de uma marcha, que venha desde a apercepção, pelo caminho ascencional das representações, enriquecendo-se e esclarecendo-se, correspondentemente aos grãos sucessivos do sentimento, conformes com a cultura do individuo e do meio social.

O campo da visão patriotica, no dominio da intuição, é mais ou menos amplo, conforme o poder da evocação historica, dentro da mesma cultura, e o psychismo da propria evocação. Mostra-se assim o valor pessoal em concurso com outros factores. Os dados subjectivos influem em gráo diverso, mas a riqueza da intuição, por via dos seus proprios poderes, permite sempre sugerir ás modalidades do eu universal visões diferentes, que cobrem o campo de todas as possibilidades na variedade do sentir e do querer. Deste modo a intuição funciona por meio de sugestão sobre o espirito, actuando como um instrumento de descoberta psychologica.

O patriota tem a intuição da sobrevivencia dos passados da sua patria, como Nacionalidade e não simplesmente como campo de evocação historico-philologica, e conserva, pelo sentimento de crença, a intuição de uma perpetuidade.

Onde a probabilidade não possa ser apreciavel, a

A INTUIÇÃO DE PATRIA

crença firmar-se-ha como um conhecimento ou uma descoberta em esperança e em vontade. Por estes limites extremos, distingue-se o antiquario, o simples archeologo do patriota evocativo, bem como os criterios da archeologia religiosa se distinguem dos que evocam aquella região ultrasensível, onde o espirito dos entes de eleição se deseja fundir na luminosa amplitude de um Ser Universal e Sempiterno.

Por tal processo, derivado das capacidades do espirito humano, o papel reservado á intuição alonga-se e robustece-se, exactamente com a improbabilidade logica das consequencias favoraveis á ideia de liberdade patria.

Em face das maiores dificuldades, por formidaveis e crescentes que sejam contra o exito dessa ideia, contra a victoria e final apothese desejada, a esperança não falha. E, neste crescendo de corajosa crença, o desconhecimento, ou o desprezo pela ignominia do egoismo das facções politico sociaes robustece não poucas vezes a intuição patriotica, por um genero de mecanismo reactivo de espirito irritado ao mais alto potencial.

Ao auge do perigo e da improbabilidade logica do exito, corresponde a culminancia da imaginação que constroe uma intuição do salvamento patrio. Este excelso e preclaro sentimento, este conhecimento intuitivo assim intensificado, produz uma inversão de consequencias. Dá-se uma substituição de previsões: á logica antepõe-se uma crença.

29 — Não é difficil ter-se a noção das proporções entre os valores attribuiveis á totalidade das consciencias individuaes de certos grupos, e os valores da consciencia collectiva patriotica no seio da mesma sociedade.

Primeiro que tudo, devemos lembrar que o interesse nesses valores, cujas proporções se procuram, reside na sua aptidão a produzir resultados sociaes, energicos e utilisaveis.

Comecemos por tentar definir o que seja estado de consciencia patriotica. Esse estado comprehende não só a intensidade da parte activa do sentimento, como tambem o conhecimento do estado do problema da collectividade perante o concurso das forças exteriores adversas, e ainda o potencial da energia individual na hypothese de conflictos. Destes factores, o primeiro é aquelle, que é mais geral, constituindo o trama do sentimento no subconsciente. Dos outros dois, o factor do conhecimento depende do estudo da liberdade da consciencia perante a exploração e a pressão, que a politica exerce, no sentido de occultar á massa popular os seus interesses globaes. O potencial da consciencia individual depende da intuição do conflito e tambem do conhecimento do problema.

A intuição patriotica manifesta-se, condicionando a manifestação da vitalidade da fé nacional, e con-

A INTUIÇÃO DE PATRIA

juga-se com ella, figurando como energia racial prompta a actualisar-se nos momentos criticos e excepçionaes do decurso da vida da communitade, nas crises violentas da sua acção politica, e, então, domina e quebra os actos da vida individual a favor dos da vida collectiva. Esta forma discontinua da elevação e exacerbação da fé patriotica não exige, como se vê, senão um tenue conhecimento do problema.

E' por isso fóra de duvida, que o potencial da massa da communitade, fóra da possibilidade de possuir ou de se servir do conhecimento, que conduz á previsão dos acontecimentos, pode ter o seu valor elevado por simples acção de um esforço dirigente; e bem o prova a repetição de alguns factos historicos. Valorizada por tal processo, a massa popular, cujo nivel de energia se eleva, produz sobre o individuo um movimento de arrastamento, semiconsciente no geral, pelo qual a vontade pessoal se integra na vontade collectiva, eliminando-se na consciencia global as diferenças contradictorias. Por tal processo o «quantum» de energia da consciencia individual tende, pois, a augmentar neste movimento ascencional de arrastamento, para a realisação de um ideal de collectividade, bem como a efficiencia do trabalho externo das totalidades, tende a desenvolver-se visto que se eliminaram os trabalhos de attrito interno em que se consumia energia, e em que a attenção da collectividade se distrahia da sua natural finalidade.

30 — A observação da objectividade social obriga-nos ainda a accentuar que, na perpetua e refluente interacção do meio e do individuo, a energia deste ultimo se eleva ao nivel, a que se ergue a onda ora suggestiva, ora impulsiva desse meio, desdobrando-se em movimentos de expansão, pelos quaes nas ideas e nos actos, o fim proposto da raça se desenha consistente.

Por entre a complexidade desde cumulativo movimento, e na occasião em que a visão da vida collectiva descobre os embaraços, que tolhem ou amesquinham a sua liberdade, acontece por ventura que um entendimento mais claro, uma superintuição mais ampla, apanagio d'algum eleito, se promove a um gráo superior no sentimento e na energia patriotica, sobre a communidade. Esse alguém exerce então, no apropriado momento, a sua acção de decisão e de avanço, sobre a communidade. O individuo reage então poderosamente sobre o meio. Tal é o que se depreheende do relance visual, que as narrações da historia offerecem á reflexão

A vitalidade do espirito colectivo acentua-se então, mas o seu valor acrescentado não se completa, sem que esses agentes, tão raros que marcam as epocas criticas da nacionalidade, possuam e possam empregar com discernimento, e addicionar á propria intuição, faculdades superiores,

A INTUIÇÃO DE PATRIA

que lhes permitam coordenar as excitações dispersas.

Tudo quanto vem de organico, do sensorial mais ou menos consciente, até atingir a percepção, constitue o conteudo radical da emoção. Tudo quanto desta se fixe, mnesicamente, constituirá o capital da mentalidade sobre o qual, como base, a imaginação creadora erige os seus meios, com que singrará nas dificuldades daquelle existente nebuloso, alem do qual pouco se antevê ou advinha.

De toda a humana intuição a imaginação creadora é a alma, e quando ella se excita, bem norteadada a crear as imagens do porvir desejado no individuo e na raça, a imaginação creadora é o seu proprio pharol, é a luz vívida, pura e immortal, que illumina o rumo da vida, e que do proprio espirito irradia generosa e suggestionadora, acolhedora e imperativa, mostrando á communiidade o prophetizado caminho da gloria e da salvação.

A imaginação creadora hipersthesia-se, e com ella todo o campo da intuição. Todos os estados de consciencia revivescem então. A evocação das ideias faz-se sem esforço, e a evocação das representações associa-se á dos actos numa connexão intermental e synergica. Toda esta valorisação de individuo, que de entre os seus pares se sobreelevou, incide sobre o meio, sobre a collectividade e impele-a a caminhos que só a propria imaginação advinhára, insofrida e persistente.

Esta valorisação traduz-se em actos extremos de

CAPITULO II

inducção, de sugestão sobre a collectividade. Amol-da-se esta á feição do seu guia, absorve-lhe o pensamento segundo o teor da sua capacidade, os seus intentos patentes e a sua forma de acção. O meio e o individuo, seu guia e sugestivo conductor, afa-zem-se mutuamente nas suas capacidades e facul-dades, syntonisam-se.

A collectividade absorve então, consciente dos fins e dos meios, a alma do heroe e enlaçados pelo poder da mesma intuição constitue-se num só corpo, receptaculo activo do mesmo espirito, que, ascen-dendo á visão esclarecida do futuro, domina com a comunidade de acção os caminhos, que conduzem a raça á sua reconhecida finalidade.

CAPITULO III

CONSERVAÇÃO RACIAL

Universalidade do instincto de aggregação — Influencias e condições iniciaes de segregação de entre um meio social mais amplo. Valor gregario da capacidade, accentuada e resumida nos entes dotados de energia directora. A invenção — Valor da cohesão distribuida — Atenuação das differenças na segregação. Convergencia de qualidades raciaes, adquiridas e utilizadas n'uma direcção — A repetição — Principio phenomenal de Associação Nacionativa, ou principio associativo de Nacionalidade — O postulado de conservação dos agrupamentos, das colonias diferenciadas — A defeza prospectiva da integridade especifica, e a finalidade propria dos aggregados raciaes — O Conceito de Nacionalidade como conclusão — Os factores da humana superioridade, na doutrina dos aggregados raciaes. Significado psychobiologico da defeza do «habitat» — A intervenção do conhecimento sobre a nocividade da intrusão externa — Conservação da identidade de raça como lei de selecção — As formas invasoras perante o agrupamento receptivo — A defeza estatica contra a polymorphismo da penetração — Poderes de regeição — Antipathia, incompatibilidade e antagonismo racial — Os factores do instincto de conservação e os factores do conhecimento historico — O antagonismo colectivo — A excepção individual e as condições de prescripção do odio racial — O valor, o significado e o alcance do antagonismo colectivo, e a an-

CONSERVAÇÃO RACIAL

tinomia que encerra — A defeza com os poderes progressivos da vitalidade da fé nacional, estado nascente da intuição patriotica nas crises da nacionalidade. Principio de solidariedade — A imperativa condição de solidariedade — A solidariedade da successão historica e a solidariedade dentro da heterogeneidade dos elementos actuaes. A tendencia defensiva para o homogeneo, como força cohesora da finalidade collectiva. As componentes estruturales e energeticas — O postulado de solidariedade no tempo — A disciplina como forma de solidariedade — Os elementos ethicos da conservação racial — A moral associativa — O principio da Nacionalidade tem um significado ethico.

31—O mais universal dos caracteres da especie humana consiste, sem duvida, no instincto de aggregação: na formação e constituição de familia, de grupos, e finalmente de associações mais numerosas, em que o instincto é reiterado, não só pela tradição dos antecedentes, como pela communnidade dos habitos e da linguagem, occasionando uma tendencia á conservação do agrupamento.

Onde quer que alguns poucos entes humanos se encontrem, aproveitando qualquer tracto de terra, seja ella inhospita e gelada como a das regiões circumpolares, acolhedora e generosa como a dos climas temperados, ou uberrima, até ao brutal esplendor de outras regiões mais quentes, o mesmo phenomeno de aggregação se observa, o mesmo trama de intimas analogias de sociabilidade se reconhece, e assim se encontra, entretecido por toda a extensão mundial da especie humana.

32—Passando d'esta simples indicação do phenomeno, considerado em geral, para a analyse dos casos historicos, temos de lembrar que as condições necessarias, segundo essa mesma experiencia historica, para que uma nova nacionalidade surja e vingue de entre a massa da população já existente, consistem em primeiro logar na disponibilidade de certa energia latente, despertando-se ou accumulando-se successivamente em determinadas capacidades. Tal energia, para ser utilisavel e poder levar a termo o intuito nascente, precisa de conjugar-se com um conhecimento consciencional do agrupamento, no que se refere ao «locum» d'essa energia, ás materias vitaes do seu «habitat» e ás circumstancias periphericas.

O phenomeno de aggregação implica, necessariamente, nos primordios do movimento de independencia, a distribuição da energia de cohesão em determinadas direcções, com exclusão de outras. O problema, posto na sus maxima generalidade, apresenta-se com dois aspectos para a sua solução.

A aggregação dos elementos sociaes tem de ser realizada, em primeiro logar, por uma entidade de mais intenso valor, que o resto da communitade; especie de centro de attracção, em volta do qual se congreguem as vontades, que constituem o decisivo conteudo do movimento global. Não só sob a acção

CONSERVAÇÃO RACIAL

d'este centro de forças sobre cada individuo, como pela inducção desenvolvida entre elles, a cohesão estabelece-se e dirige-se. A acção do centro é, n'este caso, decisiva e predominante, e as acções mutuas entre os elementos constituem casos derivados da primeira acção.

Aquella mentalidade volitiva, que, na realidade, constitue o centro de acção attractiva e dirigente, representa uma especie de energia accumulada ou concentrada, sobre a qual o dynamismo social da massa popular se inicia, e sob cujo fluxo se continua. A energia creadora do iniciador da nacionalidade vitalisa o corpo social e propaga-se de geração em geração, memorisando os seus proprios actos para os actos futuros, e espiritalisando-se como memento e como symbolo immorredouro da nacionalidade.

Por outro lado, podemos considerar o problema do novo grupo gregario, como resultado do desenvolvimento de forças mutuas de cohesão, dispensando a acção da força central, quando as capacidades individuaes encerram os elementos intellecto-volitivos sufficientes em si mesmos e dos quaes resulta, como que uma equivalencia, do que se obteria sob a acção de uma vontade central, ou de um nucleo de vontades servidas por faculdades especiaes.

N'este caso, a energia creadora em vez de estar accentuadamente concentrada, apresenta-se distribuida desigualmente, por variados grupos de ener-

CAPITULO III

gia directora, cuja acção de mutuo entendimento é mister esclarecer.

Em ambos os casos temos perante nós um phenomeno de «invenção», realiado sob a forma de incremento («incrementum momenti»). Esta expressão mecanista colliga-se aqui á expressão philologica do mesmo phenomeno.

*
* *
*

33—O mutuo entendimento, que permite á energia creadora o inicio e a constituição do novo agrupamento nacionativo, é de origem, sobre tudo, racial. A raça, para nós, apresenta-se-nos tão sómente definida como uma segregação de um todo maior, sem que, comtudo, sejamos indifferentes á investigação e averiguação meticulosa das characteristics raciaes primitivas, tanto mais que as consideramos um luminoso reforço a esta doutrina de segregação.

O mutuo entendímento pode realizar-se, não só pela commuidade de origem especial, como pela convergencia das qualidades que a mesologia tende a homogenizar.

O mutuo entendimento condiciona-se por semelhança de elementos raciaes, e é sobre a quasi identidade d'esses elementos, mesmo no minimo de definição que lhe attribuimos, que a aggregação se pode realizar, e perdurará, ou seja sob o influxo da

cies inferiores e nas lesões provocadas, o organismo reivindica o typo definitivo, regeitados successivamente os da vida embryogenica. Em diverso gráo de intensidade, o phenomeno de identidade de formação e regeneração organica é geral.

Qualquer que seja o material biochimico, encerrando ou condicionando a potencialidade energetica de tal performance, o certo é que, o individuo defende a constancia do seu typo, dentro das possibilidades anatomicas da sua existencia ontogenica.

Factores prospectivos trabalham, assim, separadamente em cada individuo, como se se entendessem na realisação de uma finalidade geral para todos elles. Os phenomenos occorrem como se solidarisassem, por grupos de qualidades especificas. A grupos, como esses, attribue-se o nome de especie e a especie defende, como tal, a sua individualidade collectiva. Ao primeiro exame o facto dos cruzamentos constitue uma negação de principio, porrem, dando-se o cruzamento, a sua perpetuação é condemnada pela fatalidade de uma lei universal. A existencia de um factor prospectivo, forma discursiva do conceito de uma finalidade, que assegura ao grupo o seu dominio proprio, a defesa dos seus limites anatomicos e funcçionaes e as circumstanças ecologicas, que d'ahi derivam, é um facto da realidade.

Deparamos pois com a necessidade de uma proposição, em que se exprima a existencia de uma finalidade, nas funcções vitaes dos aggregados. Appli-

quemos o mesmo asserto aos grupos, diversamente constituídos, dos aggregados humanos. O campo de applicação não encerra elemento algum contradictorio da possibilidade da juxtaposição, e portanto a conclusão analogica mantem-se, em perfeita integridade. E assim, em perfeito caminho inductivo surge uma conclusão: a da existencia de uma finalidade propria na vida dos aggregados sociaes e da consequente realidade de um grupo de representações de certas funcções, que se performam associadas a essa finalidade.

36 — A estrutura simples d'este conceito permite, como immediatas, as suas consequencias, na sua deducção logica. Eis o motivo, porque elle não se pode collocar como antinomico perante qualquer das muitas doutrinas sociologicas, que dividem o pensamento moderno, e pelas quaes se attribue, como tendencia natural dos grupos humanos, a sua constituição em totalisações cada vez mais amplas.

Vem assim a concluir-se e a erigir-se, como principio geral, a realidade de uma tendencia á formação e conservação de agrupamentos, que se appellidam nacionalidades. E, sobre esses grupos, diversas theorias sociologicas effectuam o seu proposito ou de os ampliar, annullando-lhes artificialmente as differenças, ou de desaggregar cada agrupamento por

CAPITULO III

exacerbação dos poderes individuaes. Mas o principio persiste, como uma necessidade de logica inductiva, e a especie affirma-se defendendo os seus dominios na realidade das cousas, caminhando serenamente, entre as theorias, com aquella constancia inalteravel, como a dos astros nas suas orbitas perante todas as doutrinas cosmogolicas, que lhes variam a interpretação, mas não o curso magestoso da sua origem divina.

O conceito de finalidade exige, na razão practica, que, nos successivos estadios, pelos quaes os grupos passam invariantes entre os limites que as alterações lhes imprimem no decurso do tempo, o ser colectivo persista na conservação das fórmulas intermedias de realisação. Na verdade, toda a massa de conhecimento da escala biologica mostra exuberantemente que o agrupamento, a especie, defende a sua integridade, a sua unidade. Assim, a lei da conservação da especie póde admittir-se como universal, e relaciona-se com o principio de unicidade.

É no estudo das particularidades das raças que a lei de conservação mostra a sua importancia. Na verdade, ha n'ellas materia de observação para estudo por classes, cujas differenças se accentuam por caracteres physiologicos e psychicos. O processo dichotomico de explanação, de classificação é o mais utilisavel no estudo das differenças, por consequencia os conceitos geraes tiram-se por extensão da analyse dos casos particulares e não tanto por qualquer processo de abstracção, dos conjunctos.

CONSERVAÇÃO RACIAL

Realmente, por exemplo, o conceito de força social, de energia, ganha a sua verdadeira significação e relevo, tirado do aggregado particular, cuja vontade se manifesta em querer viver a sua vida propria. Não é da classe da inteira humanidade, que se pode extractar o conceito de social, pois o seu conteúdo encerra a contradicção das antinomias. E' pelo contrario, na razão pratica, que os antagonismos raciaes marcam a esse conceito o seu verdadeiro campo de applicação.

O grupo normalmente livre de antagonismos internos, o aggregado humano, que quer viver vida propria, por continuidade de estrutura e de energia ancestral, é o agrupamento Nação. Elle encerra em si a idea de formação e a de conservação, portanto a de unidade racial.

Taes são as conclusões a que se chega, sobre a materia que constitue o conteúdo da intuição global da Idea de Patria. Sobre uma summaria mas sufficiente analyse foram seguramente induzidas.

37— É na doutrina da conservação da especie, tão robustecida modernamente pelo gigantesco trabalho de revisão das theorias evolucionistas, que se pode encontrar, a nosso vêr, e como já indicámos, um simile para a explicação das reacções do organismo e do subconsciente, na defesa da conser-

vação da raça. Mais alguma cousa, porém, do que as conclusões, que se induzem da coordenação da legião dos factos biologicos, colhidos no estudo da fauna e da flora mundiaes, poderemos accrescentar, com pezo decisivo a favor da existencia d'um principio de conservação de cada raça humana. A alta superioridade da especie humana reivindica para ella, e para cada grey este especial attributo.

A defesa da raça representa a fórmula localisada da defesa do seu proprio *habitat* e constitue-se na apologia consciente e na justificação do «torrão natal», como sua pertença. Pelo caminho ascencional, que vem percorrendo desde as primitivas origens, desde que o homem protohistorico se fixou n'esta nesga de terra, a que chamou sua pela força da sua animalidade primitiva, a raça identifica-se com o solo natal.

A defesa da raça, identificada com o *habitat*, significa incompatibilidade biologica ou ecologica com extranhos comensaes, ou dominantes no mesmo torrão; é o instincto colectivo, é uma actividade d'um determinismo infrapsychologico, que responde, como echo, á sensibilidade affectada pelo agente solicitador externo. A herança perpetua esse determinismo na especie adaptada á localidade, ao acantonamento, que a posse habituou a querer bem, como sensação nos elementos do subconsciente, ou como sentimento em gozo espiritual.

Esta feição de defesa da raça manifesta-se na repugnancia contra a promiscuidade dos estrangei-

CONSERVAÇÃO RACIAL

ros, no torrão natal. O instincto collectivo leva a raça a regeitar os elementos, que lhe são extranhos, ainda que figurem como adaptados. Os factores, mais ou menos conscienciaes, são então poderosamente auxiliados, pelo conhecimento que a historia fornece á raça, sobre os perigos da promiscuidade.

38 — A lucta pela existencia permite, e cada vez com mais frequencia, a invasão legal de elementos raciaes de nacionalidade diversa, que vem assim ao contacto da vida social. Admitamos a presença de um grupo de elementos imigrantes para dentro dos limites de uma unidade ethnica e racial, e vejamos o que ha a distinguir na posição relativa do grupo receptivo estabelecido, para com o grupo invasor infiltrante. Evidentemente, o grupo estabelecido adquire, em virtude da accumulção das condições anteriores, que o adaptaram, uma resistencia involuntaria, uma especie de impermeabilidade perante o movimento osmotico externo. A infiltração, no entanto, pode accentuar-se pela continuacão da pressão exterior exercida em todos os intersticios do trama, no qual se deve manter a vitalidade da raça, pelo exercicio da sua energia interna.

Outra forma de invasão pode conceber-se, e observa-se frequentemente na historia, quando a penetração se exerce em profundidade, n'um estrato

CAPITULO III

nacional, constituindo como que uma incorporação. Localisa-se esta, pela intervenção de meios externos mais energicos e preponderantes, permittidos por uma legislação enfraquecida ou descuidada, que não quer ou não sabe defender a aggregação interna. Então, vae-se realisando d'este modo, uma marcha invasora, com o character depauperante de um neoplasma, que assegura a conquista futura de todo o organismo, pela destruição das suas partes mais vitaes.

Contra o nucleo estrangeiro, transportado com as suas qualidades originarias, a raça tem de defender-se, conforme a tendencia da politica exterior d'esse nucleo domiciliado, e segundo o seu poder de organização. Se a potencia a que pertence a colonia, tem ideas imperialistas, se o seu proposito proximo ou longinquo, consiste em invadir o territorio, que aproveita para os seus colonos, e no qual bizarramente a raça lhe permite a hospedagem, então será aviltamento não lhe contrariar o exito, e principalmente quando a nação infiltrante é dotada de mais intenso animalismo.

Se a raça da colonia estrangeira, biologica e psychologicamente superior, não tem tendencia á dominação, o mal será menor que o descuido, de lhe permittir o augmento. Mas, se a uma tendencia imperialista de invasão se juntar uma organização poderosa no seu conjuncto, e uma particular habilitade de adaptação individual, o perigo da infiltração será, então, mais de recear.

Não obstante, é sempre tempo, para que, ou a

CONSERVAÇÃO RACIAL

infiltração ou a incorporação morbida encontre um limite, além do qual estacione e não mais profundamente penetre, ou que, d'elle regresse irradiada pela tensão do natural antagonismo, ou em resultado de uma lucta. Geralmente, as forças rastejantes da infiltração, desprezando o alheio sentimento patrio, não prevêem o esforço heroico de um organismo, quando reage contra a oppressão, e contra o sentimento enfraquecido que a motivou, quasi inconsciente.

Se é cousa de extranhar, que o pensamento nacional se deixe quedar amortecido, enthusiasma-nos quando revivesce, figurando a resistencia ancestral, na qual a energia latente de regeição, contra o exótico, adquire as proporções e a altura, d'onde possa expandir a sua actividade salvadora. O momento de resurgimento nunca é antecipadamente conhecido, o momento em que a potencialidade racial se actualisa com o «Não» heroico e exterminador, com o seu poder de repellir e castigar a affronta recebida.

A raça, o grupo racial deve procurar constituir a sua sabedoria associativa, dispondo dos instrumentos legaes, de modo a poder assimilar o que de fóra fôr util para a vida do organismo, para o seu robustecimento, evitando a sua infiltração por elementos absorventes, desaggregantes e degenerativos. Esta coexistencia dos poderes de regeição com a capacidades de assimilação constitue a caracteristica mais decisiva, nas formas de actualisar o poder de conservação racial.

39 — A incompatibilidade, ou antagonismo racial ou nacional, com outra raça, representa, como vimos uma forma prospectiva do instinto de conservação. E uma natural disposição para a defesa, antecipada pela necessidade instintiva de uma prevenção, que se revela por certas attitudes, umas vezes involuntarias e, n'outras circumstancias, propositadas.

O antagonismo primitivo desenvolve o instinto da abstenção de actos amigaveis, mas a influencia inhibitoria da educação pode evitar, nos casos attenuados, a passagem para os paroxismos de exaltação, ou para o proposito offensivo das hostilidades, do individuo ou do grupo.

O conhecimento d'um campo politico adverso (no internacionalismo politico), á independencia e livre expansão da patria, nem sempre é facil e rapido de obter, da parte do vulgo, mas a experiencia historica, reduzida, ainda que seja aos ultimos vestigios de uma tradição, dá a certas classes como que uma intuição regressiva, que vale praticamente como conhecimento, no presente, da revivescencia dos germens dos males passados. O organico, a vida visceral entra em grande parte n'estas manifestações de repugnancia, de antipathia instintiva, defensiva e hostilisante, formas expontaneas e não organizadas da energia de conservação, mas que são poderoso auxilio e base para a defesa dos Estados.

CONSERVAÇÃO RACIAL

As formas de antagonismo internacional colectivo são comprehensíveis, quando se desce da analyse da classe á do individuo, e quando, nos entes grupados em volta do sentimento colectivo, se investiga a aversão do conjuncto. Ha a reconhecer, n'uns, uma aversão hereditaria, não tanto individual como collectivamente transmittida, n'outros individuos a antipathia deriva de um conhecimento mais ou menos exacto e copioso dos dados historicos, n'outros, de factos mais recentes; n'outros emfim, alguma cousa inexplicavel, mas nem por isso menos real e intensa, constitue a causa da aversão. Em todos os casos o antagonismo dá-se espontaneamente entre classes de individuos dissemilhantes. Não é porém tão sómente a heterogeneidade dos elementos, que pode explicar a antipathia entre as Nações.

A antipathia collectiva não implica, com frequencia, antipathia de individuo para individuo, podendo assim coexistir sympathia pessoal com antipathia racial. Da antipathia collectiva é facil passar ao odio e ao rancor colectivo, mas perante este mesmo, a tolerancia altruista é não só admissivel, como é commum encontrar-se entre individuos civilisados. Tal é o caso de soccorros a feridos de exercitos inimigos, compativel com os mais terribes embates, que sem perdão nem misericordia occorrem no emprego das armas: a mão perticular váe assim a mitigar a dôr produzida, sem piedade, pela intensão, pelo braço colectivo.

CAPITULO III

Fóra d'este caso, é difficil admittir a prescripção do odio racial, quando elle é exarcebado pelas tendencias sugadoras e invasoras de uma das partes dotada de maior animalismo, apparecendo pois como um epiphenomeno, de natureza mais propriamente visceral. A conservação e a revivescencia do odio racial, do odio historico das raças, são condicionadas pelas tendencias latentes de intrusão, e pelas tentativas patentes de invasão e enkistamento de um grupo racial, sem escrupulos nem consciencia social, sobre outro grupo ou nação.

A velha historia do mundo, e a sua renovação sempre a repetir-se, encerra casos especiaes, que constituem como que extensões de antagonismo bilateral. Se determinados grupos raciaes, a, b, c, etc., heterogeneos entre si, se encontrarem pelo acaso imprevisto dos factores historico-sociaes, sob o jugo tyranico de um grupo dominador D (que pode coincidir em character racial com qualquer dos grupos a, b, etc.) a defesa da liberdade pode levar os grupos a, b, c, etc., a cooperarem, proclamando-se livremente unidos entre si contra D. A sua vida commum é a sua união, centralisada contra o dominio da tyrania, vida mais supportavel, que a absorpção por um factor peripherico heterogeneo. E' bem de ver, que esta defesa da periphéria commum contra a tyrania collectiva, não implicaria a união n'um simples caso de collateralidade de fronteiras, de communidade de limites, que não constitue causa proxima ou remota de uma fusão ou absorção.

40 — O antagonismo, em acção mais ou menos manifesta, sob ordem, a esperar o signal de operar a fundo, presuppõe a existencia historica de uma incompatibilidade organica e funcçional, com o outro grupo racial. Essa incompatibilidade provém, necessariamente, de uma desharmonia fundamental, que se realiza no tempo : que a historia o ensine, que a actualidade o demonstre, e que a previsão o adivinhe. A synthese d'essas tres classes é bem facil de realizar. Na verdade, bastará para isso lembrar, que os seres, organizados em totalidades, possuem uma faculdade de accumulacão especifica de natureza mnemonica, e que por outro lado, a posição essencialmente finalista se constitue, como em obediencia a uma «vis a fronte».

As collectividades raciaes procuram as rasões da antipathia nas differenças de finalidade. Os antecedentes historicos, a diversidade de origem, a selecção racial, a dissemelhança do pensamento, a disconnexão prevista dos actos, a mutua inadaptacão dos meios accumulados, todo este panorama de antagonismos, patenteados, dia a dia, perante duas nações, que se entreolham com a presentida e clara vizão dos seus destinos diversos sob a influencia bem distincta dos seus labaros e do symbolismo das suas bandeiras, toda esta diversidade de dados e de meta das vidas collectivias constitue uma bar-

reira profunda, que não se vence momentaneamente senão pela escalada, mas cujas ruínas de rapina são mais fecundas para a vingança expontanea, que as longas preparações para as depredações e sacrilegios da patria alheia.

A incompatibilidade organica e funccional, de que provém a desharmonia e o antagonismo no tempo, relaciona-se com uma antimonía no racional. Essa antimonía revela-se, sempre que o desenvolvimento de uma totalidade se faz «in mente» ou «in re» á custa da esphera de influencia de outra, de modo que, a plena affirmação de existencia de uma implique detrimento ou interferencia, na plena affirmação de outra totalidade.

*
* *
*

41 — Passando a um outro grupo de poderes, com os quaes se pode realizar o progresso practico da vida de uma Nação, temos a reflectir, que a vitalidade da fé nacional se manifesta funccionando, como energia conjuncta da collectividade, na tendencia de rapida realização de um ideal de honra, prosperidade e engrandecimento da terra patria, nos mais graves momentos da crise, animando os actos dos poderes mais centraes com aquelle necessario apoio, para as suas decisões de emergencia.

Encontramos a origem d'essa energia no des-

pertar inconsciente dos factores affectivos da sensibilidade irritada, nos periodos de agitação, tomando a forma de um «estado nascente» nas épocas historicas, nas quaes ao periodo depressivo segue um outro, de ascensional reacção.

Apresenta-se então a vitalidade, com um caracter penetrante, na sua clarividencia intuitiva de salvamento da independencia da collectividade. Uma prompta passagem á acção na necessidade de perfazer actos salvadores, um titubiar do inconsciente, um frenesi de uma forte vontade (comquanto falha as mais das vezes, de appropriada direcção); taes são as mais communs manifestações da vontade collectiva, no periodo de ascenção da vitalidade da fé nacional. Aos factores mais ponderados e intellectualistas, mas por isso mesmo, menos impulsivos, compete então dar aos actos da collectividade a direcção e a coordenação precisas.

Todavia, só poderá definir-se como vitalidade util e pratica, pelos seus resultados mais permanentes e mais rendosos para a vida nacional, aquella ardente crença no futuro da Patria, que se traduza em actos de energia por todos os ramos da fecunda e tonificante arvore do trabalho. O que se requer, emfim, como mais util, é a reconstituição e progresso do presente, fortemente ligado á historia e á poesia do passado.

A vitalidade da fé nacional manifesta-se, pois, em muitas direcções, que a parte mais intellectual, mais consciente e de maiores responsabilidades de

uma nação, tem a obrigação de tornar convergentes. A convergencia das funcções n'uma direcção util é assegurada, em termos practicos, pela Solidariedade.

42 — Pode definir-se solidariedade funccional a reciprocidade de acção entre as partes de um todo, entre os elementos organicos, que constituem uma entidade collectiva. Referimos-nos aqui á entidade Povo de uma só Patria commum, á collectividade dos habitantes de uma Nação.

A Solidariedade, suprema lei, que pode relacionar os elementos dispersos da vida universal, comprehende, como caso particular, tudo o que conduz á realização das leis mais geraes, que abrangem maior numero de seres e de casos. Taes são os das leis da conservação da especie, da adaptação e da selecção, as quaes corroboram a dependencia das partes no todo, na significação inilludivel de uma finalidade.

Mas esta finalidade não é sómente circumscripível ás estruturas da vida physiologica, condiciona ainda funcionamento da affectividade, da mentalidade e da volição dos seres humanos, cuja solidarisação se traduz, practicamente, na obrigação social das energias serem orientadas n'um sentido commum ou parallelo. Esta synergia social conduz á economia dos esforços, e portanto á efficiencia do

trabalho livre. A condição da realização practica de tal fim encontra-se na existencia de uma cultura moral, que o assegure.

Pelo contrario a dissociação dos elementos, que devem, unidos, constituir os aggregados nacionaes, a destruição das forças de ligação, que tinham obrigado a totalidade ao trabalho solidario, é a morte da colonia, da entidade collectiva, da Nação, da Patria commum.

Esta solidariedade caminhará talvez, com o progresso do mundo, pelos estadios, que permittem aos poetas sociologicos a antevisão de uma solidariedade universal.

*
* *
*

43—Mas fóra e longe da solidariedade universal, sonho para as nações descuidadas, e que se traduz em emphaticos verbalismos ou em commodos retrahimentos, affirmamos, sobre a cohesão estructural e funccional de um Povo, de um Paiz e de uma Nação, e de uma Patria, a suprema e imperativa lei da Solidariedade nacional.

N'ella ha a considerar numerosas acções, que teem de ser concordes, apesar das suas proprias diversidades de origem, e de entre ellas notaremos as relações que ligam o passado ao presente, na mais ampla e plena satisfação do sentimento patrio. O orgulho historico da Patria, a crença no seu poder de reabilitação, são extremamente proficuos, e a

efficiencia d'estes sentimentos, como capital no internacionalismo, tem sido na historia politica de certas nacionalidades um factor importante da sua defesa.

A historia, com a sequencia evolutiva de muitas ideias do passado, n'uma intelligente colligação com a actividade bem orientada do presente, constituem a melhor defensiva-offensiva na conservação das nacionalidades. Esta convergencia de meios de disseminada origem, ao longo da successão historica, chama a attenção, não só d'aquelles que laboram na contemplação investigadora da riqueza mental do passado, como dos que trabalham na febril actividade do moderno machinismo social, o que permite a hypothese de entendimento e sympathia mutua, e portanto de collaboração das ideias e das intenções. O mais grave erro contra a segurança da conservação da homogenidade estructural e funcional da raça e da sua defesa, consistirá em pôr em relevo suppostas antinomias de origem ou natureza historica, e d'ellas sugerir antagonismos para o campo da practica politico-social.

A solidariedade deve praticar-se, portanto, a partir de todos os elementos do coexistente, ligando o passado ao presente na mesma convergencia de intensão e na proporcional e bem partilhada cooperação de vitalidades, que asseguram, como unico recurso, a vida, o bem e o progresso da collectividade Patria.

Poderemos resumir o que dizemos affirmando a

CONSERVAÇÃO RACIAL

existencia do seguinte postulado: deve existir uma solidariedade entre os elementos constitutivos do pensamento e da acção das nacionalidades, como totalidades conservadas no tempo. Cada nacionalidade, na sua persistencia atravez do tempo é representada pelos elementos sociaes, cujo apparecimento, effeitos e restos materiaes, deixados á commuidade, não se realisaram por camadas estratificadas de independente parallelismo. O trama de cada época não tem os seus fios limitados a cada suposta estratificação, a urdidura embaraça-se, entrelaça-se, implica-se nas camadas super e subjacentes, formando um todo, no qual, só uma artificiosa analyse poderá dividir em estratos, por meio de cortes arbitrarios das connexões. Não obsta a esta affirmativa a existencia de certas repetições rithmicas, casos particulares de uma lei geral de repetição.

Outra importante forma de solidariedade é caracterisada pela distribuição, especial e independente do tempo, das forças cohesivas que formam uma representação d'essa solidariedade, e que toma em certos casos, o nome de disciplina.

A disciplina poderá considerar-se constituindo uma solidariedade, quando a cohesão se apresente distribuida, não uniforme, mas sim multiformemente, segundo linhas dirigidas para centros fixos ou irradiantes, e segundo multiplas direcções. As linhas de cohesão, as direcções segundo as quaes as forças actuam, transmittidas dos centros de emanação, suportam um systema determinado e li-

mitado de reacções, compatíveis com o funcionamento d'aquelle systema de forças. Os elementos, que por todo este systema de forças são dirigidos, apresentam entre si um outro systema de implicações reciprocas, no qual, o principio de egualdade entre acção e reacção tem, não só plena satisfação, como tambem é essencial e constitue uma mutua, effectiva e constante exigencia de solidariedade geral. Esta ultima mutualidade de cohesões denomina-se camaradagem, e funciona em permanente relação com a disciplina.

Em consequencia d'esta analyse, a disciplina deve considerar-se como caso particular da solidariedade. A solidariedade será pois definida, por dois systemas de forças cohesoras de funcionamento simultaneo: um de distribuição uniforme entre todos os elementos gregarios, com o attributo de egualdade de acção e reacção; outro de distribuição centripeta ou centralizada, representando forças emanadas de centros fixos, segundo direcções de hierarchia de natureza social, não só compatíveis, mas implicando as acções de distribuição uniforme.

*
* *
*

44 — Procuremos elevar á synthese de uma doutrina o resumo das precedentes observações.

A theoria da conservação da especie, da sua defesa natural, apresenta um aspecto particularmente

CONSERVAÇÃO RACIAL

scientifico, porque não exclue, do seu campo objectivo, a admissão da existencia activa de uma heterogeneidade, mesmo, possivelmente extrema dos elementos ethnicos extranhos, dentro da complexidade das semelhanças e das cohesões ancestraes e actuaes, que os aggregam e que constituem a essencia e o genio de uma Nacionalidade. Esta theoria não é pois restrictiva.

A's componentes materiaes do phenomeno patrio, que se encontram no subsolo da substancia social e por todo o edificio historico que os tempos viram construir, deverão juntar-se as componentes energeticas, que intervieram — formas superiores de energia dynamica e psychica — para que se possa comprehender o valor integral d'aquelle phenomeno. Substancia patrio-social, invariância do instincto racial especifico e energia de desenvolvimento e defesa, tudo se conjuga n'um todo harmonico.

Mas é de observar a variabilidade d'essas energias em funcção global do tempo. A energia da raça é variavel, e deixa ás vezes vinculadas as suas alterações na substancia nacional, que lhe serve de suporte e de vehiculo. As diminuições, os defeitos, a inconstancia de energia, manifestados ou localizados endemicamente em regiões mais vitaes ou occasionalmente importantes de corpo social, amesquinham o instincto de defesa no campo da lucta e imprimem na defesa ethnologica, e até na somatica uma depressão profunda.

Realmente o instincto racial dispõe, como vimos,

de meios de protecção, por exemplo: a repugnancia contra os cruzamentos com raças inferiores ou contra a infiltração de raças congeneres, dotadas de maior animalismo. Esta defesa da homogeneidade social anda intimamente ligada á ideia de nacionalidade, bem como ao seu culto, e á sua cultura intellectual, que lhe mantem a elevação. Por outro lado, o trabalho em todos os ramos da actividade humana e o exercicio das faculdades phisicas e mentaes defendem a substancia e a energia somatica, e desenvolvem-n'as, contribuindo assim para o augmento de disponibilidade da potencia racial.

*
* *
*

45 — Coincidem, portanto, estas praticas de conservação com a applicação das doutrinas da moral da sociedade e do individuo, e portanto existe uma connexão, entre o grupo de phenomenos naturaes da defesa racial e o grupo dos actos seminaturaes da protecção moral da sociedade, tomada como uma simples contiguidade de phenomenos discontinuos. Averigua-se assim de facto, uma coincidencia na finalidade de certas consequencias: a raça que enfraquece ethnologica e somaticamente enfraquece, tambem, moralmente. A conservação racial e a sua defesa tendo assim um significado de natureza ethica, o sentimento patrio, que lhe corresponde como determinação causal, apresenta, portanto, uma fi-

CONSERVAÇÃO RACIAL

nalidade moral. O principio de nacionalidade encerra, pois, um conteudo ethico.

Mas, por outro lado, a constancia substancial de classe, da classe raça, corresponde racionalmente á constancia consciencional do espirito. Sobre esta forma de invariancia constituimos o fundamento interno da moral associativa, o que permite estabelecer o seguinte principio: o sentimento patriotico representa a manifestação de uma lei moral. A ausencia d'esse sentimento, o amoralismo ou o contrasentimento, representa uma manifesta desmoralisação ou um estigma degenerativo.

IV

CONSERVAÇÃO DO AMOR PATRIO

Os factores estaticos e dynamicos da conservação racial coincidem, em qualidade, com os da permanencia do amor patrio — Significado social da emotividade conservada — A emotividade patriotica, despertada pela evocação de origem associativa — Evocações auditivas e visuaes, como agentes de conservação e revivescencia do amor patrio — O valor social do symbolismo — Relações entre o estado de conservação organica e energetica da raça nacional, com o estado psychico e volitivo do sentimento — Possibilidade de divergencia entre o sentimento e a vitalidade racial — O estado de energia e de pervigilancia, exacerbado na occasião das crises depressoras — A sobrevivencia do sentimento patrio, como penhor da revivescencia nacionativa.

46 — A analyse desenvolvida no capitulo precedente, sobre as causas e as formas de conservação da raça, mostra-nos a existencia de um subconsciente organico, constituindo como que o trama, sobre o qual funcçionam os factores conscientes do sentimento. Estes factores podem classificar-se em dois grupos, a um dos quaes pertencerão os que tenham caracter estatico, e ao outro os que se apresentem com predominio da sua energia dinamica.

Avaliados conjunctamente, os caracteres mani-

festados no sentimento de Patria, que servem de unidades para a sua avaliação «in se» ou no fôro individual, são o theor de espontaneidade, o de perduração e o de revivescencia. E fóra de individuo, no fôro externo ou social, o que mais o valorisa é a sua intensidade de sacrificio util, a solidariedade com o meio normal e as condições de efficiencia da sua energia.

Uns e outros tendem a desempenhar o seu papel de resistencia contra as pressões demolidoras do meio, contra a indifferença aos perigos do ambiente exterior e contra a inercia de acção, que n'uma esperança messianica commodamente attende, em repouso, a chegada de um agente salvador; finalmente contra a propria inconstancia do pensamento e dos estados de affectividade, estigma das fracas vontades. Nas formas de passividade, o sentimento patrio é, quando muito, uma aspiração a reconhecer-se n'uma consciencia, que sendo dubia, sómente seria capaz de exteriorisar-se em verbalismos.

Em contrario da resistencia estatica, propria das formas passivas do sentimento, existe no amago da sociedade uma reserva de energia, que se encontra distribuida, em gráo diverso, pelos individuos que a constituem. Essa energia é como um dynamismo em ser, composto de todos os elementos dispersos, que se observam n'uma escala de intensidade, desde os mais simples, sensoriaes e instinctivos do subconsciente até á culminação do sentimento no ultimo sacrificio, e do pensamento na visão consciente

das predestinações. E' n'essa energia, que funcionam certos factores do genio nacional.

Tomemos exemplos de casos particulares. Quantas vezes um gesto de menosprezo, a respeito de um facto da vida historica ou actual da nossa patria, uma allusão desprimorosa, uma invectiva, inoportuna ou ironica sobre o nosso valor colectivo, desperta o odio ao estrangeiro, que assim mesmo, sem intenção, nos póde ferir.

Quantas vezes, pelo contrario, um equitativo elogio, surgido como balsamo, nos vivifica o amor da patria, causando effeito opposto áquelle, que nasceu por um movimento de reacção!

O juizo particular, ou a opinião de uns poucos, contra ou a favor de uma sociedade, exerce impressões sobre a sensibilidade d'ella, de maneira tal, que parecem desproporcionadas á causa excitadora. E' porém de attender, que estas cousas succedem, como se, a boa ou má opinião affectassem, na totalidade a honra e fama de cada parte. E' como se, cada cellula do tecido social reagisse, assim, por via da totalidade das connexões. Reconhece-se, na particular emotividade de cada qual, uma representação expontanea da defesa do conjuncto, que, pelo facto de não ser organizada, nem por isso deixa de constituir um poderoso instrumento de vigilancia e conservação do amor patrio, e da sua applicação na defesa da unidade racial.

A este significado do phenomeno podemos annexar um outro, que provém da consideração de que,

a sensibilidade ao pensamento critico, ao criticismo do meio, representa uma tendencia á reinvidicação de uma posição perante esse meio, ou perante um meio mais extenso, tal o que se expande fronteiras a fóra, isto é, perante uma totalidade maior. Essa posição significa uma situação de energia, constitue uma sensibilidade de classe com attributos volitivos, que defende o potencial global de uma sociedade, que se reconhece livre, e que o quer ser. A defesa d'esse potencial constitue um phenomeno de conservação de classe, na forma emotiva do seu amor patrio. Representa, pois, uma forma de conservação, por via de um dynamismo de reacção sobre o pensamento externo.

*
* *
*

47 — Passemos ao exame de outras impressões. Exemplifiquemol-as, nas que resultam da sensibilidade propriamente sensorial. Apontemos o caso da sensação auditiva á melodia de certos sons, e ás combinações, nas quaes o symbolismo constitue o principal character de attracção, taes como as observamos nas marchas e nos hymnos, isto é, nas invenções rithmadas.

Mais de um grupo ha a distinguir, n'este genero de sensibilidade. Para uns, a impressão recebida desdobra-se, seguindo o seu curso por meio da evocação, tão sómente de natureza mnesica. A audição de uma marcha evoca, por associação sensorial e

motriz, d'essa origem, os estados de affectividade, e a reviviscencia dos estados de consciencia patriotica.

N'outros casos, o objectivismo da evocação é, manifestamente, de origem associativa, de factos correlativos da realidade. Tal é o que se passa na audição de um hymno patriotico, de um cantico, que celebre a independencia, a lucta e a victoria. N'esse caso, existe, pelo consenso vulgar e pela intuição, uma connexão entre o sentimento, a forma e o conteúdo musical e poetico; entre a Patria e os sons que a exaltam na musica, nos canticos, e nos epicos ou elegiacos dizeres dos seus poetas e cantores. Este trama de correlação transporta-se na imagem espiritual, e a ideação, que se repete, constitue casos separados, dos mais ricos e abundantes, da conservação do amor patrio.

As sensações visuaes provocam reacções de origem mnesica, e outras de origem associativa, como todas as que determinam as funcções evocativas. O campo das representações, é então o mais variado e fecundo, de todos quantos podem significar o desdobramento e a expansão da emotividade, no mundo da mentalidade.

O espectaculo de uma paizagem, por exemplo, de um paiz, que não seja o nosso, pode dar pelo seu character de semelhança a evocação, sómente mnesica, de mais de um aspecto da terra patria. Os elementos communs, n'ella observados, despertam a imagem da sua phase de repouso, adormecida, e o conjuncto,

CAPITULO IV

do que é visado, sugere ao espirito vigilante uma representação da terra ausente, saudosa e imaginada. E não menos verdadeiro é o facto, da mesma especie de evocação se gerar, pela polaridade oposta, pela opposição esthetica, que nos sugere o aspecto desolador de uma planura descolorida e com a apparencia de deshabitada, contrariando e evocando por contraste, os sorridentes aspectos, variando desde a imponencia das montanhas, ao verdejar das colinas e ao colorido, entre vivo e sombrio, do reconcavo ameno dos valles da nossa terra, na plenitude de uma vida saudavel e alacre do nosso povo. A evocação, pelo funcionamento especulativo da memoria, faz-se assim por um genero de excitações produzidas pelo tedio, de que queremos defender a nossa sensibilidade desolada, pela attracção mnesica, que nos solicita, appartados da realidade admirada, e saudosos d'ella.

Nos casos, em que a visão dos objectos é solicitada por aquelles symbolos, que permanecem em obrigatoria connexão com a existencia material da patria, pelos signaes, que a representam — os emblemas, os lemmas e os labaros, os pendões e os balões, as bandeiras e os estandartes, que chamam pela vista, como os hymnos clamam pelos sons a attenção dos patriotas — as representações são as mais repetidas, mas nem por isso são as menos vivas, antes provocam dos elementos intellecto-volitivos as mais energicas reacções. O dynamismo patriotico, que se excita e potencialisa na observa-

ção, vista ou ouvida, dos symbolos definidores da Terra Mãe, é o mais excelso em qualidade e o mais energico. E' o que mais concretisa nos limites, que os nossos braços podem abranger, a memorisação de toda a Terra Patria, que elles representam, e com cuja conservação material e espirital se confundem.

*
* *
*

48 — O phenomeno da conservação do amor patrio relaciona-se, naturalmente, com o estado da propria nacionalidade.

Muitos são os casos a observar nas relações entre a intensidade do sentimento e a vitalidade correspondente do seu objecto, não existindo parallelismo entre a marcha de um, e d'outro. O sentimento permanece e avigora-se muitas vezes, quando a nacionalidade se deprime; este character o define como amor, tal como é concebido o amor filial, com as modalidades proprias, que fazem ligar o da patria á crença da sua immortalidade. Tentemos expôr uma idea geral das causas d'este phenomeno, ou do seu mecanismo.

E' facto innegavel, pela sua repetida verificação historica, que, durante as crises de decadencia, quer se apresentem n'uma athymia dolorosa ou na aniquilação da vida independente de uma nacionalidade, uma exacerbação da attenção, em tudo o que toca no futuro do corpo social, se manifesta. Uma especie

CAPITULO IV

de pervigilancia espontanea desenvolve-se na mente dos patriotas, e por meio d'ella a providencia ou a antevisão do futuro facilita-se, exercendo-se, audaz ou cautelosa.

Algun «quid», acima do commum natural das cousas, se excita, observavel, em certos periodos da vida das nacionalidades, que faz lembrar o «previ-so», attributo sobrenatural da Providencia, e que actua, como ella, perante a nossa vista maravilhada. O corpo social, agitado, tenta tomar um rithmo e espera a acção dirigente; avoca a sua appareição, engana-se na tentativa da escolha dos elementos directores, hesita arrependido nas veredas, que se lhe deparam sem sahida. Obstina-se a parte mais energica d'esta symbiose, em dirigir-se no sentido de uma finalidade, que lhe parece a unica, com uma perseverança, que só se póde designar, resuscitando o antigo nome de «pervicacea».

Forma-se uma prospecção dos proprios fins atravez da nebulosidade do futuro, por entre a desordenada incoherencia dos movimentos do organismo agitado. Alguma cousa, uma especie de «vis a a frente», nos attrae para uma méta, para essa, como que, columna de fogo, que mais encandeia o campo da acção que o illumina, cerrado como será sempre pelo nevoeiro do desconhecido, e atravez do qual o corpo da sociedade vae chocando, contra os obstaculos imprevistos no tempo e contra a maldade e egoismo dos homens.

Tal é o caso da phenomenalidade geral observa-

CONSERVAÇÃO DO AMOR PATRIO

vel, na qual a conservação do amor patrio constitue a nota dominante, n'este consenso de posições do espirito que se denomina: optimismo.

O sentimento patriotico ultrapassa a vida da patria, por via dos elementos da volição residuaes, e pelos que lhes desperta uma pleiade de agentes psychicos, entre os quaes se contam a memoria affectiva, a memoria sensorial, a memoria intellectual e a imaginação affectiva e creadora.

A estes agentes memorativos, revivescentes da affectividade geral, é necessario addiccionar, para o computo da acção psychico-motora dos individuos e das massas, no theatro politico do corpo social, outros agentes, que a observação nos revella, por pouco que avancemos na experiencia. N'este proposito estamos de não abandonar esta experiencia, senão, quando nos faltarem de todo os fracos instrumentos de investigação, com que nos possamos sentir dotados. Queremos-nos referir aos agentes de antevisão ou de prospecção, especie de «vis a fronte», que aguilhoa o campo do pensamento. por pouco que elle reaja.

Os agentes memorativos e prospectivos (que pelos exemplos das suas acções foram indicados), provocam a reacção de sentimentos inertes, e, constituem-se em causas, não só da sua estabilisação e constante permanencia, como da sua consolidação. Produz-se um condensamento em volta das ideias directoras, que a politica do corpo social tenha posto me evidencia, revela-se uma concreção de vontades,

uma aggregação das disponibilidades dispersas. O corpo social parece dispôr de maior numero de membros, de mais abundantes materiaes reparadores. Tal a funcção de consolidação, que se observa.

Por outro lado, como agentes da elevação da energia, certas entidades revigoram a vontade geral, produzem um robustecimento do espirito de nacionalidade, uma revivescencia do ideal abatido, concorrendo, assim, fortemente, para a perduração do sentimento atravez do tempo. Por esta via se mostra a sua funcção de engrandecimento, de inovação.

Communicam, pois, ao immortal sentimento de nacionalidade, ao instincto e ao pensamento patriotico a tenacidade de uma vida propria, independente do estado da sua propria nação, e, variam em funcção do tempo por aquelle extranho modo, que a historia nos patenteia.

•
• •

49—A intensidade do amor patrio sobrevive á vida da Patria, e avigora-se, de modo que acompanha, como segunda personalidade dissociada, o proprio corpo social e o organismo politico na sua atonia, quando a má sorte dos tempos o deixa mergulhado, no lethargo, na morte apparente da sua independencia.

A' Patria sobrevive o amor de seus filhos, conservado sob as cinzas da sua vida consumida. Sob

CONSERVAÇÃO DO AMOR PATRIO

este manto de apparente esquecimento, latejam e desenvolvem-se as vidas dos seus novos filhos, e de uns aos outros o lume da crença conserva-se vivo, mas occulto. Com o alargamento do fosso do tempo, interposto desde a perda da liberdade dos dias de então aos de hoje, cresce a população e a intensidade exhortativa dos factores memorativos. Multiplicada a função no tempo, a vida independente e autonoma do sentimento exacerba-se, assim, no individuo e potencialisa-se no grupo, prompta a marchar, no destino victorioso do prognosticado renascimento.

N'esta tendencia, permanentemente conjugada com a influencia dominadora dos factores prospectivos, reconhece-se um phenomeno psycho social de conservação do amor patrio, e, pela multiplicidade universal dos seus exemplos, estes constituem a representação universal de um heredismo conservador.

D'essa representação pode ascender-se, no racional, á generalidade de um conceito, que exprima syntheticamente esta phenomenalidade, na forma de um Principio da conservação do Amor Patrio. Tal é o que se apresenta, originado da concatenação dos factos concretos, expendidos n'este capitulo, e que constituíram pontos de partida, para as resumidas considerações, que fizemos.

The first of these is the fact that the United States is a young nation. It is only about 150 years old, and its history is therefore a history of rapid growth and change. The second is the fact that the United States is a large nation. It covers a vast area of land, and its population is one of the largest in the world. The third is the fact that the United States is a diverse nation. It is made up of many different peoples, races, and religions, and this diversity has been one of its strengths.

The fourth is the fact that the United States is a nation of immigrants. Many of the people who live in the United States today are the descendants of immigrants from other countries. This has helped to make the United States a more tolerant and accepting nation. The fifth is the fact that the United States is a nation of pioneers. Many of the people who live in the United States today are the descendants of pioneers who came to the United States in search of a better life.

The sixth is the fact that the United States is a nation of freedom. The United States is a nation where people are free to live their lives as they see fit. This freedom has been one of the most important factors in the success of the United States. The seventh is the fact that the United States is a nation of opportunity. Many people have come to the United States in search of a better life, and they have found it. This is because the United States is a nation where there are many opportunities for people to improve their lives.

The eighth is the fact that the United States is a nation of progress. The United States has been one of the most progressive nations in the world. It has been the first to develop many of the most important technologies of the modern world.

V

ESSENCIA DE UMA NACIONALIDADE

Imprecisão da terminologia vulgar — Materia de localisação e de classificação — Necessidade de neologismo — Raça nacional como termo cumulativo — A difficuldade do problema das origens — Definição de raça nacional, como producto de segregação historica e isotopica, independentemente do problema da origem — A conservação da endoenergia de origem, e dos residuos da forma estructural da segregação — Definição da invariância racial, como uma variabilidade limitada á condição de se continuar perenne e pertinente a uma determinada vida collectiva e á sua conjuncta finalidade — Racial de uma nacionalidade — O significado de Paiz, como logar ou indice topophisiologico — Prospeção racial — A raça nacional como typo de uma realidade ontologica, cumulativa e associativa — A raça e a alma do heroe nas crises decisivas — A tonificação e a sapiencia dirigente, auxiliando a performance de invariância racial — A essência especifica de Nacionalidade, como substancialidade de classe ou epitheto descriminante dentro da categoria de qualidade — A sua equivalencia com a definição de racial — O Principio da Nacionalidade deduzido da doutrina da essência especifica.

50 — Povo, Nação, Paiz e Raça, são termos de significado diverso, que se agrupam em torno de uma commum idéa dominante, e que, por ser a

mais geral, é a que mais facilmente fornece um significado á interpretação vulgar, em geral hesitante. As idéas que tentamos definir, tendem a occupar mutuamente os respectivos campos de significação e os termos que as representam oppõem, como que uma inercia obstructiva, ao trabalho das operações discriminantes, tendentes a facilitar, pelo conhecimento dos significados, os seus limites.

Mostram estes factos, que é necessario, na analyse a que se permita proceder, compor os symbolos, de modo que, postos em formas cursivas, permitam exprimir uma idéa, senão nova, pelo menos mais precisamente definida no seu significado e nos seus limites funcçionaes.

Admitamos o termo cumulativo de *raça nacional*, imposto, como signal discriminante, pela necessidade de esparselar o campo de interferencia das noções associadas, que, pela sua approximação se esbatem confundidas. O seu significado, já de si intuitivo, pode ser esboçado, primeiro que tudo, pelo seu limite negativo. Por este, estatuímos, que tal termo não significa nem representa, para nós, qualquer grupo racial, recognoscivel como *typo anthropo-ethnologico*, supposto puro, ou derivado que seja, de um unico tronco, de conhecida ou presumida antecedencia prehistorica.

No caminho que seguimos, para uma tentativa de melhor definição do que se encontra de vago e nebuloso n'esta materia, convem accentuar quanto se tenta tambem tirar do desconhecido para satis-

fazer a angustia de definir, com precisão, o que de sua natureza é impreciso. As mais variadas e intrincadas origens das raças são ordenadas erradamente em successão chronologica, como esta se possuissem um encadeamento de causação. Muitos auctores não presumem. N'estes assumptos, affirmam peremptoriamente. E affirma-se para evitar uma affirmativa bem mais verdadeira: que muitas falhas essenciaes existem ainda na massa do humano conhecimento. Aquelle conjuncto de dados, tão vasto como complicado e ignorado, que se symbolisava com o phonema de «accaso» nomeia-se assim, para illudir o testemunho da ignorancia, que o orgulho não permite patentear. A massa dos dados, que fornecem as duvidas, e a das hypotheses sobre origens imprecisas, são, de um lado, tão vastas, e de outro, tão contradictorias, que bem ultrapassam o conhecido e o cognoscivel.

A ethnologia comparada e a prehistoria permitem chegar-se a illações provaveis, sobre o problema das origens. O caminho, que se percorre n'estes estudos é tão interessante de seguir, como é consolador reconhecer o amor da verdade d'aquelles investigadores, que, proximos a alcançar a meta, a conclusão culminante, que iria deslumbrar as raças sobre os mysteriosos locaes e porquês das suas origens, preferem confessar a improfiquidade dos seus esforços e bradar. conscientes, a perpetuidade do segredo da origem dos homens e das cousas.

Por nosso lado, em vez de seguirmos systemas de interpretação, de cujos autores de superior valia fazemos aliás alto conceito, seguimos um caminho médio relacionado ás localisações, ao isotopismo.

Tomemos um determinado grupo de população, integrado entre os limites dos antecedentes historicos verificados e verificaveis, com os caracteres e dados, que actualisam a sua vida do presente, e lhe marca a probabilidade na via do futuro. Conserve-mos em synthese mental este grupo, e como um todo comparemol-o a outros. Notemos-lhe os caracteres e as diferenças. Não será illogica, nem demasiada a sua analogia, com uma arvore, que se considere bem distincta de outras suas congeneres, pela origem, porte e por aquelle bracejar, que define a sua historia organica e por aquella radicação, que a completa, assegurando-lhe a sua fixação na terra, e a sua vontade de uma vida, que se perpetue. Esta analogia, dá-nos a intuição clara de uma e qualquer forma de população localisada, e integral,

Em vez de subordinarmos a idéa da *raça nacional* á rubrica definidora de um supposto grupo recognoscivel por verificações anthropometricas, valorisamos o titulo de *raça nacional* em termos da sua endoenergia historica, localisada independentemente do subtractum definivel pelas indicações do que se pode chamar a materialidade anthropologica.

E' de notar comtudo que na *raça nacional*, de-

vam contar-se os resultados dos determinismos ancestraes, constituindo o heredismo. E' portanto forçosa a acceitação, em principio, de uma philogenia racial, de uma existencia de residuos anthropogenicos, pelo menos funcçionaes em concurso com caracteres novamente adquiridos para a massa collectiva.

51 — Concentremos, agora, a nossa attenção sobre o corpo social de uma determinada nação, como representante do Principio associativo de nacionalidade, e olhemol-a como um ser colectivo, como uma colonia psychobiologica. Permite-se este simile, no amplo intercambio de analogias, que as sciencias mutuamente se prestam, e que n'este caso a logica permite, como processo de analyse. N'este caminho, comecemos por distinguir a parte funcional, da structural, na colonia segregada.

Primeiro que tudo, devemos lembrar que a integridade de todo o ser colectivo exige, por um lado, uma appropriação differenciada da sua energia, que é uma fracção da energia mundial em competencia, e por outro uma divisão do trabalho interno, por grupos de funcionamento e de utilização da sua endoenergia.

A energia do ser colectivo, representante do Principio de associação nacionativa, a endoenergia de origem, mantem-se atravez dos tempos, com a

persistencia indestructivel dos seus materiaes continuamente renovados, conservando-se, mercê d'essa actividade propria, que se faz e refaz constantemente no seio da herança organica, como um fluxo sempre superiormente alimentado pela potencialidade de origem.

Cada aggregado, dotado com um tal character de permanencia, sempre identicamente renascida, atravez do tempo e das vicissitudes do imprevisito, cada uma d'essas massas synergicas, perpetua-se em evolutiva semelhança, na successão dos acontecimentos; vive e adapta-se conforme os valores resultante do movimento rithmico, que lhe imprimem os factores sociaes dos periodos, que percorre.

A alguma cousa superior se pode attribuir esta existencia permanente do grupo nacionativo; alguma cousa dotada de um character de quasi constancia, algum «quid», factor de suprema influencia, se induz e se generalisa para um conceito, do que appellidamos, salvo a ousadia da innovação e do neologismo, «o racial da nacionalidade».

O racial da nacionalidade figura a iniciativa creadora, a energia que d'ella se conserva, a endo-energia invariante, representando ao mesmo tempo a apercepção social, o genio nacional, a sensibilidade sempre renovada, a sua esperanza ondulante e a sua fé persistente na razão da sua existencia e da sua vontade de viver a sua vida, e a vida dos seus maiores.

O racial de uma nacionalidade é no conceitual o representante da realidade historica, que se pode denominar mais propriamente a «raça nacional».

A raça nacional é a summula material e espiri-
tual invariante, que remanesce do passado, que per-
manece na passagem pelo actual e prosegue sempre
vivida para os tempos vindouros. E' a substractum,
o corpo em que se agita e tende a dominar o genio
da nacionalidade.

*
* *
*

52 — Considerada a raça nacional como um ser
collectivo, attribuimos-lhe um «locum» de realisa-
ção: o seu Paiz.

O Paiz constitue o logar de concentração da
complexidade e heterogeneidade da raça, pelo que
ella comporta, no seu ambito, de differenciação, da
natureza ancestral e cumulativa dos factos histori-
cos. De toda esta herança a raça é o «locum» phi-
siologico.

A heterogeneidade e a complexidade de uma
raça nacional tende para um minimo, pois que, na
realidade ella representa uma restricção, um grupo
segregado d'uma população mais complexa e mais
ampla. E' por esta segregação e limitação que se
define, como «locum» topophysiologico, de uma com-
plexidade, que tende assim para um ser mais ho-
mogeneo.

O agrupamento, assim segregado de um outro

CAPITULO V

mais vasto, implica um principio de seleccionamento, tornando-se, natural ou voluntariamente, cada vez mais homogeneo na estrutura, no funcionamento e na consequente finalidade, que lhe assegura a conservação do seu character global.

A tendencia para a homogeneidade estructural marcha parallelamente áquella especie de cohesão, proveniente da influencia dos poderes raciaes prospectivos, e bem assim d'aquelles poderes directivos, que o corpo social possa seleccionar para sua defesa collectiva. A resistencia contra os cruzamentos com raças inferiores, a resistencia dos nucleos associativos e administrativos contra a intervenção anti cohesiva dos elementos estrangeiros, absorventes da propriedade e da integridade das familias, são outras tantas condições de permanencia da homogeneidade de estrutura.

A tendencia para a homogeneidade funccional define-se como solidariedade de todas as actividades, no sentido de se manter o character nacional nas manifestações syntheticas, taes como as litterarias, artisticas e regionalistas. A homogeneidade de funcionamento provem, em grande parte, de um tacito entendimento da endoenergia natural, mas a parte directora da inspiração esthetica do corpo social pode ter influencia salutar, de grande alcance.

Da conjugação da tendencia estructural ou organica, com a de funcionamento, resulta necessariamente uma significação de finalidade, impressa á direcção natural das duas tendencias.

53 — Pelo que exposémos podemos ainda concluir, que toda a população nacional actual se pode considerar o suporte, ou o logar de uma energia racial, e, por isso é fóra de duvida, que a categoria de quantidade ou extensidade lhe pode ser attribuida.

A energia da raça será tambem susceptivel de grãos diversos de condensação, podendo apresentar assim um character de intensividade. Assim o typo nacional de heroe representa, como que, um phenomeno de condensação de energia, n'um determinado ser, que a raça reconhece como super-homem. As possibilidades de superior energia do heroe, do dirigente, exercem-se intensiva e extensivamente sobre a multidão, que elle domina, em cada momento historico.

Deve reconhecer-se que a endoenergia racial disponivel pode, não só, despertar-se d'esse modo, como elevar o potencial sob a influencia d'aquelles excitadores, que a historia appellida de heroes. A influencia excitadora do heroe apresenta tambem uma corrente extensiva, irradia não só para fóra do berço racial, levada pela admiração, pela fama, como se perpetua atravez do tempo com uma acção vivificante, que se renova em futuras epochas de crise. N'estes momentos ergue-se ás vezes mais decisiva e influente, que no proprio tempo em que o heroe, por muito proximo, pouco projectava d'essa influen-

cia, na ingratidão dos homens. A mesma raça nacional transporta sempre essa energia propria, para onde o destino ou as tensões de origem externa, a solicita. A energia primitiva imprime na massa, que ella anima, n'essa mesma communidade nacional, uma unidade de acção, que acompanha ou gera um «facies» proprio, e uma directriz, que na média da sua forma necessariamente ondulante, dá uma finalidade, de conjuncto, á *raça nacional*.

A realidade racial, a que corresponde uma realidade ontologica, uma substancialidade de classe, como já indicámos, é ainda recognoscivel nos seus elementos dispersos. O vinco racial e as condições que derivam dos residuos ancestraes são perpetuamente recognosciveis nos elementos, separados pelas edades e pelo espaço, conservando resistentes os caracteres do seu typo e a mesma semelhança de funcionamento. N'uma formula de ultima condensação pode affirmar-se a existencia de uma perpetuidade activa da classe dotada de isotopia.

*
* *
*

54—A summula analytica, que precede, revela-nos um conjuncto de realidades, cuja exposição foi facilitada pela intervenção de analogias, pela aproximação dos dados objectivos, colhidos no dominio da biologia, da sociologia e da historia. Vamos ainda resumil-a.

ESSENCIA DE UMA NACIONALIDADE

N'esta, como em todas as visões da phenomenallidade, os accidentes, que se observam no decurso do tempo, implicam, pela sua mesma variação, a existencia de alguma cousa, que permanece constante por entre a transitividade dos successos. Esse substractum, essa unidade, supportando as variações dos phenomenos, representa a existencia de uma substancia, de um ser, emfim, na fluencia dos acontecimentos, ou estes se mostrem identicos ou dessimilhantes, na corrente do tempo. Do mesmo modo dizemos, que esta essencia invariante na fluencia dos successos da historia patria, essa essencia especifica, que a todos elles representa, com o character de uma substancialidade de classe, constitue a essencia especifica da Nacionalidade ou o seu racial. Na esphera dos conceitos fica assim provada, por mais esta forma, a existencia do Principio da Nacionalidade.

VI

CONCLUSÕES

Os fundamentos do Principio de Nacionalidade — As duas series conclusivas da analyse conceitual do sentimento patrio — A serie psychosocial — A significação da Raça e o logar psychologico, que a sua idea occupa na vida do pensamento — As proposições conclusivas — A serie da theoria do conhecimento — A que necessidade mental corresponde epistemologicamente o sentimento patrio — O juizo de denominação ácerca de uma totalidade unitaria — As connexões e a predicação do elemento de totalidade — A raça nacional, a Patria, constitue em logica formal, uma serie racional de identidade absoluta — A sua relação com o Principio de Nacionalidade — A serie cahotica universal, que resulta da eliminação dos limites — A interpretação racional dos dados objectivos do problema, distribuidos por tres classes de phenomenos; a quantificação dos predicados — Relação das proposições conclusivas com certas categorias e com os tres principios logicos de Posição, de Não contradicção e de Transição.

55 — A doutrina, sobre a qual fundamentámos o Principio de Nacionalidade, foi por nós estabelecida, escolhendo, de entre os dados da experiencia universal, aquelles que, por se apresentarem mais typicos e geraes, melhor podessem assegurar a necessaria solidez ao trabalho de indução. Desenvol-

vemol-o por meio de juizos reflexivos, pelos quaes se realisou a transicção dos factos observados ás leis ou principios phenomenaes, e finalisamol-o em proposições, que se apresentam com um character de facil convergencia, para uma resultante unica.

Justifica-se, que esta resultante constitua, logicamente, um conceito superior da noção de Patria, da qual representa a sua essencia especifica, esclarecendo o seu significado espirital e a sua extensão objectiva. Constitue pois um Principio conceitual.

O Principio da Nacionalidade ficou assim inegavelmente estabelecido por um processo mental. Constituiu-se com inteira independencia da interpretação juridica, que partindo de origens differentes, conduz logicamente a conclusões semelhantes, no respectivo campo do direito.

56 — As proposições conclusivas, nas quaes resumimos toda a doutrina, podem constituir dois grupos, que vindo ao contacto em mais de um ponto, apresentam todavia duas direcções de inferencia e terminação.

Vamos colher as proposições do primeiro grupo entre os caracteres dos dados, que apresenta cada raça nacional, cada grey.

A Raça figura, essencialmente, como uma capa-

CONCLUSÕES

cidade, como um receptaculo commum, em continuidade incessante no tempo, onde os individuos entregam pelas gerações sucessivas, o que elles e ellas possuiram de vigoroso, e que por esse facto é perpetuavel no tempo. Forma-se assim uma realidade concreta, na qual o conteudo global é portanto mais opulento, que os recursos individuaes ou totaes, limitados a uma dada epoca. Esta riqueza define o interesse ou logar psychobiologico do sentimento patrio, que a raça exteriorisa de si propria, para os limites periphericos do campo da sua visão e da sua acção.

Por entre a collecção d'esses valores o espirito humano encontra, a cada passo, os dados para a constituição da serie de verdades conclusivas, que viemos desenvolvendo pelos cinco capitulos do nosso trabalho. Essas verdades podem formular-se sumariamente nas proposições seguintes, conducen-tes á sua synthetisação no Principio da Nacionalidade:

a) O amor patrio é um constante sensorio espiritual, que se observa por toda a diversidade de aggregações e em toda a classe de seres humanos, nos quaes figura e vale como elemento da energia collectiva.

A liberdade de volição individual, dirigida pela attracção patriocentrica, intensifica-se pela unificação dos movimentos da consciencia. (Cap. I, n.^{os} 16 a 25).

CAPITULO VI

b) A intuição patriotica tem um valor synthetico, integral e prospectivo, que lhe é proprio, e que por esses caracteres se assemelha a uma crença.

Nas communidades nacionaes certos agentes de superacção, agitando os valores individuaes, tonifica-os e unifica-os, syntoniando-se com elles na mesma commum finalidade. (Cap. II, n.^{os} 26 a 30).

c) Sobre o phenomeno universal do instincto de aggregação estabelece-se, por via inductiva, o principio de associação que conduz ao conceito de nacionalidade.

A conservação racial, como expressão do pensamento, constitue um postulado da Razão, relacionada com uma das categorias reaes. A experiencia universal comprova esta affirmativa na razão practica.

d) O antagonismo racial constitue, pela sua expontaneidade e energia, um caracter dominante na defeza das communidades. A vitalidade da fé nacional implica a solidariedade interna e a disciplina, com bases e meios de conservação.

O Principio de Nacionalidade, com a sua significação Ethica, é a base da moral associativa, ligada á finalidade Patria. (Cap. III, n.^{os} 31 a 45).

e) A grandeza do amor patrio avalia-se pelos phenomenos da sua sobrevivencia. Cons-

CONCLUSÕES

titue a força natural, que condiciona e perpetua a energia de conservação e defeza racial. (Cap. IV, n.^{os} 46 a 49).

f) A raça nacional é um heredo producto de segregação, uma realidade ontologica, cumulativa e associativa.

O Principio de nacionalidade esclarecendo o significado espiritual da patria, a sua essencia especifica constitue pois um principio conceitual. (Cap. V, n.^{os} 50 a 56).

Chegámos pois, n'esta primeira serie conclusiva, á meta que tinhamos em vista attingir: determinar o Principio de Nacionalidade por uma serie de inducções, marcando um caminho atravez da observação universal. E aqui termina o nosso trabalho, sobre o qual na hierarchia do conhecimento e na «ordo rerum» poderia seguir, em continuação, o estudo do Direito Philosophico internacional. Este estudo é extranho, porém, ao dominio dos assumptos que tratamos, pois nos restringimos á parte conceitual das totalidades, dos agrupamentos dos seres, fóra ainda da noção mais precisa da comunidade politica. A esta se referem propriamente o problema da «autonomia», derivada da personalidade geral das nações, e o da «soberania», inferido da personalidade juridida das nacionalidades, ou de exercicio do seu poder.

58 — Passemos a um segundo grupo de conclusões, áquellas que se relacionam com o dominio da theoria do conhecimento.

O fim do conhecimento é, não só a formação dos conceitos, como o estabelecimento das connexões entre os phenomenos. Não menos necessaria se apresenta a comprehensão dos juizos reflexivos, com os quaes operámos no trabalho induccional, pois tem por fim dar a concatenação entre as conclusões de natureza epistemologica.

Prepara-se tambem por este modo, uma passagem para a esphera do pensamento universal, onde o problema da unidade nas totalidades tem a sua natural expansão, logar e significado, e d'onde, por via deductiva, se desce ás particularidades, nas quaes o nosso principio se verifica.

59 — Comecemos por investigar a posição, que adquire o sentimento patrio, perante a theoria do conhecimento.

A que necessidade mental, a satisfazer, corresponderá o sentimento patrio para que se occupe d'elle esta theoria? O sentimento patrio corresponde a uma necessidade no problema da existencia,

CONCLUSÕES

relaciona-se com a necessidade de resolver o dilema de ser ou do não ser, relaciona-se immediatamente á cathegoria de existencialidade. O problema da existencia comporta o dualismo eterno do constante e do variavel, dentro das formaes exigencias da progressividade no tempo, perante o concurso nunca estabilisadado na realidade das coisas, entre aquellos residuos provenientes da acção do impulso creador, que os factores de conservação reservam aos aggregados (sociaes) e os acrescentamentos, que a vitalidade progressiva lhes addiciona.

O logar epistemologico, conferido ao sentimento patrio, provem da sua universalidade e do character commum, com que se apresenta nas pluralidades collectivas, que funccionem globalmente como unididades. O estudo d'esse sentimento conduz, pois forçosamente, á analyse da posição do elemento individual perante a totalidade, sob o aspecto logico. A estes assumptos vamos muito succintamente referir-nos.

*
* *
*

60 — No campo da realidade as multiplicidades unitarias, que se perpetuam pela permanencia de sentimento colectivo de amor patrio, teem o nome de nações.

A palavra «Nação» é o termo, pelo qual se exprime um juizo de denominação. O conteudo d'este juizo é constituido por uma convicção de realidade,

CAPITULO VI

por uma certeza, e esta consiste em que, proferido esse juízo de denominação, a multiplicidade ou pluralidade (Nação) é julgada no pensamento, como uma totalidade unificada, como um todo unitario, um todo plurimo.

Este juízo subsumptivo como acto de entendimento, tem n'este caso uma feição especial, conhecido como juízo de concentração (1), classe, na verdade, bem diversa da dos juízos de comparação, que se empregam nas affirmativas, entre elementos e dados diversos, comtanto que sejam commensuraveis logicamente.

*
* *
*

61 — As multiplicidades e pluralidades apresentam, sempre, connexões entre os seus elementos, que se relacionam, referem ou colligam assim, mutuamente. Por essas connexões, qualquer que seja a natureza ou a intensidade que apresentem, é que as pluralidades e multiplicidades se reconhecem.

Esses «todos», assim concebidos, podem denominar-se, sem duvida, totalidades unitarias, e virão a distinguir-se umas das outras pelo genero e gráo das respectivas connexões. Portanto as totalidades unitarias só poderão ser cognosciveis pela differença

(1) A denominação é de Lips.

CONCLUSÕES

das connexões d'essas entidades pluriunas, inherentes a cada uma.

Mas as differenças de connexões, de cada uma e determinada totalidade, não são limitadas a uma só classe de differenças. Essas differenças podem grupar-se, segundo o interesse particular em definir esses grupos, interesse que tenha por fim accentuar o aspecto particular, o assumpto especial, que queremos sujeitar á nossa attenção ou a um tratamento analytico, a fim de podermos depois reproduzir o mesmo grupo, por via synthetica, sob esse aspecto (1). Podemos addicionar ou addunar ao grupo, certos dados e factos, mais externos, com elle relacionados por quaesquer generos de connexões, de modo a dar á totalidade unitaria a feição «sui generis», a sua característica descriminante e objectiva.

Ponhamos agora, perante nós, a forma logica do equilibrio de individuo perante a totalidade Nação. Permittido o indispensavel e justificado neologismo, affirmamos «que o individuo é nacionativo». Affirmar a qualidade nacionativa equivale a indicar por definição ou como proposição, que as connexões que unem entre si (em todo o dominio que vae do real ao conceitual) os elementos da mesma totalidade unitaria (Nação), são de uma natureza tão característica e profundamente particular em

(1) Este processo de reconstrucção foi indicado por H. Taine.

CAPITULO VI

genese, intensidade e finalidade, que se affirmam como verdadeiramente especificas. Por outro lado essas connexões não são sómente diversas, mas tambem, irreductiveis ás que podessem admittir-se, em primeira analyse, como possivelmente relacionadas, ou com elementos de outra totalidade (Nação), ou com essa outra totalidade.

São potencialmente oppostas e antagonicas com as connexões d'outra multiplicidade.

O ser humano é essencialmente nacionativo. Este elemento é a parte, o conteudo ou o «contentum» de uma unidade social indissoluvél, que é o seu predicado; a Patria, é o seu «continens». A Patria, tomada no seu verdadeiro e completo sentido de unidade politico-social indissoluvél, constitue para nós um thema, sobre o qual tiramos a conclusão induccional do Principio da Nacionalidade. A Patria é pois o predicado para cada caso, contendo, como sugeito, o ser humano.

Sob o aspecto logico é indifferente, que a predicação se possa fazer ao inverso, afirmando-se que a qualidade nacionativa faz parte da essencia do individuo. O individuo seria então o «continens» e a qualidade nacionativa o conteudo. Esta inversão, se é indifferente em logica, tem pelo contrario no dominio psychologico e social um alcance extraordinario.

Na realidade, a intuição da Patria no individuo obtem, por esta forma de predicação, uma interpretação singular. Essa intuição comprehende-se n'este

CONCLUSÕES

caso, como se fosse a incarnação ou hypostase de um principio nacionativo universal, que se distribuisse em dominios, sob rubricas politico-sociaes particulares. Todas as observações indicadas no Cap. II se esclarecem, como sob a acção uma nova luz, dando ás idéas já tratadas maior amplidão e um alcance universal.

. . .

62 — Adoptemos, como predicado (grammatical e logico), o termo «nacionativo», e tomemos a totalidade como predicado continente do seu elemento individual ou do sujeito, para podermos mencionar o assumpto, sob o aspecto de logica formal das multiplicidades (1), áparte, porém o seu symbolismo.

A serie de connexões, a que pertencem os elementos na totalidade (Patria), é uma serie tal, que, dentro do seu perimetro qualquer d'esses elementos é identico (qualitativamente) a uma qualquer parte da totalidade, com a circumstancia das partes crescentes comprehenderem (quantitativamente) os elementos precedentes. Temos pois, sob este aspecto, uma serie de «identidade parcial» (2).

(1) Referimo-nos aos trabalhos de A. Morgan e d'outros reformadores da Logica formal, principalmente inglezes.

(2) Seguimos n'esta doutrina de seriação a nomenclatura de H. Höffding, o notavel philosopho dinamarquez.

Mas, proseguindo na investigação, vemos por outro lado o facto, de que nas totalidades unitarias (Nações), de constituição (e legislação) dos modernos tempos, os elementos individuaes são eguaes perante a acção collectiva (a lei applicada), quaesquer que sejam as desigualdades, provenientes das realidades individuaes ou singulares. Estas diversidades, englobadas sob o mesmo epitheto conceitual de identidade, podem ser mutuamente substituidas, isto é, os elementos da totalidade são intermutaveis. Estamos portanto perante uma serie racional de «identidade absoluta», de elementos commutativos.

N'esta serie, qualquer dos seus elementos pode ser substituido por outro ou aniquilado, e, traduzida em symbolos formaes, pode ser lida em dois sentidos. Constitue, pois, uma totalidade logica.

Esta serie de indentidade absoluta, que representa os elementos (nacionativos) na totalidade unitaria (Patria), corresponde ao postulado primario da identidade do pensamento, ou da permanencia do conteudo de cada conceito.

Por este facto corresponde phenomenalmente ao nosso Principio de Nacionalidade, mas além d'isso robustece a sua realidade objectivada, pois que, a commutabilidade dos elementos da serie de identidade absoluta, a sua mutua equivalencia e a egualdade perante a idéa (a vontade) commum da totalidade (a comunidade Patria) dá-lhe mais potencia-
lidade disponivel e mais consciencia global.

Como deducção aproveitavel para as conclusões

CONCLUSÕES

psychovolitivas, em relação ao sentimento de nacionalidade, podemos aqui indicar a incapacidade de applicação do Monismo, na sua tendencia em aniquilar diferenças. Cada raça nacional (totalidade unitaria) constitue uma serie racional e logica de identidade absoluta, e o desaparecimento de diferenças, entre as nacionalidades, equivaleria á existencia, impossivel de admittir, de uma unica serie universal de identidade absoluta, pois corresponderia á fusão de todas as series de diversidade.

Essa serie universal, seria impossivel de se formar com elementos organicos ou humanos, sómente seria objectivamente realisavel com elementos inorganicos. Poderia ser designada, como «serie de diferenças cahoticas» constituindo uma «cahos identidade» no esquema representativo do pensamento.

*

63—Indicando o que ha de essencial e conclusivo, sobre a posição dos elementos predicativos, perante o que elles exigem logicamente no campo das multiplicidades unitarias que os envolvem, falta proceder á «quantificação», (1) á avaliação d'esse predicado.

(1) Apesar da reivindicação da prioridade inventiva da «quantificação», tentada por H. Hamilton, é a G. Bentham que se deve a idea fundamental, e a necessidade do seu uso analytico, que aqui fizemos.

CAPÍTULO VI

Três classes de phenomenos ha a passar em revista para se poder realisar essa avaliação precisa da idea de «nacionativo», como predicado do elemento gregario ou individual, no ambito da sua raça no perimetro da sua Patria.

A primeira classe, a fundamental que lhe marca a essencia, é aquella a que pertencem os phenomenos de aggregação racial primaria, os da formação de um agrupamento, cuja indissociabilidade é garantida pela energia da cohesão de origem, impressa e accumulada por um mutuo entendimento das partes ou por uma causa singular, cuja intensidade se deva ao prestigio de impulso creador, e cuja direcção e sentido provenha da visão rapida de uma finalidade.

Na classe immediata o facto dominante consiste na constante espacial, na area occupada pelo agrupamento, campo continuo de acção ininterrupta, dando por esse facto a essa classe de aggregação o character fundamental do isotopismo. O isotopismo do grupo, da raça constitue a noção mais elementar de Patria, tomada na acepção de communidade, á qual o influxo de origem, como direcção da totalidade, assegurou a extensividade topographica, garantida a perpetuação das forças cohesoras, ou da sua propria perseveração.

Temos pois a qualidade de intensivo, realiado em grao diverso no gregarismo, e a do extensivo effectuado no isotopismo.

Este conceito phenomenal quadra e justifica-se

CONCLUSÕES

exactamente perante o pensamento moderno, respeitante ás formas de energia universal (1).

A terceira classe de phenomenos constitue-se pelas classes precedentes, dada a condição de se conjugarem, segundo uma direcção de continuidade assegurada no tempo.

Essa continuidade não é incompativel com a multiformidade gregaria; pode tambem subsistir na ausencia temporaria da condição isotopica, contanto que um minimo de cohesão espiritual seja dado, e permaneça com tendencia de progressividade. Este minimo de cohesão espiritual é exigivel entre os elementos da communidade, para que a noção de substancialidade de classe possa persistir. Admittida a cohesão n'esse minimo, o character essencial da terceira classe de phenomenos torna-se de uma visão mais distincta, porque esse minimo de cohesão implica uma unificação de interesses.

A unificação dos interesses de um aggregado solidario implica uma tendencia para unificação dos typos dos seus elementos, na parte, pelo menos, concorrente para o exito da solidariedade.

Realmente a multiformidade dos typos em face da uniformidade dos fins, implica a admissão de um processo de compensação mutua, cuja continuação conduzirá necessariamente a uma economia

(1) Foi M. Rankine o primeiro que teve a visão da existencia dos factores de extensividade e intensividade, na constituição do valor da Energia.

CAPITULO VI

de esforço. D'ahi resulta uma necessaria tendencia de unificação, quando o antagonismo primitivo não seja um dado que se perpetue.

Significa esta conclusão, que a uniformidade das energias postula a uniformidade dos substractos.

Mas a uniformidade não existe de facto, nem material, nem socialmente em qualquer parte do dominio da realidade. O continuo e o homogeno só existem no subjectivo, não tanto como entidade mental representativa, abstracta ou conceitual do existente, mas tão simplesmente como uma hypothese postulada pela representação, como que mathematica, de factos menos simples.

O conceito de persistencia ou da perseveração propria de um grupo gregario, admittido que seja, o significado subjectivo da continuidade atravez do tempo, exige mais essencialmente na razão, que as manifestações successivas, suppostas realmente discontinuas, não diffiram comtudo, entre si, por heterogeneidade essencial da sua natureza. A persistencia do mesmo grupo de aggregação significa, objectivamente, constancia de homogeneidade entre as suas phases de repetição ou de revivescencia.

E' pois exigido como imagem generica e conceitual da realidade um «quid» de homogeneidade. Esta entidade, esta «quiditas», esta quiddidade, este ser colectivo foi por nós designado por um indispensavel neologismo: o de «racial», essencia da noção de Patria no dominio dos conceitos.

A reiteração do apparecimento, d'esta noção de

CONCLUSÕES

persistencia racial no campo de ideação, confirma que este terceiro grupo de phenomenos, n'esta serie de que tratamos, é caracterisado pelo termo de protensividade ou permanencia para o futuro.

64 — A interpretação dos dados objectivos do problema de Patria, como totalidade unitaria, mostra pois a existencia de tres caracteres fundamentaes, pelos quaes essa totalidade se abrange e scientifi-camente se define, estructural e funcionalmente: a intensividade, a extensividade e a protensividade (1).

Estes tres attributos, que precisam a idea da Patria, serviram-nos, pois, para avaliar, para realisar a «quantificação» do predicado. Sem essa quantificação a definição não poderia perfazer-se pelo methodo induccional, que adoptámos, appoiado sobre uma exposição analytica da cognição passiva ou affectiva e da sua representação intellectual ou intuitiva (Cap. I e II), á qual adicionámos a analyse de uma doutrina de conservação (Cap. III e IV), exposição de que tirámos as proposições conclusivas da serie psycho volitiva.

(1) Este termo de protensividade foi proposto por W. Hamilton.

65 — Procuremos agora indicar certas correlações das leis ou principios phenomenaes, a que chegámos. Estas funcções de dependencia estabelecem-se com os principios, que se affirmam no campo dos conceitos universaes, no dominio da logica analytica e da razão pura, e que representam a funcção final d'essa faculdade, e tambem com os epithetos das categorias.

Existem, na verdade, equivalencias entre as proposições, que formulámos como leis dos phenomenos, e os Principios dos conceitos universaes. E' assim que a lei de «associação nacionativa» equivale na applicação do processo logico ou formal da razão, ao «Principio de posição ou de identidade»: «o todo é igual ás partes» e relaciona-se, immediatamente, com a noção de pluralidade tomada com unidade, isto é com o epitheto da categoria de «totalidade» e com a de «existencialidade», que significa realidade de um todo, com privação de outra totalidade.

A mesma lei, ou principio phenomenal de «associação nacionativa», exige no real, uma não instantaneidade de existencia, isto é, exige perduração ao aggregado social como totalidade (pluralidade unitaria). Constitue portanto uma classe logica, distinguindo-se por esse qualitativo gregario, de outros taes como: o quantitativo de intensidade tão

CONCLUSÕES

sómente numerica ou arithmetica, ou de extensividade geometrica.

66 — O qualitativo gregario implica-se no Principio racional de «não contradicção», pelo qual se exige racional e contingentemente uma tendencia para uma homogeneidade unitaria do grupo, uma perduração no real e uma harmonica continuidade no subjectivo.

Este caracter geral, implicado assim, no Principio racional de «não contradicção» foi por nós appellidado de «invariancia» e definimos este termo, como invariabilidade limitada á condicção de se continuar perenne e pertinente a uma determinada totalidade, á actividade da sua vida collectiva e á sua conjuncta finalidade.

Esta invariancia substantiva-se, ou corresponde a uma objectivação, quando se refere a um todo sensivel, que represente na theoria das categorias o «schema» intermedio entre o phenomeno e a respectiva classe categorica. Tivemos de denominar o todo, a entidade sensivel, a «quiditas» pelo neologismo que (sob a devida venia aos doutos), é o termo «racial».

O termo «invariancia», que corresponde assim, a uma substancialidade de classe, representa pois o «schema transcendente» entre o ser (o phenomeno, «o racial»), e a categoria já indicada de exis-

CAPITULO VI

tencialidade. A invariância é um conceito intermedio, pertencendo ao mesmo tempo, á razão pura e á experiencia, constitue um conceito, successivamente, puro e sensível.

Como conceito puro, representa uma imagem no dominio conceitualista do Principio phenomenol de Nacionalidade, e como conceito sensível representa um objecto «o racial» pertinente á phase real da multiplicidade pluriuna, á communidade (Povo totalidade unitaria) e ao logar, «ao locum» (Paiz, area isotopica), e portanto á totalidade objectivada, á communidade «Nação».

67 — A idea de Nacionalidade tem os seus limites definidos, como sendo a essencia especifica da «associação nacionativa» (da Nação em abstracto), na sua invariância estructural ou substancialidade atravez do tempo. «O racial» da nacionalidade representa pois a ejecção de um ser, de uma entidade, da já referida «quiditas», que vem a permanecer existente no campo da actividade observavel.

Existe pois uma entidade activa e espirital, que vivifica, actualisa e justifica o «racial» e que constitue, por isso e como vimos, um Principio. Este Principio phenomenalisa-se na passagem para o observavel, dimanado, como vem, da região conceitual. Justifica-se pelo caminho de indução, pelo

CONCLUSÕES

qual se chegou a formular, justifica-se no trajecto regressivo, vindo intacto, a substancialisar-se na entidade collectiva denominada «Patria», vivificando-a, confirmando-a e justificando a sua protensividade, a sua perpetuação.

Acabado de indicar este systema de equivalencias, perante os principios de «posição» e de «não contradicção» e os epithetos das respectivas categorias, falta-nos apenas affirmar a correlação logica na intimidade de todo este trama de equipolencia. Estas connexões realisam-se, por corresponderem ao principio logico de «Transição» que se affirma por extensividade temporal no relativo, ou por protensividade.

Na verdade a totalidade categorisa-se, como vimos, pelo epitheto de existencialidade, e esta é antinómica com a possibilidade de grupos ou communidades de criação ou constituição, instantanea ou successiva, que podesse substituir irrealmente a constancia dos aggregados, taes como na verdade se observam na extensão temporal e espacial.

VII

EPILOGO

A extensão da doutrina exposta para limites mais amplos. A relação dos seres da vida sensível com os typos respectivos da vida universal, e a posição que n'ella adquire o Principio de Nacionalidade. A passagem, por deducção, do dominio do absoluto para o campo da realidade apparente. A sobrevivencia do Principio de Nacionalidade. A unificação do espiritual com o contingente na Idea de Patria. A realidade racional d'esta idea. A personalidade triuna de Patria e o seu amor engrandecido por esta realidade.

68 — O desenvolvimento do nosso trabalho analytico veio-nos approximando mentalmente d'aquella região mais ampla, onde o pensamento universal encontra esse gráo de liberdade, que lhe é legitimo, e que constitue a necessaria garantia para se poder progredir na vida espiritual do absoluto.

Nesta região da verdade necessaria, que domina todas as veredas da verificação objectiva, as formas incompletas da vida espiritual perfasem-se em totalidades, com as unicas divisões impostas pelas categorias, pelas ideas de classe dotadas de unidade.

N'este dominio são recognosciveis os principios,

as razões de existencia de tudo quanto se abrange do immanente ao creado, os objectos da universal realidade, dos verdadeiros seres, as formas substancialisaveis do conceitual. Fôra d'este dominio tudo é partição de unidades, accumulção dos elementos e confusão de seus limites, e é assim que, a individualisação das multiplicidades ou a unificação dos aggregados só é comprehensivel perfeitamente, n'esta região do absoluto.

D'esta culminancia pacificadora irradiam as imagens dos seres materiaes, os aspectos finitos e imperfeitos da ordem da natureza, e n'esta sequencia de relatividade, os seres multiplos e apparentes do sensorial, da vida dos sentidos, relacionam-se, pelos fios ondulantes da ordem natural e fúgida, aos verdadeiros seres, aos seus archetypos representativos, aos centros que permanecem immutaveis, na razão.

69 — E' natural que se procure, n'esta região de pensamento, a posição e o aspecto que alcança o Principio, para cujo estabelecimento, no campo da realidade phenomenol e logica viemos, até agora, laborando.

O Principio de Nacionalidade preside mentalmente e condiciona logicamente a unificação espiritual da totalidade unitaria, de colectivo «Patria». Portanto o principio vivificante d'este ser, d'esta

EPILOGO

entidade, alcança no dominio do absoluto a sua residencia immutavel, o seu significado completo e perfeito. Em completo parallelismo deductivo estabelece, no dominio do real, a sua personalidade juridicamente recognoscivel, e como os demais Principios esclarece, em cada caso, a noção vulgar de thema («Patria»), dando-lhe a sua significação supersubstancial ou espiritual.

70 — Como idea activa do pensamento o Principio de Nacionalidade transfere-se n'uma objectivação immediata, que appellidámos «essencia especifica de nacionalidade» e exemplifica-se em cada caso na actividade das «raças nacionaes», applicada a uma determinada realidade ontologica e cumulativa. Exemplifica-se na communitate activa, no transitivo invariante e na localisação: o Povo, a Grey, a Raça Nacional no seu Paiz, na area de uma totalidade unitaria concreta, circumscripita especialmente ao seu «habitat» ethnologico. E estas duas summulas, assim fundidas e designadas sob a rubrica de Nação, constituem a materia «Patria» da realidade objectiva, prompta e apta a receber a insuflação emanada do Principio de Nacionalidade, d'essa actividade espiritual, que lhe sendo pertinente, a acompanha sempre prompta a projectar-se, a vivifical-a.

71 — Por tal modo, o Principio de Nacionalidade permanece e paira sobre cada Patria, sobre cada Nação na realidade de cada epoca. Sobrevive á memoria d'aquellas que se obscureceram, e que, no crepusculo dos tempos idos podem sempre resurgir do proprio lethargo, ou da forma cahotica em que os seus elementos dispersos se debatem sob o cruel proposito d'outros povos, ou no esquecimento de si proprios e de quanto podem encontrar na alma vivificadora do Principio.

Não é mister que o solo patrio e a grey constituam, sempre uma serie continua, para que essa alma vivificadora, o Principio de Nacionalidade a insuffle e n'ella penetre para constituir ou reconstituir a Patria. A alma vivificadora paira sempre vigilante sobre o coração dos homens, filhos e descendentes da mesma grey, para lhes mostrar o caminho e lhes fortificar a fé e a esperança dos resurgimentos.

A Patria representa, e é pois a substancia em que se objectiva ou encarna o espirito vivificador, denominado Principio de Nacionalidade, funcionando como um Verbo. A realidade da Patria reside e reúne-se n'este contorno e por elle se limita como seu unico, exacto e real modo de ser e de existencia.

A idea de «Patria» constitue pois, na essencia e na forma, uma personalidade trinitaria da realidade do pensamento vivificador.

EPILOGO

A Patria é essencialmente triuna no seu conteúdo: Povo, Paiz e Principio vivificador da Nacionalidade. Portanto, «Amor Patrio» implica, no seu completo e conscio desenvolvimento e actividade, o amor a essa triplice personalidade.

N'esta convergencia e fusão, em que se unifica a Triplice personalidade, n'esta incorporação sensível do espiritual, com o contingente localisado de uma grey, da Nação, resume-se, tonifica-se e engrandece-se o conceito immortal, e a excelsa, sublimada e sacrosanta realidade da Mãe Patria.

NOTAS

NOTAS

Dos erros do dogmatismo na escolha das analogias (n.º 7):

O dogmatismo, as preocupações de Escola e toda a especie de sectarismo constituem um serio embaraço para uma acertada escolha das analogias. Um curioso exemplo comprova esta affirmativa.

No mais recente dos notaveis livros do illustre escriptor Mr. G. Lebond (1) encontra-se as passagens seguintes:

«Dans les grands conflits internationaux, ces haines d'origine affective et nullement rationnelle, prennent une intensité extreme et detruisent les autres sentiments. On pourrait, je crois, leur appliquer la maxime d'Hippocrate, d'apres l'aquelle, quand deux douleurs surviennent simultanément, la plus forte annule l'autre. Au moment de la guerre, nos haines politiques et religieuses intestines etaient assurément tres vives, mais elles furent effacées par la haine predominante de l'agresseur.»

Proseguindo, affirma ainda com toda a segurança o que os factos vieram a negar, alguns mezes depois:

«L'Angleterre, qui se trouvait a la veille d'une guerre civile en Irlande, vit tous les parties de l'empire s'unir sous le meme drapeau. Il en fut de meme en Russie, ou les anarchistes et les

(1) G. LEBOND, *Philosophie de la Guerre*, Paris, 1917.

NOTAS

revolutionnaires se sont transformés en fideles soutiens du trône.» (!)

Esta lamentavel derrota, em materia de previsão, deriva das duas bases fundamentaes, erroneas, de que partiu o auctor: um erro de methodologia e um erro de pensamento philosophico.

O erro de methodo consiste em induzir de uns indicios uma lei. Em sociologia, nem a propria inducção proveniente do estudo de muitos factos é segura, só as grandes generalidades podem tomar a posição de principios phenomenaes. Concluir a certeza de estabilidade, de um apparente socego no subsolo politico de uma nação como a Russia, onde a camada revolucionaria e anarchista tem uma notavel profundidade e uma tendencia ou poder de rapida movimentação, concluir d'este modo, ultrapassa todas as probabilidades, sobre as quaes o bom senso politico pode fazer o seu juizo.

O erro do pensamento philosophico consiste em querer, n'uma analogia incongruente, assimilar a dôr phisica, a dôr moral, á dôr que provem da natureza espiritual do homem, n'um nivelamento materialista entre os sentidos e a alma. Este erro, revestido com os ouropeis do idealismo, dá a certas eschólas um colorido scientifico, o qual, quando auxiliado por uma boa forma litteraria, pode illudir aquelles ingenuos que são crentes de todas as ideas novas, contanto que ellas venham apresentadas em agradavel prosa, que não os obrigue a reflectir, a pensar. O idealismo materialista lisongeiramente apresentado constitue, sem offensa intencional da nossa parte para os seus propugnadores, uma praga para as modernas gerações, principalmente pela acção inhibitoria, que exerce sobre a propria critica.

Sobre a logica do methodo, usado no presente estudo (n.ºs 7, 8):

Não tentámos emprehender o nosso estudo sobre bases dogmaticas, fizemol-o, pelo contrario, procurando como pro-

NOTAS

cesso de investigação, as connexões entre os objectos realisa-
dos pelo proprio trabalho do pensamento.

Dentro d'esta esphera de acção, por si mesmo ambulante, deve-se encontrar a verdade attingivel, comprehensivel, como que, condicionando a analogia como instrumento de investigação. Ligados assim, e instrumento á acção, ambos ficam justificados, uma vez que já mostrámos sufficientemente o valor e o cabimento da analogia como intervenção instrumental. Cumpre-nos, apenas, fazer agora notar que o valor da analogia se desenvolve na descoberta de novas ou mais profundas ligações, entre os objectos de pensamento.

Da importancia da categoria de existencialidade no presente problema (n.^{os} 9, 59, 63, 65, 66):

No real, a homogeneidade e a continuidade não existem. De facto, o universo é composto de heterogeneidades, que grupamos por caracteres de semelhança. A' differença estructural de grupo para grupo correspondem differenças de energia, cujas massas representativas, ou que a supportam, se entrechocam em opposição, por necessaria contingencia dos successos. Por estes se degrada, pouco a pouco, a energia dos conjunctos. Portanto a heterogeneidade analysavel exige uma divisão no conceitual, por categorias.

No dominio dos problemas em que nos movemos, as categorias, que nos respeita, são as reaes e entre ellas a primeira que nos deve occupar é a de totalidade. Esta categoria é a fundamental, no aspecto da sua connexão com a experiencia que estudamos. A totalidade unitaria é a entidade de que tratamos e a existencia d'esta entidade é o que se postula no pensamento. Por tanto, neste dominio, o conceito puro que lhe corresponde immediatamente designa-se por «existencialidade» (1). O sche-

(1) Corresponde á categoria de «existencia real» de Locke.

ma correspondente (Kant) é «existencia» ou «entidade» e o objecto a apreciar é a totalidade unitaria «Patria».

Adoptamos essa designação de Höffding, porque o termo «existencialidade» é assaz preciso para se comprehender que se trata de uma categoria ou predicado real, como objecto do pensamento e da analyse, e não, tão sómente como elemento logico ou metaphisico, tanto mais que, em vez de nos restringirmos á invariabilidade Aristotelica do numero de categorias normaes, seguimos a doutrina moderna, de que a theoria das categorias faz parte essencialmente da do conhecimento e que portanto o numero d'ellas é susceptivel de se augmentar, com o alargamento do campo scientifico externo e psychologico.

Sobre o conceito de invariância (n.º 11):

O conceito de invariância de um conjuncto é de origem e natureza cumulativa e as suas representações objectivas são assumpto de interpretação para cada caso.

A constancia da especie ou da raça dá-se, porque a variabilidade, a possibilidade de effectivação das variações, se faz em harmonia com as solicitações do meio, da peristase, e na medida das variações do proprio meio. Assim se effectua a variação da especie, no tocante aos caracteres não essenciaes.

Mas as interpretações não podem progredir livremente, sem distinguir de principio, e em mais de um ponto, as especies animaes das raças humanas. Por menos grato que seja ao sentir d'aquelles, que se regosijam em baixar egualitariamente á classe animal, não podemos deixar de apontar o abysmo que separa uma raça humana d'uma especie animal, no que respeita, não sómente aos meios de orientação, como aos de determinação, que a raça humana dispõe sobre as outras especies.

O homem tem ao seu dispor os meios de se defender, dentro de periodos ou intervalos de tempo não dilatados, contra os estímulos do meio. Este mesmo meio exigiria da especie animal

NOTAS

uma resistencia, que é muito menos efficaz e a cuja insufficiencia corresponsdem os soffrimentos insuperaveis, que condusem a um aniquillamento das condições de existencia fóra de certo *habitat*, ou a uma final adaptação, só conseguida após grandes perdas e ao fim de um longo periodo de lucta. E' assim que, sómente com o esforço methodisado, com que se opera nos jardins de acclimação, se consegue a conservação da vida aos animaes de clima muito diverso. Não é o animal que se adapta, é, pelo contrario, a direcção scientifica do estabelecimento que lhe proporciona o «meio», modificando as incidencias extremas, consoante as necessidades do animal. O homem applica a si mesmo esses cuidados, a sua defesa é, portanto, muito mais energica e pratica. Quando emigra, não só se defende contra aggressividade relativa do novo meio, na medida da amplitude da sua passividade resistente, como tambem sob o aspecto social, o instincto de solidariedade mantem-se e mesmo revigora-se no afastamento do solo patrio, e apesar da apparencia de desnacionalisação, que imprime o novo domicilio, ou a possivel naturalisação administrativas da nova patria adoptiva.

Da localisação cerebral dos movimentos affectivos (n.^{os} 11, 17, 21, 22):

A permanencia do sentir e do agir, essencial no sentimento de Patria e que transportámos para o conceitual sob a rubrica de um *Principio de Conservação* sugere-nos a existencia de alguma cousa mais a investigar, de um *quid* mais superior, n'esta cadeia de relações. Poder-se-ha admitir um como centro de actividade intellectual, mais particular na sua funcção, mais energico na sua continuidade, que se venha a figurar, em fim, n'um *Locum mentis*?

Comecemos por lembrar a falsidade da velha doutrina das imagens cerebraes, que a imaginação scientifica, á falta de experiencia, formulou e localizou n'uma região tambem desconhecida, num *sensorium commune*. Os trabalhos do genial

NOTAS

pensador e experimentador de Leipzig levaram a psychologia phisiologica, pela mão do seu mestre á coordenação de principios, dos quaes um nos guiará nas mysteriosas incertezas do mecanismo nevrotico, desvendadas até ao limite do possivel pela observação e cerrada logica d'esse mesmo Wundt.

Estabeleceu-se no *Principio da indifferença das funcções* «que nenhum elemento do mecanismo nervoso realisa qualquer funcção especifica, que o seu funcionamento depende das suas connexões e relações».

Não menos certa é, porém, a existencia de algum *quid* de natureza espacial dentro dos limites cerebraes, não correspondendo propriamente a um *Locum* circumscripto com precisão, mas a uma região mais ou menos limitada. E' o principio da «funcção localisada», que resume as conclusões experimentaes n'este complicado dominio e se exprime nos termos seguintes: «a cada funcção determinada corresponde, em dadas condições de conducção, uma região tambem determinada no orgão central, ou, quando a funcção é complexa, um certo conjuncto de regiões de que essa funcção dependerá.»

A complexidade da funcção psychophysiologica, que constitue o dynamismo dos sentimentos e como caso particular a actividade do sentimento patrio, implica, pois, a existencia de um conjuncto de regiões d'esse *locum mentis* por nós presupposto, como centro, ou como agora devemos dizer, como região de actividade necessaria, para a realisação da funcção complexa que estudamos.

Sobre os valores a que se attende na doutrina de causação (n.º 12):

Poderemos approximar-nos tanto mais da convicção de termos perante nós alguma cousa, que se admite como verdade real, quanto mais dados poderemos estabelecer n'uma serie, em mutua connexidade com outros elementos de uma outra, com ella conjugada. Estas duas series constituirão o fun-

NOTAS

damento para a avaliação da contingencia dos phenomenos correlativos.

Se em observações successivas feitas c. m a precisão, que o meio em que se trabalha permite ou fornece, nunca formos capazes de distinguir mais de um facto anterior n'uma serie, sem que outro se produza inteiramente e só em relação com o primeiro, poderemos dizer que o primeiro é a causa do segundo: estaremos então perante um phenomeno de causação.

Em geral para cada phenomeno da primeira serie, que observarmos ou vamos provocar como com variavel independente, poderemos registrar phenomenos na segunda serie, os quaes podemos grupar em classes numeradas, formando, com todos estes valores classificados, quadros chamados de contingencia, com os quaes os phenomenos de correlação se poderão avaliar sem que necessariamente a causação se observe, pois que, esta não pode representar senão um limite conceitual para que fazemos tender uma zona de dados medios, quando em estatistica lhe substituímos uma linha continua.

Portanto a causação, como phenomeno, a causa como epitheto referem-se intimamente á categoria de totalidade (Vidé 9 e nota correspondente).

Sobre a significação biologica de invariância racial (n.ºs 13, 35, 37, 52, 56 F.):

Definimos invariância como o especifico racial, que se perpetua em resultado de uma segregação, cujos efeitos se fixam pelo heredismo. Esta definição resulta da experiencia historica e do conhecimento da repetição de factos semelhantes e isotopicos, independentemente de qualquer interpretação especulativa.

A' hypothese de Schiaparelli sobre a differenciação discontinua pode, pelo contrario, attribuir-se um significado meta-phísico e uma aproximação das theorias da predestinação das especies.

Sobre a irreductibilidade entre a vida emotiva e intellectiva (n.^{os} 16, 17):

Julgamos que a affectividade é objectivamente irreductivel á vida intellectiva, ás formas do pensamento puro. No entanto a apprehensão dos phenomenos da affectividade pura só é admissivel nos casos do infrapsychismo, tocando nos limites cenes-thesicos do organico, porque, no caso mais geral, não só as zonas de limitação se confundem por causa da acção mutua dos dois campos confinantes, como tambem, porque é sob a forma intellectiva do conhecimento, que podemos conceber as formas mais elevadas da affectividade.

Referimo-nos, n'estas noções áquella affectividade de character mais observavel no typo popular de homem não illustrado e cuja intelligencia, não desenvolvida pelo estudo das generalidades, conserva uma acuidade no mal, experimentada no decurso diario da luta pela vida organica, dentro de uma resumida vida social. E' evidente, que podemos estender a muitas classes de individuos a hypothese do typo de homem medio, mas mais illustrado, ao qual os verbalismos e as phrases, tanto maisocas quanto mais genericas, da «fraternidade universal, perfeita egualdade de direitos a tudo», ainda não tenham infatuado.

E, assim como excluimos da observação esses casos pathologicos, teremos tambem de nos eximirnos a observar outros grupos de sanidade social duvidosa e suspeita: os facciosos da paixão politica e da paixão politico-religiosa, os degenerados primitivos insensiveis á affectividade patriotica e os que são portadores de uma tara na inconfessavel disposição infrapsychica, que oscilla entre um apathico indifferentismo pela ideia de patria e uma actividade de acção, que se traduz nos codigos penaes como casos de traição á patria commun. Ainda podemos addicionar á mesma classe os apathicos, aos quaes uma occasional ou forçada expatriação não permittiu arreigar a affeição á patria primitiva, não que a consciencia

NOTAS

lhes falte para descriminar a natural inclinação, mas porque a receptividade para o prazer do bem estar e para o imperio, que elle toma na facil vida do cosmopolitismo, lhes dá a sensação de um «sem patria». A existencia dos criterios, com que os psychologos tentam distinguir os sentimentos, propriamente ditos, dos estados intellectuaes, nada prova a favor de uma limitação especifica, no real, entre as duas classes de phenomenos.

Sobre os limites da capacidade emotiva (n.º 20):

A disponibilidade de sensação e acção de determinada mentalidade sensível depende da qualidade e quantidade dos seus elementos constitutivos e da energia synthetica, que pode accumular. Os elementos psychicos que aqui se attribuem, como pertinentes ao assumpto, são as ideas, os interesses e os elementos da intuição: sensibilidade, memoria e imaginação. A energia é a quota parte d'aquella, que pode ser dominada pela atracção patriocentrica.

Relativamente aos elementos da sensibilidade e imaginação, a despersonalisação patriotica pode filiar-se, em mais de um caso, na pathologia psychosocial sob a rubrica geral de psycasthenia, a fóra as circumstancias delictuosas de interesse politico, relacionadas mais ou menos com negocios de má consciencia.

Os casos singulares, que podemos analysar e combinar são os seguintes, de entre os que pertencem propriamente á sensibilidade e á memoria:

- a) A conservação da emocionabilidade na memoria;
 - b) A existencia da emoção na percepção actual;
 - c) A indifferença emotiva nas percepções mnesicas ou falta de intuição na memoria imaginativa;
 - d) A perda de sensibilidade emotiva na percepção actual.
- A normalidade psychica consiste na existencia simultanea dos casos a) e b).

A simultaneidade dos casos *b)* e *c)* encontra-se nos indivíduos de nula ou fraca cultura historica, ou nos investigadores tão sómente criticos do passado, dotados de certas phobias de origem diversa.

O peor dos casos conjugados, sob o ponto de vista da implicação na defesa do patrimonio patrio, é evidentemente o resultante da combinação dos casos *c)* e *d)*. Constitue o morbo cumulativo maximo, e então a dissolução da personalidade civica é levada ao extremo, e condiciona a genese anarchica, com pretensões mais ou menos scientificas de nihilismo e d'outras formas apatrioticas e antipatrioticas da affectividade civica.

A conjugação da sensibilidade na memoria e insensibilidade actual (casos *a* e *d*) constitue um caso, que é mais vulgar que se pode suppôr. No caso da memoria emotiva e imaginativa pelo passado ser levada ao extremo de uma nostalgia, de uma obsessão, que por contacto dê um certo gráo emotivo actualisavel, o mecanismo é comprehensivel, admittindo mesmo a theoria de Külpe, de que a sensação pertence ao passado e que só é actualisavel pela imagem. N'este caso a imagem mnesica ou desempenharia o papel provocador de sentimento ou funcionaria em certa extensão e intensidade como elle.

Pondo de parte os casos, provenientes das degenerescencias da volição, mais conhecidas, é facil formular uma synthese d'essa insanidade parcial, do apatriotismo ou da despersonalisação patriotica, dizendo que, relativamente á sensibilidade mnesica e imaginativa a insanidade do espirito pode definir-se como a incapacidade de formação não só de conceito de um *totum obiectivum* de patria, como ainda da intuição da *cogitatio finis*, que dá ás representações uma ordem e sequencia determinadas, pelas quaes se constroe a synthese das sensações novas com as imagens antigas n'essa finalidade. O enfraquecimento da imagem mnesica denomina-se, como se sabe vulgarmente, de amnesia, que representa por vezes uma forma da *abulia* ou doença da vontade.

Da intervenção do intellectualismo no dominio do sentimento (n.º 22):

O intellectualismo, na sua tendencia invasora, pode ocupar successiva e simultaneamente o campo das representações e o campo da actividade do sentimento patriotico, por mais de uma via e forma de acção. Representa pois uma nocividade relativa.

Comecemos pelo caso extremo da theoria da sensibilidade «solidarista» entre os elementos universaes da humanidade, entre todos os homens, que certos declamadores se comprasem em proclamar com o titulo, emprestado a Guyau, de «Sociomorphismo universal». Na exacerbação d'este sentimentalismo internacional, as representações assimilaveis, segundo a theoria Herbatiana, a seres dynamicos independentes, repelem as representações, a ideação de sentimentos de patria por uma sorte de antagonismo de origem. A incompatibilidade, e portanto, a desaccumulação dos residuos d'este sentimento equivalente, pelos seus resultados, á constatação de um patriotismo constitucional, resistente ás acções inductoras, com que o meio opera, no sentido de excitar as reacções normalmente patrioticas.

Em contrario da acção latente do «Sociomorphismo universal» a influencia do habito, sómente expandido no campo litterario e artistico, não produz inhibição das reacções do sentimento, de que nos occupamos. Bem pelo contrario; e seria de extranhar, que os elementos poeticos observaveis e tão apreciados pela sensibilidade do gosto litterario no dominio do pensamento e da acção patriotica, não viessem dotados d'aquelle genio, que a expontaneidade presta sempre aos pensamentos que envolvem uma volição, e d'aquelle riqueza de imagens que os acompanha. No genero epico o intellectualismo realisa nas epocas, que marcam a historia heroica, a parte mais elevada da significação do espirito patriotico e perpetua pela intensidade da acção, n'esses periodos accumulada, a reserva, a po-

tencialidade poetico-patriotica das epocas vindouras. Tal nos lembra Camões, que «envilecidos espiritos levanta» (1).

Sobre o sentimento colectivo da finalidade (n.º 30):

Depois de concluido este trabalho tivemos ensejo de examinar o notavel estudo de Vieira de Almeida sobre *O sentimento colectivo da finalidade* (2). No nosso ensaio empregamos o termo finalidade como correspondendo a uma idéa necessaria, a uma constante da equação, que possa vincular o problema de totalidade, quando elle se exprima mais concretamente em dados de comunidade. Não tivemos de propor qualquer theoria sobre a significação e sentido do termo empregado e definido como «consciencia ou immanencia de uma direcção» e empregando esse termo como «uma primeira interpretação de phenomenos», como indica o Snr. V. de Almeida.

O trabalho de Vieira de Almeida, além de se apresentar com o cunho de uma sã tonalidade scientifica, mostra a penetração do seu pensamento, alliado a uma larga erudição no assumpto philosophico e ao uso de um curioso processo de forma dichotomica na analyse exhaustiva, que levou a cabo vigorosamente, concluindo, que a «finalidade, como uma realidade da consciencia», pela sua «importancia psychica e pelo seu valor biologico tem de ser um aspecto do problema do conhecimento».

Esta conclusão coliga-se com as que expomos na serie epistemologica, a que se refere o termo de «protensividade», aproveitado de W. Hamilton.

Sobre a repetição e invenção (n.ºs 13, 30, 32):

«A repetição dos phenomenos é uma lei universal». Tal é a formula, sob a qual o eminente philologo, F. Adolpho Coelho,

(1) T. BRAGA, in *Miragens seculares*.

(2) In *Revista de Historia* (publicada pela S. Portuguesa de Estudos Historicos sob a direcção do Prof. Fidelino de Figueiredo), n.º 7 e seguintes.

NOTAS

Prof. da Faculdade de Letras (1), affirma o principio phenomenal da tendencia á repetição.

Os casos de que ao presente tratamos, referem-se á repetição organica e sociologica, a qual se caracteriza, em parte, por attributos de hereditariedade, e em parte, por factores de imitação.

Não temos aqui de apreciar o phenomeno particular das tradições nacionaes, que tão bem estudado foi pelo mesmo insigne romanista. Passaremos, ainda que summariamente, a indicar os principaes topicos da «invenção», considerada em geral.

N'um meio politico-social (de uma nação), em determinada epoca, a que precederam factos preparatorios que só ao depois se reconhecem como influentes, pode surgir um impulso «creador» (Patten), ou iniciador, que cria o facto novo, promovendo-o e intuituando-o. Temos perante nós o dado da «invenção» ou a «inovação» (Tarde), denominações diversas que representam o mesmo phenomeno de desenvolvimento, de trophismo social ou de «Bathismo» (Ward). Este crescimento addiciona-se sociologicamente ao estado antecedente, o qual constitue uma accumulção de factos repetidos, integrando-se com elles n'uma forma compativel com o meio.

Appellidemos, como Lamark, de «exercício» o funcionamento biologico normal do aggregado organico. A' continuada normalidade da vida (social no nosso caso) pode succeder uma epoca de crise ou de variação dos movimentos internos ou da periphéria, patenteando-se então geralmente uma alteração extraordinaria de tudo quanto toca ao corpo social, uma accelevação, que corresponde á lei phenomenal, que H. Spencer denominou de «lei da multiplicação dos effeitos».

E n'este periodico critico, tal como se desenha ao surgir d'uma nova nacionalidade, ou no renascimento do progresso

(1) In *Revista Lusitana*, archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal, director: J. Leite de Vasconcellos, 1912, n.ºs 1, 2, 3 e 4, sob o titulo *O estudo das tradições populares nos paizes românticos*.

interno ou da expansão externa de um antigo povo, que o prestígio intellectual e volitivo de um ente de selecção ou de «eleição», se accentua. O agente dynamicó é a vontade, correspondente ao desejo concebido individualmente por essa nova energia específica. Mas logo se faz percebido globalmente pelo aggregado que o cerca, que lhe forma o ambiente e torna-se em esforço «conactó» ou synergico. Do lado do «inventor», do «inovador», do «impulsionador» o trabalho é para elle mesmo essencialmente heurístico, em contraposição com o dos elementos do aggregado (isto é, do povo), que é em geral o repetidor de tudo quanto antecede, como elemento historico do meio.

O heuristismo do inovador politico social consiste em apresentar ao «meio» a imagem d'um bem maior, engrandecida sob o impulso do proprio prestígio, e este é, por veses, grandemente acrescentado com a influencia de elementos novos e extranhos, que impulsionam o «meio». Os elementos extranhos pelo cruzamento futuro veem sempre avivar o sangue da descendencia, como estimulando o trophismo funcional. E justamente então que se verifica o principio de Ward de que sob o aspecto social o «homem transforma o meio» emquanto que biologicamente «o meio transforma o organismo».

O progresso n'este caso consiste em que, em volta da invariância característica da permanencia racial, as variações deem uma melhoria que se tradusa por uma adaptação ao ambiente que progrida no tempo.

Fóra das crises, mas contra o desejavel progresso, insurge-se «uma opposição a que se continue a modificação iniciada para a faser voltar á forma, ao typo anterior». Chamou-se a isto lei dos phenomenos reciprocos. Attribuiu-se á natureza uma especie de horror á variação, apesar de todas quantas ella mostra. Esta permanencia que se interpreta de «horror» corresponde sensivelmente, em a nossa applicação, ao termo «invariância», que a nosso ver exprime o facto capital do que permanece da raça, a travez das suas variações no tempo. Esta invariância representa a permanencia ou «repetição» do facto consumado, da differenciação primitiva ou das secundarias.

Sobre um caso particular de infiltração (n.º 38):

Tal é o caso, que a triste experiencia provou na Belgica, onde se vio «a mais espantosa, expoliadora e sanguinaria invasão, de que ha memoria, succedendo á mais sugadoura e continuada infiltração».

Esse longo martyrio Belga, dos dias de hoje, recorda a figura luminosa e heroica da Princeza D. Mathilde de Portugal (1) que aprendera com o Regio Pae em terras Portugaleses a lição de liberdade, que depois como mulher de Principe estrangeiro foi repetir em terras de Flandres. Terra infeliz, que a cubiça humana destinara a ser a ara, onde depois os torcionarios do Duque d'Alba e em dias de hoje os teutões afogam em sangue innocente o seu rancor odioso.

Tão livres, como de grandes paizes, as Patrias, que os tem pequenos, devem ser. Assim o proclama a consciencia universal e assim, nós todos o queremos.

De alguns trabalhos modernos em defesa da nacionalidade portugueza (n.º 40):

Na parte d'este ensaio que entra pelo problema da commnidade na experiencia dos nossos dias, a referencia ao notavel trabalho de Christovão Ayres intitulado *Pela patria, A conquista de Portugal* é gostosamente obrigatoria e um dever de gratidão dos patriotas, pois o illustre prosador e poeta repele n'esse trabalho os dizeres de um Iberico, D. Modesto Navarro, que «não acceita a theoria das nacionalidades mas insiste no exemplo da Alemanha...»

O trabalho do Snr. Christovão Ayres impresso em 1902 (2)

(1) Filha de Affonso Henriques, o preclaro fundador na nacionalidade portugueza. Vide o interessante estudo historico, que sob o titulo de *A Condessa Mahant* publicou em 1899 o insigne patriota e erudito, ao tempo secretario perpetuo da S. G. L., o saudoso Luciano Cordeiro.

(2) CHRISTOVÃO AYRES. *Pela Patria! A Conquista de Portugal*, Lisboa, 1902 — Antiga Casa Bertrand.

constitue uma obra de interesse permanente e no presente momento de interesse palpitante. Além de tudo mais, o trabalho do sr. Christovão Ayres attesta não só o «teor de espontaneidade» a que nos referimos a pag. 90 e que caracteriza a vitalidade da fé nacional, como também, a determinação e a desusada coragem de abordar o assumpto, não em abstrato mas em polemica concreta, contra um adversario da nacionalidade portugueza.



O Dr. Antonio Sardinha, no seu brilhante trabalho *O valor da raça*, propõe-se vericar alguns das condições da nacionalidade, desde a protohistoria da terra portuguesa, nos dados da sua communitade historica. Não procura demonstrar meticolosamente (pois iria fora do seu proposito), as particularidades da experiencia anthropologica, attendendo a que o seu ponto de vista deita para horisontes mais largos.

Sem que o talento e a vontade do auctor se tivessem querido entregar a qualquer proposito doutrinario, pode contudo reconhecer-se em toda a marcha d'essa obra, tão notavel e reconfortante, como é *O valor da raça*, que o contendo da questão, no dominio dos valores praticos da energia psychica dispendida, não é tanto a verdade, como dado ultimo a formular em conclusões definitivas, mas antes o *will te believe*, como denomina W. James esta profunda e sincera aspiração a uma crença real e formal, cujas consequencias praticas são muito mais amplas e profiquas, que a propria veracidade dos factos.

O valor da raça accentua, sem duvida alguma, a importancia e a concatenação dos alicerces historicos da nacionalidade e dá ao pensamento subjectivo aquella confiança, que, rapidamente, pode substituir, até com vantagem, a convicção radcada no conhecimento mais minucioso, mas não tão utilisavel dos problemas de origem. Assim a consequencia pratica de tão brilhante trabalho, é sem duvida um robustecimento e um esclarecimento prestado aos elementos da crença patrioti-

NOTAS

ca, e por tal feito, além dos elogios que lhe competem pelos primores litterarios da sua obra, o seu auctor bem merecendo ficou da patria portugueza.



Um trabalho mais recente comprova, sem duvida, que o sentimento patriotico e a consciencia intelligente da nacionalidade encontrou, na moderna geração de intellectuaes, um echo profundo e vibrante. Referimo-nos á impressão em volume da série de conferencias realizadas pelos respectivos auctores nas salas da «Liga Naval» e que foram interrompidas por uma acção sediciosa, talvez induzida por influencias mais ou menos longiquas da antiga hypocrisia politica, cuja manifestação externa actual se intitulou de «harmonia iberica».

Esta notavel obra de propaganda da nacionalidade comprehende as seguintes conferencias :

- O territorio e a raça*, por A. Sardinha.
- A lingua e a arte*, por Hypolito Raposo.
- Musica e instrumentos*, por Luiz de Freitas Branco.
- Aspectos economicos*, por José Pequito Rebello.
- Colonisações ibericas*, por Ruy Ennes Ulrich.
- Direito e Instituições*, por A. Xavier Cordeiro.
- Aspectos politico-militares*, por Vasco de Carvalho.
- Lição dos factos*, por Luiz d'Almeida Braga.

A defesa da nacionalidade encontrou n'esta notavel série de conferencias um corpo de doutrina, sobre o qual a Nação define a sua individualidade na experiencia historica e actual. O problema da communidade portugueza foi, assim pela primeira vez, encarado fóra do dominio affectivo, e transportado para o campo mais amplo e comprovativo da objectividade scientifica. Este trabalho de doutrina cumulativa é notabilissimo sob mais de um aspecto.

Em primeiro lugar, a riqueza de informação é curiosa e substancial e reina entre todos os seus elementos uma unidade impressionante. Tem-se como que a vizão de que a raça nacional accumulara durante um largo periodo as provas da sua estrutura já de longo tempo diferenciada, e das suas funcções politico sociaes experimentadas, e reconhecidas na consciencia nacional por mais de oito seculos de existencia, e que, entregara aos oito auctores a colheita da sua repetição secular, para que elles dessem aos habitantes da mesma unidade territorial o testemunho comprovativo da sua vida e da sua immortalidade.

A obra dos oito conferentes é um volume do Evangelho da actividade defensiva da Patria e para que nada lhe faltasse, n'elle se encontra uma grande riqueza de elementos poeticos e uma elegante forma litteraria. E aos seus benemeritos auctores não faltou tambem o odio e a perseguição d'aquelles, que ao bem da comunidade portugueza preferem a satisfação dos sentimentalismos particulares e do sectarismo decadente.

Sobre a necessidade do avigoramento evolutivo do sentimento patrio, exposta por Antonio Sergio (n.ºs 20, 42):

O presente ensaio representa como dissémos um simples trabalho de reflexão, que se elaborou sobre um minimo sufficiente de dados da experiencia. Terminado elle procurámos comparar os nossos resultados, com os que houvesse de outros auctores. Deparámos occasionalmente em primeiro lugar com o trabalho de Antonio Sergio na *Atlantida* n.ºs 16 e 17 e no n.º 11 a que os primeiros se referem.

Antonio Sergio, que, como autor da *Educação civica* (1),

(1) *Educação civica*, por A. Sergio. — Porto. Ed. da Renascença.

(2) *A função social dos estudantes* (conferencia realisada perante a federação academica em 3-3-917). — Porto. Ed. da Renascença.

única obra que delle conhecíamos, se revelara dotado de um vigoroso pensamento, não se desmentio nos referidos numeros da *Atlantida*. Nos n.^{os} 16 e 17 o assumpto estudado comprehendendo conjunctamente a educação civica, a liberdade e o patriotismo. Depois de mostrar, pela claresa da sua analyse, os absurdos de Rousseau, patenteando d'este modo a independencia da sua consciencia, A. Sergio aponta a necessidade de vitalisar o patriotismo da sociedade tradicionalista com a visão moderna da liberdade. Lembra, fundado numa acertada escolha dos textos dos *Lusiadas*, que a idea patriotica do tempo de Camões não é a mais propria dos modernos tempos, pois que, aquella epopea representa o «codigo perfeito do velho mundo», sem desconhecer contudo, que «o patriota antigo como o moderno batia-se por certos interesses fundamentaes». Mas, outros interesses movem o homem moderno, de modo que, «não é a fidelidade que o inspira», fidelidade que aliás define como não sendo a exclusiva a um chefe e que substitue pela que se deve á idea de direito e aos interesses da sua patria.

Julga completar o seu pensamento introducindo um «factor racional» em «proeminencia» na moderna «idea de Patria», não tanto como necessario, mas como dando a razão de uma multiplicitade de phenomenos que aponta, muitos d'elles contradictorios e postos em propositada opposição, o que provem da multiplicitade das origens. Por auctorizadas que ellas sejam não lhe fasem esquecer o poema de Camões, *Arca santa da lei antiga* na qual «não cabemos inteiramente porque alem de sermos da nossa terra precisamos ser do nosso tempo».

Insurge-se denodada e intelligentemente contra o «espectrismo» ou «historismo» quando elle signifique um desleixado e acomodaticio habito, ou cega e exclusiva dedicação pelas memorias do passado, em detrimento do civismo moderno e de quanto devemos á communidade que nos cerca, da qual fazemos parte e cuja honra e progresso a propria memoria do passado nos exige.

O valor e o vigor dos argumentos, servidos por um estylo claro e suggestionador dá a este trabalho uma unidade, que tra-

NOTAS

duz bem claramente as faculdades e o character d'elite do seu auctor.

Sobre um exemplo de novissima distribuição de forças de cohesão social (n.º 43):

Um systema de distribuição das forças cohesoras, da mesma direcção mas de sentido inverso, estabeleceu-se revolucionariamente na Russia no decurso do passado mez de Abril. As forças em vez de partirem de centros fixos estabeleceram-se sob o impulso conjuncto de um «parlamento de soldados e operarios» emanando d'esta massa cahotica de distribuição, para certos centros de pouca fixidez. E' evidente que a mudança formal da distribuição não implica por ella mesmo desequilibrio, mas este dá-se fatalmente pelo valor relativo do grupo de acções e reacções no tocante a intensidades e á categoria de qualidade d'essas forças.

A existencia de uma epoca de crise fará admittir, logicamente, a probabilidade de uma diminuição de cohesão normal nos elementos sociaes. Admittiremos uma desagregação, proveniente da tendencia do espirito individual a resolver, por si mesmo, o problema geral da communitade, sob a influencia dos factores da sua mentalidade particular, ou livre que seja, ou sob uma certa sugestão que lh'a faz suppor livre.

Ha portanto uma tendencia da energia do systema a degradar-se. A combinação dos elementos, ou das opiniões, no caminho de consolidação de uma nova aggregação desejavel, ou entrevista na athmosphera carregada do futuro, exige tempo, porque só uma selecção a poderá assegurar. As formas combinatorias exigem, como sempre, escolha de elementos geralmente dispersos, ou então compromettidos em outros agrupamentos.

Em tâes transes, um factor novo e importante pode entrar em campo, a influencia de um ambiente peripherico, fóra da linha de fronteira. Pode ella accentuar-se por duas formas: ou exercendo uma pressão, ou transmitindo energia.

NOTAS

A pressão de origem externa desperta geralmente a interna, actualizando as reservas obliteradas, em lethargo, ou desaproveitadas.

E' então que surge a «invenção» a forma individualizada do *incrementum momenti*.

Sobre a significação da phrase «alma collectiva» (n.º 44):

Assentamos toda a nossa convicção sociologica sobre a definição do individuo, como sendo uma instituição espiritual, que apresenta como ideal de vida a sua liberdade, como destinada ao bem commun. Fazendo parte de uma totalidade o factor individual não se destitue, permanece no magma social, cuja actividade se resume em unir, em certas communidades de fins, os factores livres do individualismo. Attribuimos pois uma base individualista ao pretendido pensamento social.

Esta liberdade reinvidicamos porque a sentimos, e livremente a usaremos no estudo dos problemas da sociedade humana, em communhão de espirito com outros, que se encontrem livres na mesma tendencia de acção.

Concebemos, como definição limitativa de consciencia social, em primeira approximação, o conjuncto dos sentimentos communs dos individuos, parte interessante de um grupo que se caracteriza pela homogeneidade dos fins. Aqui, admittimos como minimo dos elementos gregarios a mutua comprehensão da finalidade commun, como exigencia do grupo.

A consciencia global da sociedade tem de ser concebida como uma unidade collectiva da multiplicidade dos termos menores, que tendem a integrarem-se no conceitual, em rasão da continuidade do seu dynamismo proprio. Mas a continuidade do dynamismo dos elementos individuaes exige, que ella se represente por uma serie continuada e ininterrupta de phenomenos, intimamente relacionados e por tal modo, que a existencia de qualquer d'elles implique necessariamente a occlu-

são do phenomeno seguinte, a passagem para o immediato na serie.

O reconhecimento, pela consciencia global d'esta pluralidade continua em reserva de acção pode dar-lhe a propria segurança, para a efficacia dos actos futuros. E' sobre esta confiança e sobre a vigilancia exercida com as reservas de acção e com a capitalisação activa dos meios de defesa, que a consciencia social avalia a sua potencialidade contra a aggressividade externa.

Admittimos, n'outra esphera de conhecimento, a possibilidade de existencia de um sentimento colectivo, consciencia mais ou menos nebulosa, do que se poderia appellidar alma colectiva. Todavia, sempre que empregarmos este ultimo termo não lhe attribuiremos outra funcção discursiva, senão a de abreviar a expressão do pensamento.

Sobre os caracteres do optimismo (n.º 48):

Optimismo é o termo que designa um estado de espirito facilmente observavel, de boa disposição para melhor futurar o bem, do que o mal.

Duas feições caracterizam esse estado. Por um lado o optimista tende a libertar-se de um sentimento de oppressão, que lhe sugere o ambiente ou um dos lados mais sensiveis do meio, adquirindo para isso um estado de esperanza bem radcada sobre a natureza ou intensidade do perigo, o qual subjectivamente se minora ou se reduz a uma supposta facilidade de remoção. A perspectiva optimista addia tambem o momento da crise e facilmente impõe *in mente* do obstaculo inimigo uma facil destruição.

Outra forma mais experimentada do optimismo provem de uma reserva de alento com a apparencia de um vigor remanescente de luctas anteriores. Vem geralmente acompanhado d'uma mais clara vizão da realidade e dos meios de conjurar os perigos, pelas formas que a historia sugere, acompanhada

da memoria dos meios de defesa, que procura, na grandeza da alma e na imaginação creadora, o seu fundamento e os seus verdadeiros recursos occasionaes. Esta segunda feição de optimismo representa uma especie de vitalidade prognosticada, ou em ser, prenuncio que serve de verdadeira base de operações para uma acção dirigida ou concertada contra o perigo periphérico. E' com este optimismo mais lucido, que tem de contar-se para a victoria e que no derradeiro lance fazia dizer aos romanos *Victi vincerimus*.

Em contraposição ao optimismo, o pessimismo, que affirma a proxima destruição de todas as esperanças, provem de uma incapacidade para encarar os perigos de frente, nascida simultaneamente das faltas basilares, que se designam por obtusidade, e covardia. Outro pessimismo, mais attendivel, provem do conhecimento mais profundo de certos pormenores do perigo, que não escapa contudo ás almas valorosas, mas que ellas sabem evitar ao conhecimento da communitade, até á occasião opportuna do esforço se applicar.

Da grandeza do problema mental de uma totalidade unitaria (n.º 50):

Este magno assumpto, que sobre todos nos occupa, constitue um problema de unidade e de totalidade.

O problema de unidade não se limita á parte, que respeita á realisação, ao inicio da formação ou á segregação mais observavel de um aggregado, de entre um aggregado maior. Estende-se, e accentua-se principalmente, sobre a noção de continuação e perpetuação do nucleo da primitiva formação. A sua essencia reside portanto na perpetuação de uma unidade.

A perpetuação de uma unidade de aggregação solicita para o convivio do pensamento a ideia de finalidade e d'ahi fica implicado o complexo de condições de realisação. Caminha portanto, connexo com este pensamento, a idea tacita mas activa de causalidade. Taes são os dados basilares, que occupam o

NOTAS

campo do pensamento, agitando-o para a solução tão sómente do problema da unidade.

A idea da totalidade assegura, por outro lado, ao problema aquelle cunho de grandeza, que provem da ligação íntima e profunda da variedade possivelmente extrema das partes, com a unidade de um todo.

Alguma cousa de ultra material existe n'elle, alguma cousa de universal, pairando acima da vulgaridade fragmentada da observavel, que nos approxima, a nós espiritalistas e crentes da immortalidade, d'aquella magestade, que reside para alem d'este mundo de contingencia. Que maior aspiração pode ser dada aos mortaes, que a convicção do poder da vontade commum, perfazendo a perpetua successão da continuidade da Patria bem amada, por ella mesma, e como symbolo christão e humano da Patria Eterna?

Sobre a interpretação do Absoluto e de alguns dos seus aspectos (n.º 68):

Não tratámos aqui o absoluto como entidade existente, mas tão sómente, alludimos a elle como dominio de abstracção e da idéa respectiva. Este dominio é tal, que não se definindo por si mesmo, todavia as proposições adquirem n'elle uma tal necessidade subjectiva e objectiva, que não podem deixar de ser exactamente o que exprimem. Por outros termos: poderemos dizer e affirmar desde já, por uma especie de prolepse, que o absoluto exprime a constancia, a invariabilidade necessaria em determinadas relações, entre as cousas ou entre as idéas. Portanto referimos a noção de absoluto á percepção externa e seguidamente á interna.

O absoluto tem para nós o significado de uma relação abstracta cuja dependencia é limitada sómente á consideração, que é tomada como proprio termo d'essa relação. Assim, na affirmativa de que «o todo é maior que as partes» a idéa absoluta de «totalidade» é independente das cousas d'essa totali-

NOTAS

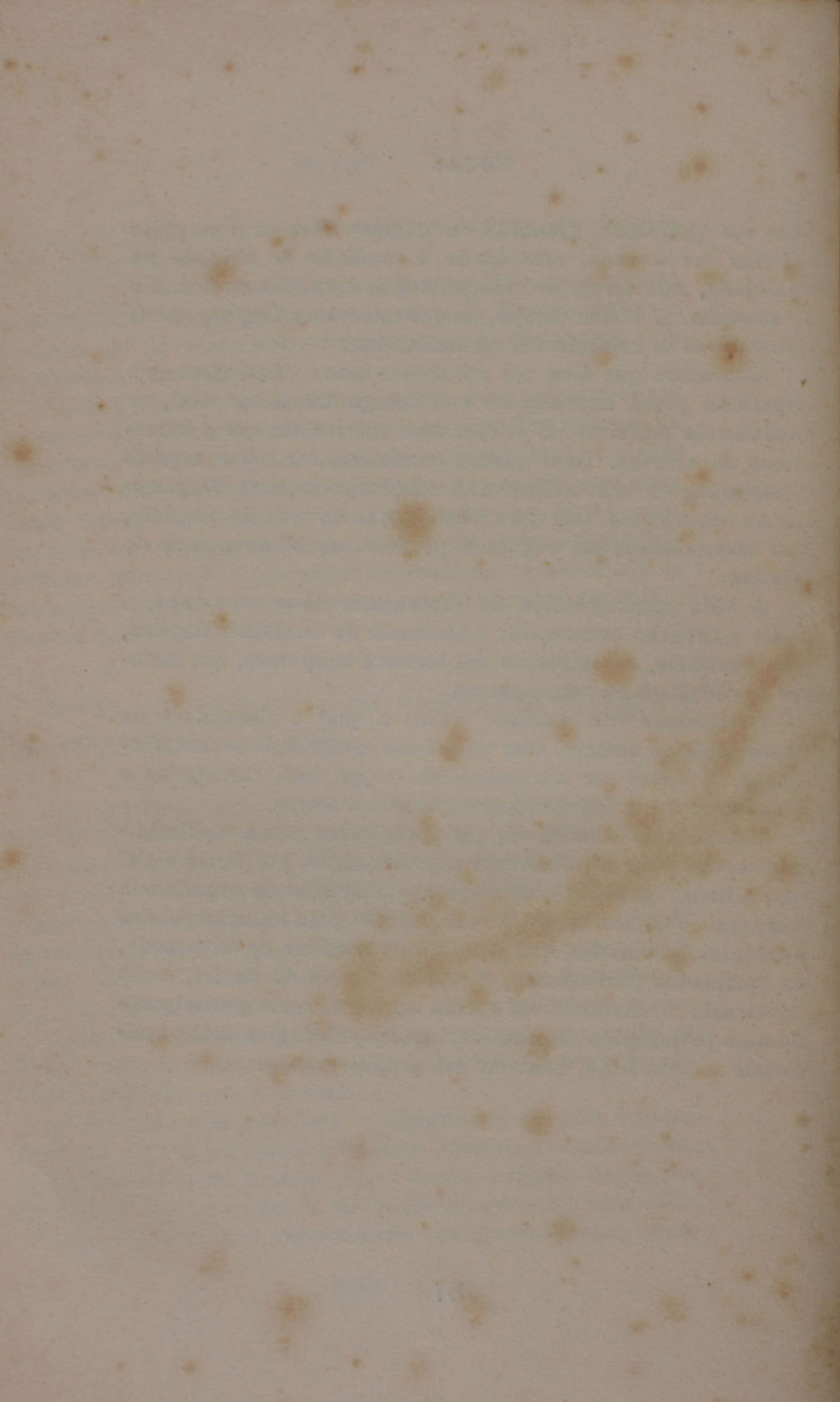
dade em qualidade, grandeza ou numero. Mas se o conceito anterior for tomado, attendendo á condição de unidade na totalidade, este termo de relação define esta idéa no dominio do absoluto. E' n'este campo, em que intervem a Logica, que as affirmativas se estabelecem racionalmente.

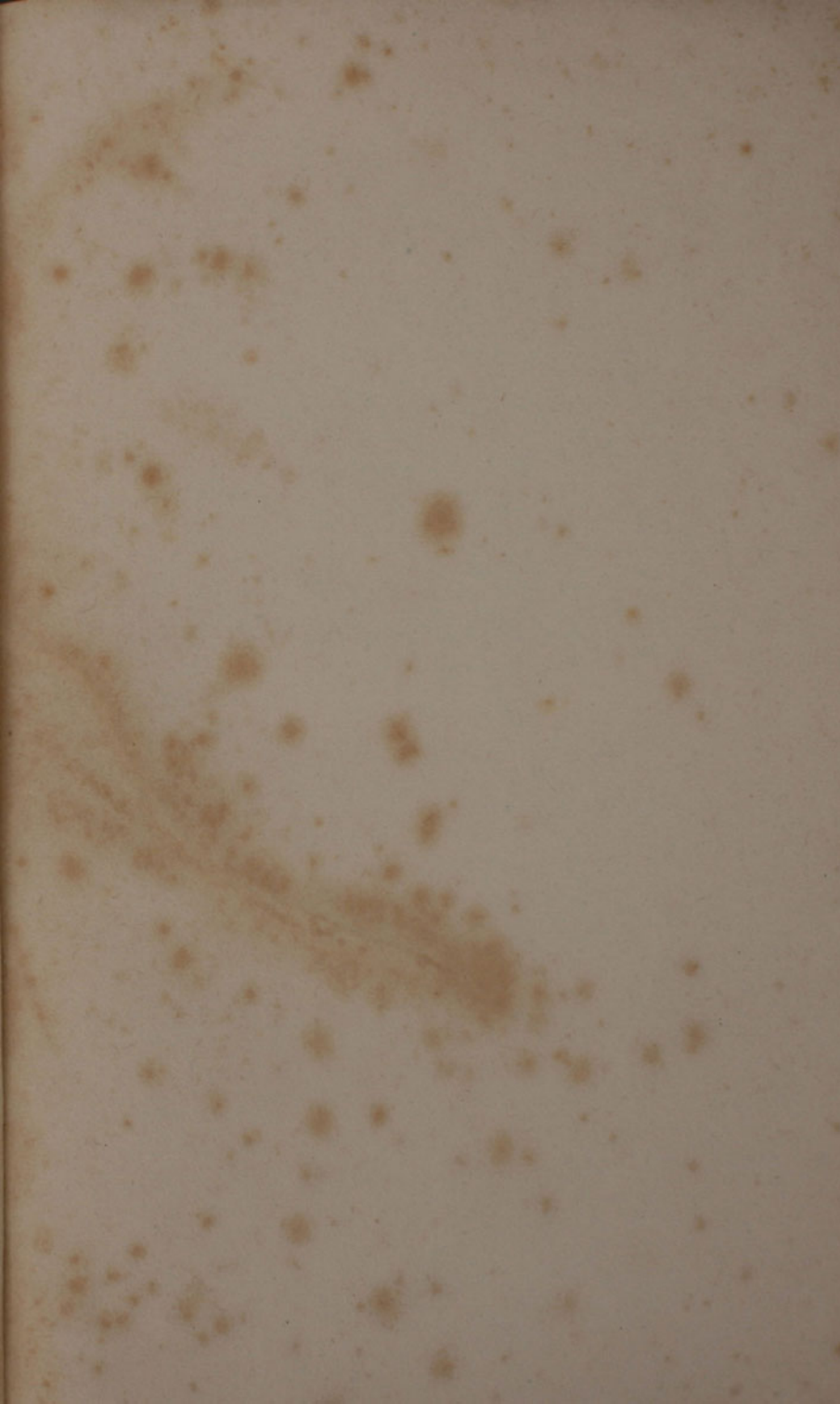
Admitimos que fóra das antitheses todo o contingente e o imperfeito possa encerrar no seu amago um factor vital, no caminho da perfeição. E' n'esta zona intermedia que o humanismo se affirma. Tudo quanto admissivel for sob o aspecto epistemologico como addunado á verdade, comquanto fragmentar na experiencia, tem uma participação na vida do absoluto, mas terminantemente negamos que este seja o sommatorio do relativo.

A vida contradictoria da experiencia dá-se no tempo, e d'elle é funcção necessaria; a harmonia da totalidade implica, pelo contrario, a eliminação dos factores temporaes, dos factores particulares da contingencia.

O absoluto é a unidade, sohre a qual a pluralidade da experiencia se abstrae, com quaesquer diversidade de transformação. E sobre ser ultra-espacial, o que mais caracteriza o Absoluto é a sua independencia perante o tempo.

A tendencia irresistivel, que possa haver para a verificação das verdades no Absoluto não se pode julgar, por forma alguma, alliada, ipso facto, ao sceptismo, sugerido da experiencia temporal. Pode-se explicar esta posição pela intervenção das analogias mecanistas, que permittiram verificar, de certo modo, as realidades particulares, n'esta tendencia do auctor, como adversario irreductivel da escola sceptica, como participante de uma philosophia affirmativa, logar psychologico onde o optimismo se reconhece, como no seu proprio campo.







DO MESMO AUCTOR

Congresso Marítimo Nacional de 1902 (Promovido e dirigido pela Liga Naval Portuguesa). Impulsio-namento do Yachting Nacional. Sua utilização na organização da reserva naval. Comunicação apresentada em nome da Real Associação Naval. — *La Becarre* — Lisboa, 1902.

A Patria nos canticos de seus filhos, primores da poesia da Patria Portuguesa compilados e precedidos de uma introdução sobre o sentimento do amor patrio, por *Gonçalo R. do Amaral* (Pseudonymo). — *Libraria Classica Editora*, de A. M. Teixeira — 1915.

EM PREPARAÇÃO

A Nacionalidade Portuguesa.